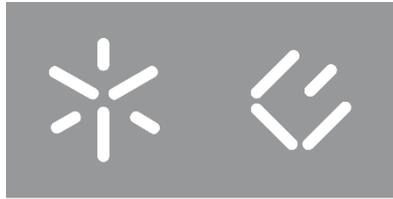




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Isabel Mendes Oliveira

A Covid-19 e as implicações no Ensino Superior



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Isabel Mendes Oliveira

A Covid-19 e as implicações no Ensino Superior

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia com especialização em
Políticas Sociais

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Luís Manuel Jesus Cunha



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal
CC BY-NC-SA

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Agradecimentos

Antes de prosseguir com a Dissertação de Mestrado, não poderei deixar de agradecer a algumas pessoas e instituições que colaboraram para que a dissertação que apresento seja possível.

Primeiramente quero agradecer aos meus Pais por todo o apoio e carinho demonstrado ao longo do meu percurso académico e por me proporcionarem frequentar o ensino superior, que se tornou um dos períodos mais desafiantes da minha vida. Vocês são a minha inspiração! Obrigada por me deixarem sempre sonhar!

Ao meu Orientador, o Professor Luís pela paciência, pela simpatia, pela dedicação, pela preocupação que demonstrou e pela ajuda que me prestou para que a elaboração deste trabalho fosse possível.

Ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e a todos os docentes da licenciatura e mestrado em Sociologia, por todo o conhecimento transmitido durante estes 5 anos.

Aos entrevistados, que despenderam do seu tempo para me ajudar a concluir este projeto.

A todos o meu sincero obrigada!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A covid-19 e as implicações no ensino superior

Resumo

A Covid-19, nos últimos dois anos, alterou o modo como vivemos e nos comportamos em sociedade. A forma como se leciona e aprende foi completamente alterada e foi necessária uma adaptação por todos os envolvidos no meio académico. Para além disso, as implicações causadas por esta doença não se aplicam apenas à área da saúde, mas também a outras vertentes como as sociais e económicas. Por este e por outros motivos, é necessário compreender as suas implicações e as suas características.

A metodologia utilizada nesta dissertação de mestrado é de carácter qualitativa e a técnica de recolha de informação usada é a realização de entrevistas semiestruturadas. Com um total de sete entrevistas realizadas, a sua análise permitir-me-á estudar o fenómeno com o objetivo de perceber até que ponto a pandemia de Sars-Cov-2 fez alterar as desigualdades sociais no acesso à educação dos alunos da Universidade do Minho.

Com este projeto de investigação conseguirei analisar um fenómeno recente e pouco estudado, possibilitando o auxílio no estudo das suas implicações no ensino superior.

Palavras-chave

Covid-19; Universidade do Minho; Ensino Superior; Desigualdades Sociais; Acesso à educação

Covid-19 and the implications on Higher Education

Abstract

Covid-19, in the last two years, has changed the way we live and behave in society. The way in which teaching and learning was completely changed and an adaptation was necessary by all those involved in the academic environment. In addition, the impacts caused by this disease do not apply only to the health area, but also to other aspects such as social and economic. For this and other reasons, it is necessary to understand its implications and characteristics.

The methodology used in this master's dissertation is of a qualitative nature and the information collection technique used is semi-structured interviews. With a total of seven interviews carried out, their analysis will allow me to study the phenomenon in order to understand to what extent the Sars-Cov-2 pandemic has changed social inequalities in access to education for students at the University of Minho.

With this research project I was able to draw some conclusions that can help the study of this phenomenon.

Keywords

Covid-19; University of Minho; higher education; social differences; access to education

Índice

Agradecimentos.....	5
A covid-19 e as implicações no ensino superior.....	7
Resumo	7
Palavras-chave.....	7
Covid-19 and the implications on Higher Education	8
Abstract	8
Keywords	8
Índice de tabelas.....	11
I. Introdução.....	12
II. Enquadramento teórico	14
1. Desigualdades Sociais	14
1.1. Conceito de desigualdade social	14
1.2. A educação e as desigualdades sociais.....	18
2. Educação	20
2.1. O ensino superior	23
3. A pandemia de SARS-COV-2	24
4. A escolha da Universidade do Minho	32
III. Objetivos do estudo	33
IV. Metodologia	34
1. Metodologias Qualitativas	34
1.1. Entrevistas Semiestruturadas.....	35
V. Caracterização dos entrevistados.....	37
VI. Técnica de análise de conteúdo	39
1. Análise das entrevistas	39
1.1. A aprendizagem e o nível de ensino durante o período pandémico	40

1.2.	A qualidade do ensino superior devido aos constrangimentos da pandemia.....	45
1.3.	As medidas tomadas pela Universidade do Minho.....	48
1.4.	Adaptação aos meios métodos de ensino à distância	52
1.5.	Os conhecimentos mais práticos do curso durante os últimos 2 anos letivos	58
1.6.	O pensamento de abandonar os estudos	62
1.7.	As perceções das desigualdades sociais com reflexo no ensino superior	66
1.8.	As implicações sociais e económicas no acesso à educação durante o Covid-19	71
1.9.	A saúde mental dos alunos universitários durante a pandemia	76
1.10.	As alterações na socialização durante os confinamentos	83
2.	Considerações finais da análise das entrevistas.....	89
VII.	Conclusão.....	93
	Bibliografia.....	95
	Anexos	99
	Anexo 1 - Termo de consentimento informado.....	99
	Anexo 2 - Guia da entrevista	101
	Anexo 3 - Entrevistado A - Entrevista a aluno de mestrado em Sociologia.....	103
	Anexo 4 - Entrevistado B - Entrevista a aluna do 3ºano da licenciatura em Sociologia	112
	Anexo 5 - Entrevistado C - Entrevista a aluna do 3ºano da licenciatura em Química ..	120
	Anexo 6 - Entrevistada D - Entrevista a aluna do mestrado em Educação Básica	129
	Anexo 7 - Entrevistado E - Entrevista a aluno do mestrado em Relações Internacionais	136
	Anexo 8 - Entrevistada F - Entrevista com aluna do mestrado em Psicologia Clínica...	147
	Anexo 9 - Entrevistada G - Entrevista a aluna do 3ºano da licenciatura em Psicologia	157

Índice de tabelas

Tabela 1 – Opinião sobre a qualidade do ensino superior devido aos constrangimentos da pandemia.....	48
Tabela 2 – Opinião sobre as medidas tomadas pela Universidade do Minho	52
Tabela 3 - Como os entrevistados se adaptaram aos meios e métodos de ensino à distância	57
Tabela 4 - Opinião dos entrevistados sobre se adaptação foi mais complicada no 1º ou 2º confinamentos	58
Tabela 5 - Opinião sobre o pensamento de abandonar os estudos	66
Tabela 6 - Opinião dos entrevistados sobre o agravamento das desigualdades sociais com reflexos na frequência do ensino superior	71
Tabela 7 - Opinião dos entrevistados sobre a saúde mental dos estudantes universitários durante os confinamentos	83
Tabela 8 - Opinião dos entrevistados sobre as alterações na socialização durante os confinamentos	88

I. Introdução

A presente tese de dissertação foi realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia com especialização em Políticas Sociais, lecionado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Este trabalho foi elaborado tendo por base uma temática da minha preferência, tendo então escolhido a temática da Covid-19 e as implicações no acesso à educação dos alunos da Universidade do Minho.

Antes de prosseguir com a investigação defini uma pergunta de partida: Quais as implicações, nomeadamente de carácter socioeconómicos que a pandemia de SARS-COV-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior na Universidade do Minho? Para dar resposta a esta questão elaborei um objetivo geral e cinco objetivos específicos. Quando ao objetivo geral desta investigação é o de Percecionar se com a pandemia de SARS-COV-2 houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior.

Relativamente aos cinco objetivos específicos desenvolvidos para esta investigação, o primeiro deles é o de perceber se os cursos com vertentes mais práticas tiveram o seu processo de aprendizagem mais afetado. O segundo desses objetivos trata das medidas desenvolvidas pela Universidade do Minho no combate às desigualdades no acesso às aulas. O terceiro objetivo é o de analisar se a pandemia afetou a aprendizagem dos alunos da Universidade do Minho. O quarto objetivo é o de tentar perceber se os alunos da Universidade do Minho pensaram em abandonar os estudos por causa da pandemia. Por fim, o último objetivo visa perceber como foi a adaptação aos meios de ensino à distância e se essa adaptação foi mais complicada no primeiro ou no segundo confinamento.

Esta dissertação de mestrado está dividida em duas grandes partes a do enquadramento teórico das temáticas tratadas e a análise de conteúdo das entrevistas realizadas. Quanto ao enquadramento teórico, este aborda a questão das desigualdades sociais, onde é aprofundado o conceito e é feita uma relação entre a educação e as desigualdades sociais. Segue-se a parte da educação onde é apresentado o conceito, o sistema educativo e o ensino superior. No ponto seguinte a temática tratada é a pandemia de Sars-Cov-2, a sua evolução e as decisões que foram tomadas e afetavam diretamente a Universidade do Minho, para além disso é ainda abordado as implicações da pandemia no ensino superior. Procuro ainda justificar a escolha da Universidade do Minho para a realização deste estudo.

Segue-se uma breve descrição da metodologia escolhida e o porquê da sua escolha e a caracterização da técnica de recolha de informação escolhida, ou seja, as entrevistas semiestruturadas. No seguimento, apresento uma caracterização dos sete entrevistados.

Quando à técnica de análise de conteúdo inicialmente é feita uma breve descrição do processo e os objetivos que pretende atingir como essa análise. A análise das entrevistas é dividida em dez temáticas diferente, com o objetivo de dar resposta à pergunta de partida previamente definida e cumprir os seis objetivos estabelecidos.

A primeira das temáticas analisa é a aprendizagem e o nível de ensino durante o período pandémico. O segundo ponto analisado é o da qualidade do ensino superior devido aos constrangimentos da pandemia. O terceiro ponto trata das medidas tomadas pela Universidade do Minho. O quarto aspeto refere-se à adaptação dos entrevistados aos meios e métodos de ensino à distância. O quinto ponto trata da aprendizagem dos conhecimentos mais práticos dos cursos que os entrevistados frequentam. A sexta temática analisa o pensamento de abandonar os estudos. O sétimo ponto trata das perceções das desigualdades sociais com reflexo no ensino superior. O oitavo aspeto aborda as implicações sociais e económicos no acesso ao ensino superior. A nona temática abordada é a saúde mental dos alunos universitários e o impacto dos confinamentos na mesma. O último aspeto tratado é as alterações na socialização durante os confinamentos e as alterações no regresso à normalidade. São ainda apresentadas as considerações finais sobre os assuntos tratados na análise de conteúdo.

II. Enquadramento teórico

A situação em que o mundo se encontra, atravessando um dos períodos mais desafiantes dos últimos tempos, com a pandemia de Sars-Cov-2, é algo que considero que deva ser estudado pelos sociólogos. Para além dessa temática, a educação, nomeadamente a de nível superior, é um tema pelo qual desenvolvi interesse durante a minha licenciatura, a que se junta o tema das desigualdades sociais, pelo qual tenho igualmente interesse. Como tal, quando se tratou de idealizar a junção destes temas tornou-se um importante ponto de partida o desenvolvimento da minha pergunta de partida que está estruturada da seguinte forma: **Quais as implicações, nomeadamente de carácter socioeconómicos que a pandemia de Sars-Cov-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior na Universidade do Minho?** Questão já por si de resposta complexa, mas que se desdobra numa outra ainda mais desafiante:

Até que ponto a pandemia de Sars-Cov-2 fez alterar as desigualdades sociais no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho?

Para responder a estas questões, é importante começar por discutir e entender dois conceitos, o de desigualdades sociais e, o de educação, articulando-os depois com um evento epidémico, o do COVID-19.

1. Desigualdades Sociais

1.1. Conceito de desigualdade social

O conceito de desigualdade social não é novo. É uma temática largamente debatida ao longo da história. Se recuarmos até à Revolução Francesa, os princípios defendidos eram a liberdade a igualdade e a fraternidade. A própria Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão proclamada a 26 de agosto de 1789 defendia a igualdade e a liberdade dos homens. Para além destes dois momentos históricos vários pensadores debateram sobre o conceito de desigualdades sociais, fosse procurando as melhores formas de combater, fosse para defender a sua inevitabilidade. Sempre debatida e estudada, a temática da desigualdade social ganhou particular relevância com a pandemia, causadora de perda de emprego e redução no rendimento, obrigando a considerá-la questão central para a análise e estudo das consequências da pandemia de Sars-Cov-2.

Quanto ao conceito de desigualdade social ele será inicialmente desenvolvido tendo por base o livro intitulado “Desigualdades Sociais e Políticas Públicas” (Gomes, et al., 2018) onde esta temática é largamente desenvolvida. A desigualdade social foi entendida por Rousseau na sua obra *Origem e fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755) de duas formas distintas, uma que ele denomina de “desigualdade natural ou física, porque é estabelecida pela natureza e consiste nas diferenças de idade, saúde, força do corpo e pelas qualidades do espírito ou alma” (Bader & Benschop, 2018, p. 28), quanto à outra forma entende-a como sendo uma desigualdade de caráter moral ou política, uma vez que está sujeita à validação das pessoas e consiste “nos diferentes privilégios de que gozam alguns em detrimento de outros, tais como serem mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que outros, ou mesmo estarem em condições de se fazerem obedecer.” (Bader & Benschop, 2018, p. 28)

Outra definição, apresentada pelos autores Veit Bader e Albert Benschop é bem mais recente e foi defendida por Dahrendorf (1966), que entende as desigualdades sociais a partir de dois eixos. No primeiro as desigualdades são entendidas como “desigualdades por características naturais dos indivíduos e desigualdades relativas à posição social” (Bader & Benschop, 2018, p. 28), onde as “pessoas [se] diferenciam umas das outras por características herdadas, inatas ou adquiridas. Esta *diversidade natural* é sobretudo determinada por resultados contingentes de dupla raiz genética.” (Bader & Benschop, 2018, p. 28) O segundo eixo aponta as “desigualdades às quais não está associada qualquer valorização e desigualdades socialmente valorizadas” (Bader & Benschop, 2018, p. 28), nas quais, por exemplo, a “divisão do trabalho e a diferenciação de papéis conduzem a diferentes tipos de atividades e posições sociais.” (Bader & Benschop, 2018, p. 28).

Para Fernando Luís Machado podemos definir o conceito de desigualdade social como “diferenças sistemáticas e persistentes de acesso a bens, recursos e oportunidades, que se estabelecem entre pessoas, grupos sociais ou mesmo populações inteiras.” (Machado, 2015, p. 298).

Para o autor as diferenças “de acesso a bens, recursos e oportunidades existem independentemente dos talentos, capacidades e desempenhos individuais.” (Machado, 2015, p. 298) O autor procura explicar que o acesso a bens não está dependente das suas aptidões para realizar uma determinada atividade, uma vez que no seu entender há pessoas com aptidões e desempenhos notáveis, mas que terão dificuldades em aceder a “bens, recursos e

oportunidades” e outros indivíduos que apesar de terem aptidões e desempenhos de pouco destaque conseguirão aceder a esses “bens, recursos e oportunidades” com muito mais facilidade. (Machado, 2015, p. 298)

Num dado momento do artigo o autor diferencia os tipos de desigualdade social, referindo-se ao conceito no plural, ou seja, desigualdades sociais,

“uma vez que elas assumem múltiplas formas e têm mecanismos geradores diferenciados. Para exprimir esta pluralidade os sociólogos falam de multidimensionalidade das desigualdades sociais. As desigualdades sociais podem ser de classe, étnico-raciais ou de género. Estas três estão entre as principais dimensões das desigualdades sociais. Numa abordagem mais sistemática e completa podemos seguir a classificação estabelecida pelo sociólogo sueco Goran Therborn e falar de três grandes tipos de desigualdades sociais: desigualdades vitais, desigualdades existenciais e desigualdades de recursos.” (Machado, 2015, p. 301)

O autor explica as desigualdades vitais como sendo desigualdades “perante a vida e a morte, decorrentes de diferentes graus de exposição a riscos fatais” (Machado, 2015, p. 301). Estas desigualdades podem ser medidas através da Esperança Média de Vida, que reflete, por exemplo, o acesso a recursos ou os níveis de mortalidade infantil. (Machado, 2015, p. 301)

As diferenças existenciais referem-se ao “reconhecimento de cada ser humano enquanto pessoa, da possibilidade de cada um progredir livremente projetos de vida, do acesso a direitos, do direito ao respeito dos outros.” (Machado, 2015, p. 301)

Por sua vez as desigualdades de recurso Influenciam “diretamente a formação das desigualdades vitais e das desigualdades existenciais” (Machado, 2015, p. 302). Os recursos a que o autor se refere são “o rendimento, a escolaridade, as qualificações profissionais, a autoridade nas organizações, o capital social, o poder.” (Machado, 2015, p. 302) Para o autor o rendimento não pode ser o único recurso a ter em conta, nas sociedades de hoje em dia, os recursos acima mencionados assumem um papel tão relevante como o rendimento.

Quando assistimos a desigualdades sociais “sistemáticas e persistentes” estas tendem a formar “categorias sociais duradouras, que podem ser categorias de classe, de género, étnico raciais, *status* de idade ou outras.” (Machado, 2015, p. 302). Para o autor o facto de se pertencer a categorias sociais “condiciona o destino individual dos seus membros.” (Machado, 2015, p. 303) As categorias perpetuam-se quanto mais enraizadas estiverem as desigualdades, condicionando o futuro dos indivíduos está “socialmente condicionado, no sentido da

conservação de vantagens ou da conservação de desvantagens.” (Machado, 2015, p. 303) O autor aborda ainda o facto dessa formação duradoura de categorias sociais introduzir “rigidez na sociedade” (Machado, 2015, p. 303) impedindo em último caso a mobilidade social.

Uma outra perspetiva para entender o conceito de desigualdades sociais é o princípio de justiça defendido por John Rawls. O autor define dois princípios de justiça, a primeira forma de justiça o autor entende como sendo o de cada pessoa “ter um direito igual ao mais abrangente sistema de liberdades básicas iguais que seja compatível com um sistema semelhante de liberdade para as outras.” (Rawls, 2000, p. 64) O segundo entendimento de justiça social é o de que “as desigualdades sociais e económicas devem ser ordenadas de tal modo que sejam ao mesmo tempo (a) consideradas como vantajosas para todos dentro dos limites do razoável, e (b) vinculadas a posições e cargos acessíveis a todos.” (Rawls, 2000, p. 64)

É importante realçar que os dois princípios definidos pelo autor se aplicam à “estrutura básica da sociedade, governam a atribuição de direitos e deveres e regulam as vantagens económicas e sociais” (Rawls, 2000, p. 64). Atendendo aquilo que o autor defende nos dois princípios acima apresentados é necessário que a “estrutura social seja entendida como tendo duas partes mais o menos distintas” (Rawls, 2000, p. 64), onde o “primeiro princípio se aplicando a uma delas e o segundo princípio à outra.” (Rawls, 2000, p. 64) Desta forma é possível distinguir-se os “aspectos do sistema social que definem e asseguram liberdades básicas iguais” (Rawls, 2000, pp. 64-65), dos “aspectos que especificam e estabelecem as desigualdades económicas e sociais.” (Rawls, 2000, p. 65)

O segundo princípio abordado pelo autor é o mais relevante para este trabalho e é sobre esse que me irei debruçar. Para o autor o segundo princípio incide sobre a “distribuição de renda e de riqueza e ao escopo das organizações que fazem uso de diferenças de autoridade e de responsabilidade.” (Rawls, 2000, p. 65) O autor considera que a distribuição da riqueza e do rendimento não tem necessariamente de ser igual, mas tem que ser vantajosa para todos os lados e as possibilidades de poder tem que ser acessíveis a todos. (Rawls, 2000, p. 65)

Mas quando tal distribuição não ocorre de forma justa, o autor aborda o conceito de injustiça, onde afirma que este “se constitui de desigualdades que não beneficiam a todos.” (Rawls, 2000, p. 66) Assim sendo, podemos entender uma injustiça como uma desigualdade.

Analisando a ideia do autor, é possível perceber que sem justiça social, o combate às desigualdades sociais é extremamente complicado.

Para este trabalho o conceito de desigualdades sociais que considero mais relevante e que irei aplicar é o desenvolvido por Fernando Luís Machado no seu trabalho “Desigualdades sociais no mundo atual: teoria e ilustrações empíricas”.

1.2. A educação e as desigualdades sociais

Fernando Luís Machado vai um pouco mais longe e aborda esta temática das desigualdades no que à educação diz respeito. Recorrendo a Pierre Bourdieu, o autor refere que os estudantes oriundos de famílias com mais recursos económicos e culturais “estão mais bem equipados para enfrentarem a instituição escolar e os seus procedimentos de avaliação e certificação”. (Machado, 2015, p. 299) Relativamente ao capital cultural, o autor refere o nível escolar dos pais, os bens culturais que podem aceder em casa ou mesmo aqueles que acedem fora de casa, para o autor tornam-se em “capital escolar”, que vai auxiliar os “trajetos escolares longos e bem-sucedidos”. (Machado, 2015, p. 299).

Quanto aos jovens originários de “minorias étnico-raciais desfavorecidas têm menos probabilidade de conseguir desempenhos escolares de alto nível, dadas as carências económicas e culturais que os limitam, carências que só doses altas de talento e esforço individual podem permitir suportar.” (Machado, 2015, p. 299) Outra das questões abordadas pelo autor, é a questão do género e o impacto que isso pode ter no desenvolvimento escolar, uma vez que nos países mais ricos e desenvolvidos, no que ao desempenho académico diz respeito, as raparigas levam vantagem face aos rapazes, não se verificando o mesmo em outras partes do globo, onde as raparigas por “efeitos socioculturais” não se destacam a nível académico e muitas vezes verifica-se o impedimento das mesmas frequentarem uma escola. (Machado, 2015, p. 299)

Atendendo ao conceito de desigualdades sociais, importa perceber as causas dessas desigualdades e da igualdade de oportunidades. Para o autor, no mundo em que vivemos os sistemas de ensino são um importante disseminador para a mobilidade social. Esta questão é possível perceber analisando o caso português, onde, com a democratização do ensino, a possibilidade de mobilidade social aumentou largamente, permitindo a pessoas provenientes de famílias menos endinheiradas escolarizarem-se e atingir empregos melhores e com um

rendimento superior. (Machado, 2015, p. 307) Um exemplo dado pelo autor, para o facto de a escola promover a igualdade de oportunidades e a mobilidade social é o facto de muitos jovens completarem o grau de ensino superior tendo os pais desses alunos o quarto ou sexto ano de escolaridade ou sendo mesmo iletrados.

Mas a escola também é um meio de propagação das desigualdades sociais, uma vez que a escola

“se coloca em linha de continuidade com os estudantes das famílias com maior capital cultural, que estão a parte dos códigos e linguagens escolares porque os herdaram das suas famílias, e em linha de rutura com os estudantes de meios populares, destituídos de capital cultural, para quem esses códigos e linguagens não estão previamente adquiridos nem fluem com naturalidade.” (Machado, 2015, p. 308)

Para além da escola, a economia e o mercado de trabalho são causadores das desigualdades sociais e ao mesmo tempo proporcionam igualdade de oportunidades. Basta perceber que quando há crescimento económico todos ganham, mesmo que os ganhos desse crescimento não sejam iguais para todos os indivíduos, todos receberão mais. O autor enumera algumas consequências positivas do crescimento económico entre elas “a redução do desemprego, o aumento do número de novos empregos criados, a possibilidade de crescimento dos salários e, por esse intermédio, a existência de maior rendimento disponível para as classes assalariadas em geral.” (Machado, 2015, p. 308). Por sua vez, quando há uma estagnação, ou decréscimo da economia as consequências são “o desemprego, as reduções salariais e a degradação da qualidade do emprego, realidades que penalizam aqueles que dependem dos seus salários para viver, e eles constituem a enorme maioria da população ativa nas economias de mercado consolidadas.” (Machado, 2015, p. 308). Mas para o autor o desemprego “é um fator direto [de] desigualdade social.” (Machado, 2015, p. 312) As pessoas desempregadas veem os seus rendimentos reduzidos e por consequência as suas condições de vida afetadas, e como efeito os seus filhos podem ser obrigados a desistir dos estudos por questões económicas. (Machado, 2015, p. 312)

Os valores culturais dominantes em cada sociedade tanto podem beneficiar a igualdade de oportunidades como agir a favor das desigualdades sociais. Para o autor “essa interferência existe sempre que os valores culturais predominantes numa sociedade ou em grupos sociais específicos favoreçam práticas de igualdade de tratamento e de justiça social” (Machado,

2015, p. 15) Ou em contra partida “deem azo a processos de inferiorização e exclusão de determinados conjuntos de pessoas.” (Machado, 2015, p. 312).

Quanto à temática das desigualdades sociais, associada às desigualdades de trajetórias escolares e condições sociais, Teresa Seabra refere que as diferenças sociais associadas às desigualdades de trajetórias escolares são “as condições sociais dos progenitores do aluno, origem étnico nacional do próprio e/o dos seus ascendentes, o território de residência (rural, urbano, centro da cidade, subúrbio) e, mais recentemente, a condição de género.” (Seabra, 2009, p. 81)

A autora refere que, de uma forma geral, e tendo em linha de conta o conjunto de variáveis acima apresentado, é possível afirmar que os alunos cujas famílias tem um nível de escolarização inferior, com profissões socialmente taxadas como menores, alunos negros, que residam no meio rural, no interior, ou em regiões degradadas e ainda alunos do sexo masculino são mais penalizados a nível escolar e na sua trajetória. (Seabra, 2009, pp. 81-82)

Para a autora é possível assumir que houve

“uma democratização do sistema educativo no sentido de maior acesso aos diferentes níveis de ensino por parte dos mais desfavorecidos, ou seja, as distâncias sociais reduziram-se no acesso, mas produziram-se novas diferenciações internas, mais subtis, que produziram mesmo um aumento das clivagens sociais no acesso a certos ramos e fileiras do sistema de ensino. Mas, como veremos, quando se aprofundam estas conclusões globais, podem detetar-se dinâmicas diferenciadas de acordo com segmentos de alunos em estudo ou com um nível de ensino considerado.” (Seabra, 2009, p. 85)

Em suma, é possível concluir que “se é verdade que a escola tem um papel limitado no esbatimento das desigualdades sociais, podendo mesmo exercer uma influência negativa, ela, simultaneamente, permanece no centro da integração.” (Seabra, 2009, p. 100) A escola não tem a capacidade de mudar a sociedade, mas isso não invalida que “não constitua o contexto social com maiores probabilidades de concretizar alguma mobilidade social.” (Seabra, 2009, p. 100).

2. Educação

Importa também discutir o que é a educação e educação à distância, uma vez que com a Covid-19 a suspensão das atividades letivas presenciais obrigou a uma educação à distância, longe dos perigos da disseminação da doença.

Émile Durkheim entende que “para que haja educação, é necessário termos em presença uma geração de adultos e uma geração de jovens, e uma ação exercida pelos primeiros sobre os segundos.” (Durkheim, [1922(2011)], p. 49). Mais à frente no seu texto Durkheim entende que

“a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que lhe exigem a sociedade política no seu conjunto e o meio especial no qual está particularmente destinada.” (Durkheim, [1922(2011)], p. 52).

Atendendo a esta definição apresentada por Émile Durkheim importa perceber a evolução da educação até aos dias de hoje.

No livro *Sociologia*, de Anthony Giddens, é-nos contado um pouco da evolução da prática educativa. Apesar de hoje considerarmos o acesso à educação algo natural, nem sempre isso aconteceu. Giddens conta-nos que “durante vários séculos, a educação formal só estava ao dispor dos poucos que tivessem tempo e dinheiro para a mesma.” (Giddens, 2008, p. 495). Para a grande maioria as pessoas “ler não era necessário nem sequer útil na vida quotidiana.” (Giddens, 2008, p. 495). Aprender incidia sobre tudo nas práticas utilizadas para o trabalho e nos hábitos sociais.

Giddens neste capítulo do seu livro, explica-nos que as mudanças foram muito significativas. Nos dias de hoje, nos países industrializados é raro encontrar alguém que não saiba ler e escrever, afirmando o autor que atualmente “as nossas vidas são influenciadas, em todas as idades a partir da infância, pela informação que colhemos nos livros, jornais, revistas e na televisão.” (Giddens, 2008, p. 495) Refere que todos passamos “por um processo de educação formal pondo a palavra impressa e a comunicação eletrónica, combinadas com o ensino formal fornecidos pelas escolas e universidades, tornam-se fundamentais para o nosso modo de vida.” (Giddens, 2008, p. 495)

O sistema educativo desenvolveu-se muito por causa do processo de industrialização e da expansão das cidades. O rápido crescimento da indústria fez aumentar a procura de trabalhadores especializados, tendo como consequência o aumento de mão-de-obra educada. (Giddens, 2008, p. 495). A partir deste momento começou-se a assistir a uma “progressiva universalização dos sistemas educativos, [a] aquisição de conhecimentos passou

a assentar cada vez mais no estudo abstrato e não na transmissão prática de aptidões específicas.” (Giddens, 2008, p. 496).

Quanto ao conceito de educação, Anthony Giddens entende-o como sendo a

“transmissão de conhecimento entre gerações através da instrução direta. Embora existem processos educativos em todas as sociedades, a educação de massa só no período moderno adquiriu a forma de escolarização quer dizer, a de instrução em ambientes educativos especializados nos quais os indivíduos passam vários anos das suas vidas.” (Giddens, 2008, p. 690).

Relativamente à educação superior, esta caracteriza-se por uma “educação de nível mais elevado, que tem lugar em universidades ou instituições similares.” (Giddens, 2008, p. 690).

Mas a nova realidade obrigou a um ensino não presencial, ou seja, à distância, sendo por isso necessário definir esta prática. Caracteriza-se pela aprendizagem que “não mais estivesse atrelada à presença física dos alunos nas chamadas escolas (...). Foram criados então sistemas de ensino à distância, utilizando-se veículos de comunicação diversos, a exemplo do correio, do rádio e mais recentemente da televisão.” (Nova & Alves, 2003, p. 6) e mais recentemente ainda a utilização da internet passou a ser o principal meio de transmissão de conhecimento.

É importante referir a noção de “*emergency remote teaching*” (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 7), que numa tradução livre se refere ao ensino remoto de emergência e que difere do ensino online, uma vez que este ensino remoto de emergência envolve a mudança das aulas presenciais para o formato online, sem que para isso se altera o programa ou a metodologia. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 7).

Em Portugal o sistema de ensino e as políticas educativas, só a partir do 25 de abril de 1974 é que foram “objeto de um processo de democratização sem precedentes na história do país, têm vindo, pelo menos desde meados da década de 1980 e, desde então, com crescente protagonismo, a incorporar discursos e medidas de signo modernizador e racionalizador.” (Lima, 2018, p. 329).

A educação “não é apenas mais um direito, é um direito básico e que potencia outros direitos. Daí que a democratização da educação seja um fator estruturante para a construção de uma sociedade mais igualitária. Como disse Mandela, *a educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo.*” (Mendonça & Ribeiro, 2018, p. 369) A clareza com que Mandela entende a educação e o “alcance estratégico” da mesma “fazem com que a

exigência de uma educação para todos esteja no centro das preocupações dos profissionais da educação e das suas estruturas representativas, constituindo uma importante bandeira da luta sindical.” (Mendonça & Ribeiro, 2018, p. 369).

2.1. O ensino superior

Para o desenvolvimento desta investigação é importante perceber como se organiza o ensino superior em Portugal, quais os seus benefícios e de que forma evoluiu.

Em Portugal, o sistema de ensino superior é um “sistema binário” (FENPROF, 2012, p. 19), onde estão presentes universidades e institutos politécnicos de origem pública e privada.

Os diplomados no ensino superior têm vindo a registar um aumento muito significativo. Segundo dados do Pordata, os diplomados no ensino superior por mil habitantes eram 1,9%, em 1991; 10 anos depois, em 2001, esse número era de 5,9%; em 2011, em plena crise económica acabavam o curso 7,5%, número mais baixo do que em 2008, onde se registou 8%, valor que só volta a ser registado em 2018, passando em 2019 para os 8,1%. (PORDATA, 2021).

Quanto aos benefícios do ensino superior, num relatório publicado pelo Pordata, é referido que mais do que os ensinamentos adquiridos ao longo do período em que frequentamos o ensino superior, “acima de tudo desenvolvemos as nossas capacidades de raciocínio, de pensamento crítico e de comunicação com os demais.” (Figueiredo, Portela, Silva, Almeida, & Lourenço, 2017, p. 11) Esse conhecimento e desenvolvimento pessoal “dão-nos acesso a um acervo de bens científicos e culturais até então indisponíveis.” (Figueiredo, Portela, Silva, Almeida, & Lourenço, 2017, p. 11).

Um estudo desenvolvido pela OCD, indica que as pessoas detentoras de grau superior se sentem mais satisfeitas com a vida: “praticamente [em] todos os países da OCDE, a proporção de pessoas que se dizem satisfeitas com a sua vida é significativamente mais elevada entre os que têm o ensino superior do que entre os que concluíram o ensino secundário.” (Figueiredo, Portela, Silva, Almeida, & Lourenço, 2017, p. 11). Em Portugal, essa diferença é ainda mais acentuada, uma vez que “chega aos 26 pontos percentuais. Em 2015 em Portugal, quase 90% dos indivíduos com ensino superior estavam satisfeitos com a sua vida, contra pouco mais de 60% daqueles que apenas concluíram o ensino secundário.” (Figueiredo, Portela, Silva, Almeida, & Lourenço, 2017, p. 11).

Para os autores, “os benefícios do ensino superior são multidimensionais, são de consumo e de investimento, são individuais e coletivos.” (Figueiredo, Portela, Silva, Almeida, & Lourenço, 2017, p. 15). Os autores defendem que o ensino superior “é o nível máximo a que se pode almejar no sistema educativo.” (Figueiredo, Portela, Silva, Almeida, & Lourenço, 2017, p. 20). Quando usamos o termo licenciado estamos a referir-nos a um “substantivo que remete para aquele que tem licença para ensinar ou exercer uma profissão, profissão essa tradicionalmente chamada de liberal, de alguém livre, intelectual e socialmente.” (Figueiredo, Portela, Silva, Almeida, & Lourenço, 2017, p. 20).

3. A pandemia de SARS-COV-2

O ensino, marcadamente presencial, foi muito afetado pela pandemia de SARS-COV-2, obrigando todos os níveis de ensino a serem desenvolvidos a partir de casa, sem contacto com os docentes e colegas, afetando a aprendizagem e a socialização dos indivíduos. Para além do ensino, as desigualdades sociais acima apresentadas sofreram um agravamento acentuado neste último ano, importa por isso perceber o que é a COVID-19.

Num documento desenvolvido pela Direção Geral de Saúde (DGS), onde o principal destinatário eram as escolas, é referido que a COVID-19

“é uma doença causada pela infeção pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2). A doença manifesta-se predominantemente por sintomas respiratórios, nomeadamente, febre, tosse e dificuldade respiratória, podendo também existir outros sintomas, entre os quais, odinofagia (dor de garganta), dores musculares generalizadas, perda transitória do paladar ou do olfato, diarreia, dor no peito e dor de cabeça, entre outros. A pessoa infetada pode não apresentar sinais ou sintomas (assintomática).” (DGS, 2020, p. 1).

Neste documento era ainda explicado às escolas quais os principais meios de contágio, o primeiro por contacto direto, onde se descrevia como a “disseminação de gotículas respiratórias, produzidas quando uma pessoa infetada tosse, espirra ou fala, que podem ser inaladas ou pousar na boca, nariz ou olhos de pessoas que estão próximas.” (DGS, 2020, p. 1), e o outro meio de contágio seria por contacto indireto que se caracteriza pelo “contacto das mãos com uma superfície ou objeto contaminado com SARS-CoV-2 e, em seguida, com a boca, nariz ou olhos.” (DGS, 2020, p. 1).

O documento desenvolvido pela DGS com as orientações para as escolas apresentava algumas das medidas necessárias para a não propagação do vírus entre elas o “distanciamento

entre pessoas”, a “higiene pessoal”, a “utilização de equipamentos de proteção individual”, a “higiene ambiental” e a “automonitorização de sintomas”. (DGS, 2020, p. 2).

Apesar destas orientações, a 16 de março, o Governo tomou a decisão de suspender as atividades letivas presenciais, e encerrar todas as instituições de ensino, desde a creches às universidades. O modo de ensino passou a ser totalmente *online*, com as aulas a serem transmitidas através do programa Estudo em Casa, emitido no canal público, mais concretamente na RTP Memória, com o objeto de mitigar as consequências da suspensão (Peralta, Carvalho, & Esteves, 2021, p. 109). Os alunos do 11º e 12º anos regressaram às aulas presenciais a “18 de maio, apenas nas disciplinas com exame nacional de acesso ao ensino superior.” (Peralta, Carvalho, & Esteves, 2021, p. 109). As crianças que frequentavam as creches e os pré-escolares regressaram a 1 de junho, mas a “atividade letiva plena só regressaria entre 14 e 17 de setembro, no ano letivo seguinte e com novas regras de isolamento profilático por turma.” (Peralta, Carvalho, & Esteves, 2021, p. 109). Quando se reabriu as escolas a justificação que foi dada para essa abertura assentou em “motivos sociais e económicos” uma vez que o

“fecho dos estabelecimentos deixou com acesso reduzido a recursos educativos os alunos mais vulneráveis, acentuando as desigualdades existentes. Por outro lado, a nível económico, os pais que tiveram que ficar em casa para acompanhar filhos menores viram o seu rendimento reduzido.” (Peralta, Carvalho, & Esteves, 2021, p. 109).

Depois da retoma, entre os dias 14 e 17 de setembro, houve a necessidade de voltar a confinar de novo, a partir de dia 13 de janeiro de 2021 (Mendes, Dantas, & Neves, 2021), embora o primeiro-ministro António Costa e o seu governo tenham considerado, num primeiro momento, não haver necessidade de encerrar as escolas, apesar de vários epidemiologistas considerarem que esse encerramento era necessário para controlar a pandemia. A 21 de janeiro de 2021, António Costa, após um conselho de ministro, refere que

“apesar de todo o esforço extraordinário que as escolas fizeram para se preparar para que pudessem funcionar normalmente em atividade presencial, face a esta nova estirpe e à velocidade de transmissão que ela comporta, manda o princípio da precaução que procedamos à interrupção de todas as atividades letivas durante os próximos 15 dias.” (República Portuguesa, 2021),

sendo essa paragem compensada no Carnaval e na Páscoa. No dia 8 de fevereiro o Governo português anunciou que, a partir desse dia, as atividades letivas seriam retomadas em regime

não presencial. No dia 11 de março, foi anunciado que, a partir de dia 15 de março, as creches, o pré-escolar e o 1º ciclo voltavam às aulas em regime presencial, a 5 de abril seria a vez do 2º e 3º ciclo e a 19 de abril regressariam às escolas e universidades os alunos do ensino secundário e superior.¹

A pandemia da Covid-19 para “além de provocar uma grave crise sanitária global, veio abrir a caixa de Pandora de todas as desigualdades, lembrando, a contragosto, os graves problemas globais que teimamos em não querer resolver.” (Martins & Rodrigues, 2020, pp. 7-8).

Segundo dados avançados pela UNESCO a “pandemia de coronavírus SARS-COV-2 interrompeu as atividades presenciais de 91% dos estudantes no mundo.” (Gusso, et al., 2020, p. 3). A mesma instituição avança ainda com a informação de que em “mais de 150 países, a pandemia produziu fechamento generalizado de instituições de ensino, como escolas, faculdades e universidades.” (Gusso, et al., 2020, p. 3).

Com o encerramento das universidades e a necessidade de lecionar de forma remota foi necessário desenvolver alternativas para se continuar a transmitir conhecimento, mas nesse processo registaram-se algumas lacunas, tais como “a falta de suporte psicológico a professores”, “a baixa qualidade no ensino (resultante da falta de planeamento de atividades em ‘meios digitais’.”, “a sobrecarga de trabalho atribuído aos professores”, “o descontentamento dos estudantes” e por fim “acesso limitado (ou inexistente) dos estudantes às tecnologias necessárias.” (Gusso, et al., 2020, p. 4). Todos estes constrangimentos são fruto de uma experiência nova para professores, alunos e decisores, que num curto período de tempo tiveram que se adaptar para o ano letivo não ser interrompido.

Alguns autores indicam que apesar de ainda não ser possível identificar objetivamente as consequências do Ensino à Distância é possível avançar com algumas consequências possíveis, tais como, o “baixo desempenho académico dos estudantes”, o “aumento do fracasso escolar”, o “aumento da probabilidade de evasão do Ensino Superior” e o desgaste dos professores, que estiveram sobrecarregados pelas múltiplas atividades e pelos desafios de lidar com a tecnologia a fim de promover o ensino.” (Gusso, et al., 2020, p. 5).

¹ Informações retiradas do Instagram da conta oficial do XXII Governo da República Portuguesa, com o seguinte *user name* @gov_pt.

Com a pandemia SARS-COV-2 e o encerramento das escolas, as desigualdades sociais e de acesso à educação aumentaram, como refere António Firmino da Costa: quando “no início do ano de 2020 a pandemia Covid-19 se disseminou no planeta, encontrou a sociedade humana mundial com um panorama de desigualdades sociais muito acentuadas.” (Costa, 2020, p. 4) O autor considera que essas desigualdades são de diversas ordens, nomeadamente “económicas, educativas, de género, étnico-raciais; desigualdades no trabalho, nas liberdades, nos direitos, de cidadania, e outras.” (Costa, 2020, p. 20) Para além de serem muitas as desigualdades relacionam-se entre si “e produzem várias injustiças sociais e diversos tipos de discriminações. No conjunto, não são congruentes com padrões de civilização aceitáveis nos tempos atuais.” (Costa, 2020, p. 4).

Este mesmo autor refere que nos países mais desenvolvidos, onde insere Portugal, os impactos da pandemia, no que ao aumento das desigualdades sociais diz respeito, verifica um agravamento “muito preocupante.” (Costa, 2020, p. 20) Refere que em “diversas categorias sociais verificam-se situações de desigualdade acrescida e outras são atingidas por novas situações de desigualdade.” (Costa, 2020, p. 7).

Um dos grupos que tem vindo a ser bastante afetados com a pandemia, no que ao agravamento das desigualdades diz respeito, são os jovens adultos, uma vez que numa situação pré-pandémica, esta categoria social já atravessava uma situação débil, e as condições tem vindo a agravar-se no que se refere ao emprego, ao rendimento, à continuidade no ensino superior e à autonomia destes face aos progenitores. (Costa, 2020, p. 8) Mas esta situação não ocorre só em Portugal, o autor afirmar que um pouco por todo o mundo “são os jovens adultos que mais são alvo de desemprego, subemprego e precariedade laboral. Alguns ficaram sem rendimentos, muitas vezes colocados em situação muito difícil, ainda mais quando têm crianças nos seus agregados familiares.” (Costa, 2020, p. 8).

Como já referi acima, nas “universidades, de maneira praticamente instantânea, o ensino tornou-se provisoriamente ensino à distância, com apoio em plataformas digitais.” (Costa, 2020, p. 10). Para o autor, é nesta questão que a situação se complica, no que às desigualdades sociais de acesso às plataformas diz respeito, já que se tornam

“cada vez mais evidentes as ambivalências da transformação digital. Estes dispositivos digitais, e a sua utilização generalizada, trazem sem dúvida enormes potencialidades, para diversos domínios. Mas trazem também enormes ameaças para os modos de existência humana em sociedade, nomeadamente

de novos agravamentos e novos tipos de desigualdades sociais. Não se trata apenas de um vago horizonte futuro. É algo que está já bem presente e que agora a resposta à pandemia recolocou num novo patamar.” (Costa, 2020, p. 11).

Prossegue alertando para o facto de que as famílias não conseguem aceder de igual forma às tecnologias de informação. Recorrendo aos dados da Comissão Europeia em 2019, o autor dá o exemplo da banda larga nos agregados domésticos ser muito desigual em Portugal, referindo que no nosso país “o acesso dos alunos é menor que a média desse conjunto de países, sublinhando desde logo desigualdades entre países.” (Martins S. d., 2020, p. 48).

A Comissão Europeia desenvolveu um dos documentos mais relevantes sobre o impacto da pandemia na educação intitulado de “*The impact of covid-19 on higher education: a review of emerging evidence*”, um relatório analítico da autoria de Thomas Farnell, Ana Skledar Matijević, Ninoslav Šyukanec Schmidt. Um dos primeiros dados avançados neste relatório, é o facto de se estimar que, cerca de 220 milhões de alunos do ensino superior foram afetados pelos confinamentos causados pela pandemia. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 6)

Ao longo do relatório são abordados diferentes níveis de impacto da Covid-19, nomeadamente o impacto imediato referindo-se ao ano letivo de 2019/2020, o impacto a curto prazo focando-se no ano letivo de 2020/2021 e por fim o impacto a médio prazo com a análise a ir até ao ano de 2025. Todas estas análises terão como foco a pandemia, as instituições de ensino superior e os alunos.

Quando falamos do impacto imediato e a curto prazo, segundo o relatório, podemos analisar estes impactos tendo por base 3 perspetivas, a da instituição de ensino superior, a dos docentes e a dos alunos. Os dados indicam, que a mudança para o ensino à distância ocorreu em praticamente todas as instituições de ensino superior. Relativamente aos docentes, os dados da pesquisa, indicam que estes conseguiram transferir os meios utilizados no ensino presencial para o ensino à distância. Quanto aos alunos, a pesquisa indica que quase metade dos alunos acredita que a sua prestação académica piorou devido ao ensino à distância, e mais de metade relata o aumento da carga horária desde a transição para o ensino online. O acesso à Internet e às ferramentas de comunicação *online* continuam a ser um desafio para os alunos. Estudar durante a pandemia da Covid-19 teve um impacto no bem-estar psicológico e emocional dos alunos com muitos deles a relatar situações de ansiedade e frustração. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 7)

Relativamente aos impactos a médio prazo para o ensino e a aprendizagem estes são consideráveis. Se a pandemia e o ensino *online* tiver como consequência o aumento de programas educativos *online*, as áreas que precisarão de ser analisadas de forma breve são o apoio aos docentes na adaptação dos currículos e métodos de aprendizagem, garantir o bem-estar dos docentes e do pessoal administrativo, preparar melhor os alunos para a aprendizagem através do *online*, adaptar os processos de avaliação para um contexto *online* de forma a evitar a perda de qualidade e abordar as possíveis consequências negativas no reconhecimento das qualificações obtidas por meio *online* no mercado de trabalho. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 7)

Uma das questões abordadas no relatório é dimensão social do ensino superior. Segundo alguns comunicados do grupo *European Higher Education Areas (EHEA)*, esta dimensão engloba a criação de um ambiente inclusivo que promova a equidade e a diversidade e dê resposta às necessidades das comunidades. Refere-se, portanto, à garantia da igualdade de acesso, participação e conclusão do ensino superior, com especial foco nos estudantes e grupos sub-representados desfavorecidos e vulneráveis. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 9)

Também na questão da dimensão social o relatório aborda o impacto imediato, o impacto a curto prazo e o impacto a médio prazo. Quando falamos do impacto imediato e a curto prazo, o relatório refere que, os novos desafios e a necessidade de agir rápido podem afetar negativamente o acesso dos estudantes, o seu progresso e até a sua retenção. Por outro lado, no que concerne aos desafios enfrentados pelos estudantes, são apontadas as condições de estudo, nomeadamente um local apropriado, o acesso a equipamentos e a uma boa conexão de Internet e o acesso a materiais de estudo. Outro dos desafios refere-se às questões económicas, nomeadamente pela perda de emprego, e o último desafio apresentado é o do bem-estar, nomeadamente pela falta de redes de apoio e o aumento de sentimentos como ansiedade e frustração com as atividades académicas. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 10)

Quando abordamos a questão da dimensão social a médio prazo, a principal preocupação recai sobre as desigualdades no acesso e a participação no ensino superior. Segundo o estudo, as projeções existentes avançam que a pandemia aumentará as desigualdades educacionais preexistentes, muito por causa do ensino à distância. Algumas das causas apresentadas são a

falta de acesso a recursos, a falta de um local adequado para o estudo e o reduzido apoio dos pais que resultará numa perda de aprendizagem e em alguns casos no desinteresse pela educação, que poderá ter como consequência a redução do número de pessoas desfavorecidas e sub-representadas no ensino superior. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 10).

Neste relatório, desenvolvido pela Comissão Europeia, são abordadas as perspetivas dos alunos relativamente ao impacto imediato e a curto prazo da pandemia. Alguns dados apresentados indicam que metade dos alunos inquiridos acredita que o seu desempenho académico piorou desde que as aulas foram canceladas. Apesar dos alunos se mostrarem satisfeitos com o ensino online isso não invalida que possam estarem insatisfeitos com as condições de estudo. Essa disparidade pode ser explicada pelas diferenças no acesso à tecnologia e material de estudo, segundo dados avançados no relatório, 89,3% dos alunos tem computador próprio, mas apenas 41% relata ter boa conexão à Internet. Estes números demonstram que mesmo tendo acesso aos materiais necessários isso não é garantia de um acesso total ao ensino. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 28). Para além desses dados, é ainda possível acrescentar que os alunos com um local de estudo apropriado, com uma boa conexão à Internet e com acesso aos materiais de estudo, se conseguiram ajustar melhor ao ensino através dos meios online. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 28)

Mas a questão das aulas online não fica apenas pelo acesso aos meios de acesso, mas também pela forma como são lecionadas as aulas. 57,43% dos alunos indicam que a forma predileta para as aulas é os professores a lecionar em tempo real, ou seja, sem recurso a aulas pré-gravadas ou seminários online. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 29)

Outro dos problemas relatados pelos alunos é o aumento da carga de trabalho durante os sucessivos confinamentos, uma vez que metade dos alunos relata ter tido um aumento de trabalho desde a transição para o ensino online. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 29). Mas talvez um dos pontos mais relevantes para o aluno, seja o facto de se sentirem mais ansiosos e frustrados em relação às atividades académicas, tendo como causa principal o cancelamento das aulas presenciais. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 29)

Os desafios enfrentados são de diversos âmbitos, nomeadamente os de aprender e ensinar, os financeiros e os do bem-estar dos alunos. Quanto aos desafios financeiros, o

relatório avança que 41,1% dos alunos que trabalhavam durante os estudos perderam o emprego, sendo que desses 28,9% temporariamente e 12,2% permanentemente. 9,6% dos alunos tiveram problemas com a bolsa, quer por pagamentos reduzidos, adiados ou até cancelados. 14,7% dos alunos tinha uma preocupação com custos dos seus estudos e 19,8% com os seus custos de vida, muitas dessas preocupações relacionadas com os alojamentos alugados para quando estavam em regime presencial. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 36)

O relatório avança ainda com o grupo de alunos que enfrentou mais dificuldades para se adaptar aos estudos durante os confinamentos, sendo eles os alunos mais jovens, os que não possuem um local adequado para estudar, os que não têm uma boa conexão à Internet e material de estudo à sua disposição, os que têm menos competências digitais e por fim, os estudantes que não têm uma rede de apoio. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 37).

Quando abordamos as implicações da Covid-19 a médio prazo, relativamente à dimensão social, as consequências podem ser muito gravosas, com um impacto nas desigualdades na educação que antecede o ensino superior, criando uma redução da igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior nos próximos anos. As Nações Unidas observaram que, num contexto global, a crise pandémica está a agravar as desigualdades pré-existentes, reduzindo as oportunidades para os mais vulneráveis, nomeadamente os que residem em áreas mais pobres e rurais, as mulheres os refugiados e pessoas com deficiência, podendo ter como consequência um aumento do abandono escolar. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 42).

A OCDE observa que os alunos com condições socioeconómicas mais baixas e situações familiares complexas, nos países membros desta organização, provavelmente terão um acesso inadequado aos recursos educacionais, tendo como consequência uma perda de aprendizagem, mas a OCDE vai mais longe, afirmando que as perdas na aprendizagem podem ter como consequência o desinteresse de alguns alunos e a perda de aspirações educacionais, o que a longo prazo, terá consequência no aprofundamento das desigualdades educacionais. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 42)

4. A escolha da Universidade do Minho

Antes de prosseguir para os objetivos da investigação é importante explicar o porquê da escolha da Universidade do Minho (UM). No dia 7 de março foi decretada a suspensão das

“atividades no campus de Gualtar da Universidade do Minho. Assim, desde 9 de março, aulas, conferências, eventos, atividades desportivas, serviços de bibliotecas e de unidades alimentares de natureza presencial deixaram de funcionar, primeiro no campus de Gualtar e, dias depois, em todos os espaços da Universidade.” (Martins & Rodrigues, 2020, p. 8).

Esta decisão surgiu como consequência dos primeiros casos de Covid-19 registados no nosso país (2 de março de 2020) estarem situados na “freguesia de Idães, no concelho de Felgueiras” (Martins & Rodrigues, 2020, p. 8), onde estavam inseridos alguns membros da comunidade académica da Universidade do Minho. Posterior à decisão da Universidade do Minho, a nível nacional foram tomadas decisões que previam a suspensão da “vida universitária” a 12 de março de 2020. (Martins & Rodrigues, 2020, p. 8).

É a partir das desigualdades acima apresentadas, nomeadamente as digitais que é importante desenvolver um estudo sobre as implicações da pandemia SARS-COV-2 na educação, muito particularmente no ensino superior, sendo a Universidade do Minho um importante meio para o estudo, uma vez que foi a primeira instituição de ensino superior a fechar as portas.

III. Objetivos do estudo

Para o desenvolvimento desta investigação é necessário delimitar os objetivos teórico e metodológicos que nortearão o seu desenvolvimento.

O objetivo geral desta investigação é o de **percecionar se com a pandemia de SARS-COV-2 houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior**. Partindo do desenvolvimento do enquadramento teórico, anteriormente apresentado, parece prevalecer a ideia de que esse agravamento foi real, mas existe a necessidade de percecionar as causas e as consequências desse agravamento, muito particularmente na Universidade do Minho.

Quanto aos objetivos específicos desta investigação o primeiro deles é o de: **Perceber se os cursos com vertentes mais práticas tiveram o seu processo de aprendizagem mais afetado pela Pandemia de SARS-COV-2 do que os cursos de cariz mais teórico**.

O segundo objetivo mais específico é de: **Analisar se as medidas desenvolvidas pela Universidade do Minho no combate às desigualdades de acesso às aulas responderam às necessidades dos alunos**.

O terceiro objetivo é o de: **Analisar se a pandemia SARS-COV-2 afetou a aprendizagem dos alunos da Universidade do Minho**.

O quarto objetivo específico é o de: **Saber se os alunos que frequentavam a Universidade do Minho pensaram em abandonar os estudos por causa da pandemia da COVID-19**.

O quinto e último objetivo específico é o de: **Perceber se para os alunos da Universidade do Minho, a adaptação aos meios de ensino à distância e a aprendizagem se revelou mais difícil no primeiro ou no segundo confinamento**.

IV. Metodologia

Quando desenvolvemos um projeto de investigação na área das ciências sociais devemos procurar

“...compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, a fazer inteligentemente o ponto da situação, a captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização, a refletir acertadamente sobre as implicações de uma decisão política, ou ainda a compreender com mais nitidez como determinadas pessoas apreendem um problema e a tornar visíveis alguns dos fundamentos das suas representações” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 19).

Quando escolhemos a metodologia que melhor se adequa ao nosso estudo devemos ter em atenção os objetivos, pelo que, atendendo a isso, considero que a metodologia mais adequada para este projeto é a de carácter qualitativo, uma vez que procurarei compreender de uma forma mais fina (que escapa aos índices estatísticos) o contexto social, económico e cultural de alunos do Ensino Superior da Universidade do Minho, no que se refere ao acesso ao ensino durante a pandemia Sars-Cov-2, e as implicações que esta causou partindo do estudo de casos concretos.

1. Metodologias Qualitativas

Este projeto de investigação irá ter por base a utilização de uma metodologia de carácter qualitativo, uma vez que permite tratar de particularidades históricas e etnográficas de determinados casos, permite ainda que ocorram elemento anómalos (“*serendipity*”), ou seja, dados que não estamos à espera de encontrar/recolher, mas que são frequentes quando se estudam novos fenómenos sociais. Para lá deste aspeto, a escolha deste tipo de metodologia justifica-se, sobretudo pelo facto de permitir captar as perspetivas e os significados atribuídos por diferentes atores sociais à realidade social sobre a qual incide a minha pesquisa.

Trata-se de uma metodologia que tipicamente recorre a diversas técnicas de recolha de informação, como por exemplo, as entrevistas sejam elas as não estruturadas, semiestruturadas ou estruturadas, apoiando-se fortemente na observação, nomeadamente a observação direta, frequentemente conciliada com o uso de outros recursos, documentais e audiovisuais, por exemplo.

Atendendo aos objetivos propostos para esta dissertação de mestrado será essencial desenvolver a análise qualitativa, com base em entrevistas, por forma a perceber o que

pensam os atores sociais sobre as implicações da pandemia Sars-Cov-2 no acesso às atividades formativas na Universidade do Minho.

1.1. Entrevistas Semiestruturadas

Uma das técnicas mais comuns para recolher informação são as entrevistas, que os autores Raymond Quivy e LucVac Campenhoudt sinalizam da seguinte forma,

“os métodos de entrevistas distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.” (Quivy & Campenhoudt, 1998, pp. 191-192)

Uma outra caracterização da entrevista que me parece adequada é a que foi desenvolvida por Lorraine Savoie-Zajc, que considera que esta técnica “consiste numa interação verbal entre pessoas que se envolvem voluntariamente em igualdade de relação, a fim de partilharem um saber experienciado e isto, para melhor compreender um fenómeno de interesse para as pessoas implicadas.” (Savoie-Zajc, 2003, p. 281)

Outra definição de entrevista é a apresentada por Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon que entende como uma “conversa com um objetivo” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 70) e um “encontro interpessoal que se desenrola num contexto e numa situação social determinados, implicando a presença de um profissional e de um leigo” (Ghiglione & Matalon, 1993, pp. 70-71)

Esta importante técnica de recolha de informação tem diferentes tipos, isto é, pode ser distinguida em 3 modelos sendo eles, a entrevista não-diretiva, a entrevista semi-diretiva e a entrevista diretiva ou estandardizada (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 91). Para esta investigação o tipo de entrevista que considero mais adequado é a entrevista semi-diretiva que também pode ser denominada por semiestruturada.

Sendo o modelo de entrevista que irei utilizar semiestruturada, é importante defini-lo e caracterizá-lo. A autora Lorraine Savoie – Zajc entende que este tipo de entrevista “consiste numa interação verbal animada de forma flexível pelo investigador.” (Savoie-Zajc, 2003, p. 282) Seguindo o registo de uma conversa, abordando os “os termos gerais sobre os quais deseja ouvir o respondente, permitindo assim extrair uma compreensão rica do fenómeno em estudo.” (Savoie-Zajc, 2003, p. 282)

Luís Pardal e Eugénia Correia vão um pouco mais longe na caracterização deste modelo de entrevista e entendem-no como não sendo nem “inteiramente livre” e nem “inteiramente aberta”, na medida em que não é “orientada por um leque inflexível de perguntas estabelecidas a priori.” (Pardal & Correia, 1995, p. 65) Os autores referem ainda, que é natural o entrevistador ter preparado previamente um guião, com perguntas abertas não respeitando necessariamente uma ordem, mas à medida que for oportuno,

“deseja-se que o discurso do entrevistado vá fluindo livremente – exprimindo-se com abertura, informa sobre as suas perceções e interpretações que faz de um acontecimento; sobre as suas experiências e memórias; sobre o sentido que dá às suas práticas; revela as suas representações e referências normativas; fornece indícios sobre o seu sistema de valores, emotividade e atitudes; reconstitui processos de ação ou mudança e denuncia os elementos em jogo e suas relações, ajudando à compreensão dos fenómenos.” (Pardal & Correia, 1995, pp. 65-66)

A realização das entrevistas semiestruturadas, nesta investigação, vai recair sobre a escolha de sete alunos que frequentam o 3ºano do 1º ciclo e do 2ºciclo de ensino de diferentes cursos lecionados na Universidade do Minho. É importante explicar o porquê da escolha de alunos que frequentam o 3ºano no próximo ano letivo. Esta escolha deve-se ao facto de esses alunos estarem a iniciar o percurso académico quando ocorreu o primeiro confinamento em março de 2020, e estarem no 2ºano letivo no confinamento decretado no início de 2021. Para além dos alunos que frequentam o 3ºano da licenciatura considere relevante entrevistar alunos que frequentem o mestrado, uma vez que estão há mais anos no ensino superior e a experiência é maior e poderão dar uma perspetiva diferente, em comparação com alunos que estão a frequentar a universidade há menos tempo.

Numa fase inicial do projeto, procurei entrevistar 10 alunos, mas a adesão revelou-se complicada. Tentei de várias formas o contacto, mas este revelou-se muito difícil. Recorri aos diretores de curso, às secretarias das escolas, aos grupos de curso organizados pelos alunos, mas apenas consegui o contacto e a disponibilidade de sete alunos. Desses sete alunos, quatro frequentam cursos de mestrado e três frequentam diferentes licenciaturas.

V. Caracterização dos entrevistados

O primeiro entrevistado, denominei-o de entrevistado A, a sua entrevistada encontra-se no anexo 3. É um aluno do mestrado em Sociologia com especialização em Organizações e Trabalho: Questões da Atualidade, e à data da entrevista encontrava-se no segundo ano do mestrado. A entrevista realizou-se no dia 10 de fevereiro, pelas 10 da manhã, por opção do entrevistado através do *Zoom*.

A segunda entrevistada nomeia-a de entrevistada B, a sua entrevistada encontra-se transcrita no anexo 4. A entrevistada B, é aluna da licenciatura em Sociologia e à data da entrevista encontrava-se no terceiro ano. A entrevista realizou-se dia 12 de fevereiro, pelas 10 da manhã, e por escolha do entrevistado através do *Zoom*.

A entrevistada que se segue será denominada de entrevistada C, a sua entrevista encontra-se transcrita no anexo 5. A entrevistada é aluna da licenciatura em Química e à data da entrevista encontrava-se no terceiro ano. A Entrevista realizou-se no dia 24 de fevereiro de 2022, pelas 10 da manhã, e por escolha da entrevistada realizou-se através de chamada de vídeo na app *WhatsApp*.

A quarta entrevista que realizei, foi realizada de forma presencial, num café na cidade de Vila Nova de Famalicão, a uma aluna do mestrado em Educação Básica, no dia 11 de março, pelas 17 horas. A entrevistada durante a análise de conteúdo terá a denominação de entrevistada D, à data da entrevista a entrevistada encontrava-se no segundo ano do mestrado. A transcrição da entrevista encontra-se no anexo número 6.

O quinto entrevistado à data da entrevista frequentava o primeiro ano do mestrado em Relações Internacionais. Este entrevistado terá a denominação entrevistado E, por uma incompatibilidade horários e apesar do entrevistado ter revelado disponível para realizar a entrevista presencialmente, tal não pode acontecer, a entrevista acabou por acontecer no dia 21 de março pelas 18:30, através da plataforma *Zoom*. A entrevista encontra-se transcrita no anexo número 7.

A sexta entrevista realizada foi feita a uma aluna do mestrado em Psicologia Clínica, à data da entrevista encontrava-se no 1ºano desse mestrado. A entrevista foi realizada através do *Zoom*, no dia 22 de março pelas 18:30. A transcrição da entrevista pode ser lida no anexo número 7 e a entrevistada será denominada de entrevistada F.

A última entrevistada começou com um atraso superior a 30 minutos, estava agendada para as 18:30 do dia 23 de março, mas a entrevistada só compareceu ao link que lhe havia enviado às 19:10. A entrevista realizou através do *Zoom* e encontra-se transcrita no anexo número 9. A entrevista foi realizada a uma aluna da licenciatura em Psicologia. A entrevistada, em questão, à data da entrevista encontrava-se no 3ºano da licenciatura. A entrevistada será denominada de entrevista G.

Importa realçar que, talvez como consequência da pandemia, os alunos que se mostraram disponíveis para realizar a entrevista de forma presencial, foram apenas 2. Os outros entrevistados, justificavam a sua preferência por questões de deslocação, de receio de contaminação e de comodidade, evitando assim uma deslocação que consideraram desnecessária, uma vez que a entrevista poderia ser realizada de forma *online*.

VI. Técnica de análise de conteúdo

Para este estudo é fundamental a análise integral das sete entrevistas realizadas. Esta análise integral, poderá ser denominada de análise de conteúdo e tem como principal objetivo permitir retirar conclusões que me possam permitir responder à pergunta de partida.

Antes de avançar para a análise das entrevistas, é fundamental entender a que me refiro quando menciono o termo análise de conteúdo. Para isso, é essencial compreender o papel elementar que a análise de conteúdo tem em qualquer investigação empírica, com especial relevância quando realizamos estudos no âmbito das ciências sociais. Laurence Bardin define análise de conteúdo como

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”
(Bardin, 2007, p. 37)

Através da análise de conteúdo, é-me permitido construir categorias que ajudam a dividir um texto mostrando os significados atribuídos. O autor Jorge Vala aborda esta temática e considera que a matéria em estudo na análise de conteúdo é concebida “como resultado de uma rede complexa de condições de produção, cabendo ao analista construir um modelo capaz de permitir inferências sobre uma ou várias dessas condições de produção.” (Vala, 1986, p. 104) Prossegue dizendo que, esta análise é uma “desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso através de um processo de localização atribuição de traços de significação resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção de análise” (Vala, 1986, p. 104)

1. Análise das entrevistas

Com o objetivo de entender a perceção dos estudantes universitários da Universidade do Minho sobre o ensino e o período pandémico associando às desigualdades sociais, foram realizadas sete entrevistas a alunos que frequentam o 1º e o 2º ciclos de ensino da universidade. Esses alunos frequentam diferentes cursos, com vertentes mais práticas e mais teóricas, permitindo-me ter uma visão mais aprofundada do fenómeno, visto que desta forma, o fenómeno é analisado de diferentes perspetivas. Realizei sete entrevistas, quatro delas a alunos de mestrado e as restantes três a alunos do 3º ano de diferentes licenciaturas.

Nas entrevistas que realizei, os entrevistados foram incentivados a declarar as suas opiniões sobre diferentes assuntos, muito particularmente, sobre a adaptação ao período pandémico, sobre a aprendizagem nesse mesmo período, sobre as medidas tomadas pela Universidade do Minho, sobre a qualidade do ensino superior durante os 2 confinamentos, sobre como foram adquiridos os conhecimentos mais práticos durante os últimos 2 anos letivos, sobre a possibilidade de abandonar os estudos, sobre a temática das desigualdades sociais e as suas perceções com reflexo no ensino superior, sobre as implicações sociais e económicas no acesso à educação durante a Covid-19, sobre a saúde mental dos alunos universitários durante esse mesmo período e por fim as alterações na socialização durante os confinamentos.

Com esta análise, procuro compreender as diferentes perceções em relação ao fenómeno em estudo, mas também retirar conclusões sobre aquilo que pode ser feito caso um novo confinamento surja.

1.1.A aprendizagem e o nível de ensino durante o período pandémico

Relativamente à aprendizagem e ao nível de ensino durante o período pandémico, os entrevistados, de uma forma geral, entendem que o ensino perdeu alguma qualidade, referindo o acesso aos meios tecnológicos como o principal responsável.

O entrevistado A (2ºano de mestrado em sociologia), revela não ter qualquer dúvida, afirmando que a aprendizagem e o nível de ensino saíram prejudicados, usando como exemplo o acesso diferenciado que cada estudante têm ao uso da Internet, referindo ainda que o ensino presencial é mais enriquecedor com ensino à distância.

“Eu penso que sim. Aliás , eu penso que nessa questão não tenho qualquer dúvida, porque eu acho mesmo que, o ensino presencial e o ensino à distância em si já é bastante diferenciador, por exemplo, há pessoas que têm melhor acesso à internet, neste caso que outros isso já pode condicionar os resultados e depois também acho que mesmo que apesar de, lá está ser, ahhh, mais fácil apesar de imagina quem está em isolamento quer não esteja têm acesso às aulas na mesma eu penso que o ensino presencial é muito mais enriquecedor que o ensino à distância (pausa) por isso logo a partir daí eu acho que já, sim, jáa aumentou as desigualdades entre os alunos.” (Anexo nº3)

A entrevistada B (3ºano da licenciatura em sociologia), acha que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas, tem como ponto de referência o primeiro semestre do primeiro ano ter sido sem restrições. Refere o facto de ninguém estar

preparado para ter aulas online, da informação não ser passada da mesma forma, referindo ainda a dificuldade de estar atento nas aulas online.

“É assim, acho que sim, porque tendo em conta que nós tivemos a experiência do primeiro semestre do primeiro ano ter sido normal. É claro que, é assim eu acho que, nós entramos numa altura em que ninguém estava preparado para ter aulas online da mesma forma que os professores não estavam preparados para dar aulas online, o programa estava tudo planeado para ser de uma forma normal automaticamente essa alteração fez como que, eu acho que, de certa forma informação não passe tão bem, eu falo por mim. Até porque estando online é muito mais difícil de estar atento, não captamos a informação da mesma forma, e eu no meu entender acho sem dúvida que aprende-se pior online do que presencialmente.” (Anexo nº4)

A entrevistada C (3ºano da licenciatura em química), quando eu coloquei a mesma questão respondeu-me perentoriamente que sim. Senti por isso necessidade de lhe perguntar em que níveis é que o ensino e a aprendizagem tinham sido prejudicados, tendo a entrevistada respondido que a barreira de transmissão de informação havia sido prejudicada.

“Por exemplo, acho que dificultou assim uma barreira de transmissão de informação, porque nada assegura o bom funcionamento dos sistemas de ensino remoto a qualquer momento, principalmente o que é providenciado pela universidade, então meu deus e mesmo assim houve, acho que nós aprendemos melhor quando temos aquela barreira, por exemplo, eu nas aulas era a única com a câmara ligada e parece que não tanto os alunos como os professores isso impacta muito a experiência das aulas online e sim houve uma diferença exponencial as notas até até se verificam nas notas que houve uma enorme discrepância.” (Anexo nº5)

Quando interroguei a entrevistada C, se essa discrepância de notas havia aumentado ou diminuído as notas, ela respondeu-me prontamente que tinha diminuído as notas. Interroguei-a ainda sobre se só a aprendizagem em aula, havia sido prejudicada ou facto de o acesso a uma biblioteca ter sido condicionado e se não dificultou o acesso à informação, ao que entrevistada me responde que não porque estamos na melhor época de aceder à informação via online.

“Diminuiu as notas.” (Anexo nº5)

“Acho que não, porque na Internet com os conheci outros 2 é muito difícil de não aceder a informações, foi só mesmo no sentido das aulas em si. Agora o acesso à informação não, porque estávamos acho que melhor época do que esta para se ter a informação online não há melhor.” (Anexo nº5)

Relativamente à entrevistada D (2ºano do mestrado em Educação Básica), quando interrogada sobre a aprendizagem e o nível de ensino terem sido prejudicadas pelas restrições pandémicas a entrevistada respondeu-me prontamente sim, argumentando que ninguém estava preparado.

“Sim, porque ninguém estava preparado para isto, não é?! E muitos menos nós, que era os professores tinham que se adaptar, mas principalmente nós é que somos avaliados, portanto acho que nos prejudicou muito, por exemplo, eu noto que eu tinha mais distrações, por exemplo, estar em casa, estás no teu ambiente e tens mais distrações enquanto que quando estás numa aula só tens ali os materiais e estais mais focado e pronto para mim, no meu caso acho que foi isso que prejudicou mais porque tens mais distrações.” (Anexo nº6)

O entrevistado E (1ºano do mestrado em relações internacionais), quando interrogado sobre esta temática, afirmou que de uma forma simples, a resposta era afirmativa, mas à medida que foi elaborando a resposta assumiu que não sentiu que a qualidade fosse terrível, no seu caso concreto. Acredita que, o facto de não ter tido problemas na Internet, ter os equipamentos necessários e estar num curso teórico, foram fundamentais para não se ter registado de forma tão notória essa perda de qualidade. Ele elabora mais a resposta, dizendo-me que, em termos sociais, dentro das aulas, foi claramente prejudicado, afirmando que a participação era complexa quando as aulas tinham muitos alunos, mas refere que atendendo a toda a situação apesar do impacto negativo, a situação foi bem gerida.

“Ahh... acho que em termos mais simples sim, ahh, mas, não acho, no meu caso específico, ahh, foi durante a licenciatura que tenham sido prejudicadas ao ponto que (pausa) a qualidade fosse terrível, ou seja, comparado ao que seria, ao que eu sei que seria a qualidade normal das aulas. Ahh... Mas, pronto, eu também tive a sorte de (pausa) enquanto estive nos confinamentos não tive problemas de internet onde estava, eu voltei para casa e não tinha problemas de internet, tinha os equipamentos, tinha tudo o que precisava era um curso teórico também, para contextualizar era na área de relações internacionais também, portanto (...) não havia equipamentos que para além do computador que basicamente eu precisasse e não tinha. Ahh, portanto, acho que nesse aspeto mais técnico, não houve grandes problemas que se tornassem completamente impossíveis de assistir como impossíveis de seguir as aulas. Em termos sociais, acho que, nem estou a falar obviamente sociais fora das aulas, em termos sociais das aulas ahh em si sim, já foi afetado, ahh, a participação era bastante mais difícil, houve casos que aí obviamente sim, especialmente quando eram muitas pessoas nas aulas, especialmente quando eram cadeiras de 80 pessoas, pronto era basicamente chegar lá e estar a ouvir.” (Anexo nº7)

Quando o entrevistado E, refere o facto do seu curso ser teórico decidi interrogá-lo sobre as bibliotecas estarem fechadas, e se esse facto limitou o conhecimento que poderia vir a adquirir se estivesse na universidade de forma presencial. Ao que o entrevistado responde, que no seu caso não, porque durante os últimos 3 anos de licenciatura passou talvez um total de 3 horas na biblioteca, mas tem conhecimento de casos de alunos que estavam no mestrado, que tinham uma maior necessidade de aceder à biblioteca e que foram prejudicados.

“Sim. Ahh... No meu caso particular, isto aqui é um bocado triste, mas eu passei talvez no total dos meus três anos da licenciatura umas 3 horas na biblioteca, portanto, as pessoas no meu curso, pelo menos eu, fiz o meu curso e fi-lo bem, passei as cadeiras e tive bons resultados e não precisei de ir para a biblioteca. Ahh... Portanto acho que nesse sentido, nesse aspeto não impactou tanto, mas sei de colegas meus, especialmente ao nível do mestrado, que já estavam no nível do mestrado, realmente estavam a fazer as dissertações e estavam a fazer outro tipo de projetos e aliás eu estava na Faculdade de Letras na Universidade do Porto, portanto tive colegas de Sociologia e colegas de História e Filosofia e tudo mais e estou a lembrar-me, por exemplo, da História que tem um acesso a um artigo físico, uma necessidade maior disso, sim houve alguma penalização, especialmente quando era ilegal andar na rua, não é. Ahh... Era especialmente difícil a deslocação à Faculdade.” (Anexo nº7)

A entrevistada F (1ºano do mestrado em psicologia clínica), quando interrogada sobre aprendizagem e o nível de ensino terem sido prejudicados pelas restrições pandémicas respondeu prontamente que sim, pedindo-lhe para desenvolver mais essa ideia, ela refere as dificuldades tecnológicas para justificar a sua resposta.

“Sim.” (Anexo nº 8)

“É assim, claro que foi um momento de aprendizagem para os professores por causa de estarem a lidar com uma tecnologia que não estavam à espera, mas claro que não era a mesma coisa não é o mesmo que ter um professor à nossa frente com o quadro e a explicar tudo o que se está a passar é mesmo até por causa disso, foi mais as dificuldades tecnológicas que os professores tinham do que o ensino em si, porque de resto, mas é basicamente isso.” (Anexo nº8)

A entrevistada G (3ºano da licenciatura em Psicologia), a última entrevistada, quando questionava sobre a aprendizagem e nível de ensino terem sido prejudicados, respondeu-me prontamente que sim, quando a questioneei porque é que achava que tinham sido afetados, respondeu-me que não sabia, senti necessidade de lhe perguntar quais os pontos que para

ela tinham sido mais afetados, pela sua experiência pessoal, ela respondeu-me que ter aulas online era impossível.

“Sim.” (Anexo nº9)

“Sei lá, não sei.” (Anexo nº9)

“Ter aulas online é impossível só, prontos não é uma coisa assim muito fácil. A comunicação com os professores também se torna mais complicada, mesmo o modelo das aulas é sempre diferente e pronto, lá está, os primeiros, o fim do primeiro ano e no início do segundo foi um bocado assim e depois talvez por isso tenha sido piorzito.” (Anexo nº9)

Perguntei-lhe se o facto de a pandemia ter ocorrido no seu primeiro ano poderia ter dificultado essa adaptação às aulas online, tendo-me respondi que achava que sim, porque não teve um balanço entre a universidade e a vida social. Tentei perceber em que aspetos é que a aprendizagem tinha sido prejudicada, interrogando-a sobre o facto dos professores não seguirem o mesmo método de ensino e de avaliação, e se isso havia dificultado a sua adaptação, ao que me respondeu que achava que sim.

“Acho que sim, acabei por não, mesmo sem ser em termos de aulas e de aprendizagens, acabei por não ter aquele balanço entre universidade e vida social porque estava em casa era só universidade, portanto acho que foi um fator muito importante.” (Anexo nº9)

“Eu acho que sim, é assim houve professores que até fizeram melhor e até facilitou, mas a maior parte dos professores só complicou, eu cheguei a ter testes como 30 perguntas para 15 minutos, nem 1 minuto por pergunta, por isso.” (Anexo nº9)

Os entrevistados de forma unânime, referem que a aprendizagem e o nível de ensino durante o período pandémico foram afetados. Referem alguns aspetos que contribuiriam para a redução da qualidade da aprendizagem e do nível de ensino, como por exemplo, o acesso à Internet ser desigual; a dificuldade em se estar atento, uma vez que há mais distrações que numa sala de aula; a dificuldade na transmissão de conhecimento foi outro dos aspetos que contribuiu para essa perda de qualidade; outro aspeto foi o de não se estar preparado para a transição do ensino presencial para o ensino *online* e a necessidade de existir um período de adaptação, para se conseguir lecionar de forma *online*; o último aspeto é a dificuldade de ver as dúvidas esclarecidas pelos professores nas aulas online em comparação com as aulas presenciais.

1.2.A qualidade do ensino superior devido aos constrangimentos da pandemia

Os entrevistados foram questionados, se consideravam que nos últimos 2 anos o ensino superior havia perdido qualidade, devido aos constrangimentos da pandemia. A resposta não foi unânime como no ponto anterior, alguns entrevistados consideram que sim, que houve uma perda de qualidade, um aponta o período do confinamento, outro considera que a interação com o professor perdeu qualidade, outro entrevistado considera que não houve perda de qualidade e até houve vantagens no período de confinamento, no que ao ensino diz respeito, e o último entrevistado não sabe se houve perda de qualidade.

Quando questionei o entrevistado A se nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade, devido aos constrangimentos da pandemia, o entrevistado respondeu-me que pensava que sim. Refere que os professores e os alunos estavam mais subcarregados, o facto de estar no computador permite uma maior distração, uma vez que consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo.

“(…) A questão para mim do ensino eu penso que perdeu, (pausa), lá está. Eu acho que mesmo que os próprios professores estão um bocado mais subcarregados, os alunos, só o formato digital também acabam por estar mais subcarregados. Eu falo por mim, eu não gosto muito de estar no computador (pausa) para mim ter aulas online, lá está, às vezes eu tinha a tendência de, por exemplo, meter a aula e fazer outras coisas, ou seja, enquanto se eu estivesse na aula eu estava focado no que estava na aula porque também não tem assim tantas distrações apesar de ter o telemóvel eu sempre estaria talvez com mais atenção ao que o professor estava a dizer do que propriamente se for num contexto de, por exemplo, digital (…).” (Anexo nº3)

A entrevistada B, considera que o ensino perdeu qualidade, afirmando que a matéria pode não ter ficado tão bem consolidada e que os conhecimentos não são os mesmos de um aluno que tirou a licenciatura numa altura pré-pandémica.

“(…) eu acho que, eu não sei se seria justo comparar pessoas que fizeram a licenciatura no tempo normal e pessoas fizeram licenciatura hoje, agora, mas sim, eu acho que a matéria não ficou tão bem consolidada, os conhecimentos não são os mesmos. O que eu digo, eu vejo por mim, eu se me perguntarem coisas de cadeiras que eu tive online, muitas das cadeiras, eu não me lembro absolutamente nada, portanto é complicado.” (Anexo nº4)

A entrevistada C, responde de forma afirmativa à questão, mas existe a necessidade de lhe perguntar em que aspetos é que considera que perdeu qualidade, se na interação com o docente, na transmissão dessa informação, em que aspetos é que considera que existiu essa

perda. Responde que a interação com o docente foi prejudicada, a qualidade na transmissão de informação também, e, sendo uma aluna de Química, considera que as cadeiras práticas foram bastante afetadas.

“Sim.” (Anexo nº5)

“Os que acabaste de dizer foram afetados, sem dúvida. E por exemplo, eu tenho um curso que até tenho cadeiras práticas e como é que é suposto nós fazemos cadeiras práticas à distância?! Então acho que afetou bastante, principalmente cursos com componentes práticas.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, considera que no seu caso concreto, os professores adaptaram se bem e não houve perda de qualidade na transmissão da informação, mas quanto à interação com professor houve uma perda no entender da entrevistada, o acesso ao professor e tirar dúvidas tornou-se mais complexo.

“É assim eu acho pelo menos no meu caso, as professoras tiveram muito bem e conseguiram adaptar-se e só que lá está estás mais distante e, por exemplo, enquanto que se tu tiveres nas aulas presenciais podes ir ter com a professora e fá-las assim estás dependente de uma resposta por e-mail e nem sempre é tão fácil. Mesmo para as professoras com muitos alunos e responder a tudo não é tão fácil como se for, por exemplo, presencialmente. Portanto apesar de que a nível de ensino, matéria e tudo mais, eles conseguiram adaptar-se bem e fazer-nos chegar tudo e mesmo materiais para o nosso estudarmos, mas em termos, por exemplo, a relação aluno professor acho que se prejudicou um bocadinho.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, considera que durante os confinamentos houve uma perda de qualidade, mas que no regresso à normalidade o único entrave poderá ser a máscara.

“Ahh... Honestamente acho que depois de voltarmos a estar no presencial que, em termos plenos, para mim foi este ano (2022), (...), acho que a qualidade das aulas está igual ao que estava antes das restrições, antes da pandemia, a única questão é as máscaras e ahh... acho que não, na minha opinião pessoal não causam assim tanto transtorno (...) Portanto, acho que atualmente está igual ao que estava no quesito da qualidade presencial, ao que estava antes da pandemia começar. Durante o confinamento, pronto, mesmo quando houve aulas presenciais, eu penso que aqui em Braga não foi igual no primeiro semestre de 2020 e de 2021. Pronto nós por exemplo, na faculdade de Letras especificamente inventaram um sistema que era, basicamente tipo dividiram a faculdade em dois, pessoas acho que era até ao J ou H, alguma coisa assim, eram o turno um e os outros eram o turno dois e numa semana ia o turno um e noutra semana ia o turno dois e quem estava em casa, basicamente o professor metia o portátil à sua frente ligava a câmara e estava lá a dar a aula. Pronto aí a qualidade não era muito boa e as pessoas não podiam ir oficialmente, havia alguns que o faziam obviamente, era algo que os professores não ligavam na minha opinião bem (...).” (Anexo nº7)

A entrevistada F, quando questionada sobre se o ensino superior ter perdido qualidade nos últimos 2 anos, devido aos constrangimentos da pandemia, respondeu que não. Quando a questionei que vantagens é que o ensino *online* trazia em comparação com o presencial, a entrevistada afirmou que o facto de não ter de se deslocar para a universidade era uma grande vantagem, e o facto de ter as aulas gravadas.

“Não. Acho que não, é assim o problema vai haver sempre há sempre os problemas quer seja presencial quer seja online ser online tinha vantagens que o presencial não tem, portanto acho que não piora nem sequer significativamente, na minha opinião.” (Anexo nº8)

“É assim, era ótimo eu sentia-me com mais energia porque nas partes iniciais das aulas não é, depois ao longo do dia vais sempre perdendo energia estás em casa e vai diminuindo, mas inicialmente eu senti-me com mais energia nas aulas, porque enquanto eu tenho que me deslocar de (localidade da entrevistada) para Braga todos os dias ali eu saía da cama vinha para escritório não é estava aqui, estava presente e não tinha toda uma deslocação que já que por si só já é cansativo então isso é uma vantagem bastante grande e depois ter as aulas gravadas e tudo era fantástico poder ver ouvir poder aprender mais ativamente.” (Anexonº8)

A entrevistada G, no primeiro momento respondeu que não fazia ideia se o ensino superior havia perdido qualidade. Nesse momento, pedi-lhe para tentar comparar o primeiro semestre do primeiro ano com um segundo semestre, se achava que tinha conseguido aprender da mesma forma, se considerava que havia informação que tinha sido passada durante as aulas *online* que havia sido perdida pelo caminho e se interação foi igual, ao que me respondeu que houve informação que tinha sido perdida. Eu interroguei-a se essa informação tivesse sido passada em aulas presenciais não teria sido perdida, respondeu-me que a matéria teria sido dada de maneira diferente, e que a questão não é estar *online*, mas sim em como a matéria foi dada.

“Não faço ideia.” (Anexo nº9)

“Claramente. Claramente. Houve muita informação que ficou perdida pelo caminho.” (Anexo nº9)

“Sim, sim, mesmo da maneira como seria dessa matéria, seria muito diferente. E talvez porque, às vezes, às vezes, não é a questão de estar a ser online, mas a questão de como matéria é dada, porque acho que as pessoas tinham pouca preparação para dar aulas online.” (Anexo nº9)

A questão da qualidade do ensino superior, devido aos constrangimentos da pandemia não teve uma resposta unânime. Alguns entrevistados consideraram que houve uma perda de qualidade, outro considera que o ensino superior não perdeu qualidade e outro entrevistado assume não saber se a qualidade foi afetada. Algumas causas apontadas para a perda de qualidade são o facto dos professores e os alunos estarem mais sobrecarregados; a dificuldade na transmissão da informação e posterior lembrança da matéria lecionada; o facto de as atividades mais práticas terem sido muito afetadas; o acesso ao professor se ter tornado mais complexo e difícil. Contudo, alguns destes entrevistados consideram que no regresso à normalidade, ou seja, às aulas presenciais, essa qualidade foi restabelecida.

Achas que nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade devido aos constrangimentos da pandemia?					
	Sim	Não	Na interação com o professor	Nos confinamentos	Não sabe
Entrevistado A	✘				
Entrevistada B	✘				
Entrevistada C	✘				
Entrevistada D			✘		
Entrevistado E				✘	
Entrevistada F		✘			
Entrevistada G					✘

Tabela 1 – Opinião sobre a qualidade do ensino superior devido aos constrangimentos da pandemia

1.3. As medidas tomadas pela Universidade do Minho

Os entrevistados foram questionados sobre, se no seu ponto de vista, as medidas tomadas pela Universidade do Minho, no que ao combate às desigualdades de acesso às aulas *online* diz respeito, foi o mais adequado. Obtive respostas bastante diversas, com entrevistados a revelarem desconhecimento das medidas, outros a considerar que as medidas tomadas pela universidade foram boas, uma entrevistada que considerou que as medidas não tinham funcionado e um entrevistado que não foi questionado porque não frequentava a Universidade do Minho quando estas medidas foram tomadas.

Quando questionado sobre as medidas tomadas pela Universidade do Minho, o Entrevistado A, revelou não ter conhecimentos das medidas, senti por isso a necessidade de dar dois exemplos como o fornecimento de computadores a quem não tinha e o aumento da capacidade da internet a quem não tinha uma internet boa. O entrevistado considerou que essas duas medidas por si só já seriam boas, mas revela que em outros aspetos a universidade não conseguiu chegar, ou não era sua responsabilidade.

“É assim, eu acho que, por acaso não tinha noção das medidas, não não tenho acompanhado, mas eu acho que é uma das boas medidas, por isso também não posso dizer ao certo quais é que se está alguém ou se forma suficientes, mas eu penso que essas duas medidas já por si seriam boas, não é? Só que acho que também há outras coisas, também que talvez a universidade não tenha chegado, talvez se cabe a outros fatores para além da universidade, talvez o próprio governo ou assim, não sei, também é uma questão só estou apenas a levantar a hipótese, não é?!” (Anexo nº3)

A entrevistada B, apesar de revelar não ter muito conhecimento das medidas, considera que as medidas tomadas pela universidade foram adequadas.

“É assim, eu não estou muito dentro do assunto, mas realmente eu acho que me lembro da altura de ter visto um anúncio, ou alguma coisa a falar de realmente fornecerem Internet aos alunos que não têm, que não tinham capacidade para isso. Nesse caso, sim acho que acho que foi o mais adequado, porque obviamente que sabemos que nem toda a gente tem acesso ao mesmo tipo de material, a computador melhor, a computadores piores, a Internet melhores, internets piores, por isso sim, acho que se foram, bons, boas medidas por parte da universidade.” (Anexo nº4)

A entrevistada C, quando questionada sobre as medidas tomadas pela Universidade do Minho respondeu prontamente que não, e ao concretizar disse que a plataforma que havia sido desenvolvida para pedir o computador tinha um prazo muito curto para efetuar esse pedido.

“Não. Posso desenvolver?” (Anexo nº5)

“Principalmente porque (assume uma função dentro da turma) eu tinha algumas colegas que não tinham acesso à Internet nem ao computador, por exemplo. Ahh... e aquela plataforma que eles tiveram para emprestar computadores, aquele tinha um prazo muito estrito de candidaturas então não, eles não, pouco ajudaram, na minha opinião.” (Anexo nº5)

Senti necessidade de questionar a entrevistada sobre o modo como as colegas conseguiram aceder a computadores e a *internet*, tendo respondido, que se arranjam de outra forma e que uma delas veio para a residência. Então questionei se o apoio da

universidade não ajudou, se foram outros meios que elas procuraram para solucionar o problema, a entrevistada respondeu que sim.

“Foram prejudicadas, mas elas tentaram fora ou por outras vias arranjar computador, por exemplo, uma delas veio para a residência em vez de estar na cidade dela, quando podia estar perfeitamente em casa.”
(Anexo nº5)

“Sim. Exatamente.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, considera que as medidas tomadas pela Universidade foram boas, no sentido de fornecer matérias aos alunos.

“É assim, eu acho que sim, no sentido em que dar materiais a todos para nós termos menos contato com uns com os outros sim (...)” (Anexo nº6)

Contudo, na mesma resposta a entrevista aborda o regresso à Universidade, e diz que as janelas e portas abertas no inverno não foram benéficas.

“mas, por exemplo, quando havia aulas ainda presenciais e uma das medidas era, por exemplo, a janela e as portas estarem abertas em pleno inverno, por exemplo, acho que essa foi uma das medidas que não, tudo bem que nós compreendemos porque tem que estar a arejar e tudo mais, mas tipo imagina queriam tentar resolver mas não mas davam condições, por exemplo, querem retirar uma coisa mas tinham que dar outra, ou seja, abrir as janelas mas tinhas que ter condições para não estares ali ao frio.”
(Anexo nº6)

Questionei a entrevistada se considerava que as pessoas com mais dificuldades haviam saído mais prejudicadas, a entrevistadora respondeu de forma afirmativa.

“Sim. Acho que sim, porque mesmo que emprestem computadores e esses meios tecnológicos nem toda a gente tem Internet, mesmo que tenhas um computador e não tenhas uma boa Internet, ou não tenhas mesmo Internet, têm que se deslocar à biblioteca ou a casa de alguém é uma adaptação, um esforço ainda maior por isso sem dúvida que sim, saíram mais prejudicadas.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, não foi questionado sobre as medidas tomadas pela Universidade do Minho porque o ano letivo de 2021/2022 foi o seu primeiro ano na Universidade.

A entrevistada F, quando questionada sobre as medidas tomadas pela Universidade do Minho, considera que a Universidade fez o melhor que conseguia numa situação que era nova para toda a gente.

“É assim, é como eu disse anteriormente, isto foi tudo novo para toda a gente, então eu acho que a universidade, na minha opinião, deu o seu melhor para tentar combater isso. Agora também não deve ser fácil conseguir arranjar não sei quantos computadores, não sei quantas Internet para as pessoas, porque eu soube que houve pessoas que não tinham Internet em casa, em que foi necessário fornecer Internet, então eu acho que eles deram o seu melhor e que isso ajudou muito no combate à desigualdade, mesmo os professores mantinham-se assim disponíveis para ajudar quem não conseguia ir a um computador ou assim que sem dúvida.” (Anexo nº8)

Como a entrevistada aborda a questão dos docentes, decidi perguntar-lhe se os professores tinham sido colaborativos nesse aspeto, ao que a entrevistada me respondeu que sim.

“Sim, sim. Mesmo quando falhava a *net* e tudo os professores não ficavam assim parece que chateados, eles compreendiam que era uma situação complicada.” (Anexo nº8)

A entrevistada G, quando questionada pediu para lhe dizer algumas medidas, quando disse duas medidas a entrevistada disse não fazer ideia.

“Pois. Não faço ideia, se calhar podia, se calhar não podia, se calhar havia pessoas que mesmo assim não conseguiam, mas alguns provavelmente podiam ter uma sala para mesmo para as pessoas que estavam eu sei que era um bocado complexo fazer isto mas sei lá, talvez ter uma sala com, e as pessoas estavam todas lá de máscara, desinfetavam as mãos e testavam-se para estar lá, porque dar computadores e dar Internet é sempre muito fácil, mas depende do contexto em que a pessoa está, por acaso estávamos a falar disto numa aula durante esta semana, ahh...(pausa), porque, sei lá não é assim tão linear isso.” (Anexo nº9)

Relativamente às medidas desenvolvidas pela Universidade do Minho, foi notório um desconhecimento das medidas, havendo a necessidade de dar alguns exemplos para que pudessem falar sobre o assunto. A entrevistada que assumiu que as medidas não tinham sido adequadas, revelou conhecimento das medidas, abordando a questão do tempo reduzido para se inscrever nas plataformas desenvolvidas pela universidade. Os outros entrevistados, afirmam que a universidade fez o que lhe era possível, atendendo ao fator de novidade e ao elevado número de alunos que frequentam a Universidade do Minho.

As medidas tomadas pela Universidade do Minho no que ao combate às desigualdades de acesso às aulas via online diz respeito, foi o mais adequado?				
	Sim, foram boas medidas	Não, as medidas não funcionaram	Não tem conhecimento das medidas	Não foi questionado, porque não frequentava a UM
Entrevistado A			✗	
Entrevistada B			✗	
Entrevistada C		✗		
Entrevistada D	✗			
Entrevistado E				✗
Entrevistada F	✗			
Entrevistada G			✗	

Tabela 2 – Opinião sobre as medidas tomadas pela Universidade do Minho

1.4. Adaptação aos meios métodos de ensino à distância

Quando interrogo os entrevistados sobre a adaptação aos meios e métodos de ensino à distância, a grande maioria diz-me que foi difícil adaptar-se, com apenas dois entrevistados a afirmar terem conseguido uma boa adaptação. Questionados se essa adaptação foi mais complicada no primeiro ou no segundo confinamento, sete deles respondem que no primeiro confinamento, apenas um defendendo que foi mais complicado no segundo confinamento.

O entrevistado A, que à data do 1º confinamento, estava no último ano da licenciatura em Sociologia, encontrava-se a realizar um relatório e tenta enquadrar como foi esse momento.

“Ahh. É assim, o que me recordo. Eu penso que foi no terceiro ano da licenciatura, nós estávamos a fazer, neste caso, (...) Nós estávamos a fazer relatório, eu estava pelo menos a fazer relatório. Isto surgiu de repente, passamos todos para o digital. Entretanto as bibliotecas ficaram fechadas, nós não tínhamos o sistema, por exemplo, do VPN para ligar à Universidade para fazer as tais pesquisas. Ahh... E depois, por exemplo, eu lembro de alguns colegas meus, por exemplo, de estar a fazer estágio, os estágios serem todos cancelados e de facto passarem todos para relatório já com bastante atraso, por isso eu acho que, lá está a universidade respondeu dentro do possível, não é?! Que era uma situação totalmente nova, mas eu penso que custou a toda a gente, sem dúvida nenhuma.” (Anexo nº3)

Quando questionei o entrevistado sobre se essa adaptação tinha sido mais complicada no 1º ou no 2º confinamento, o entrevistado responde-me que no primeiro era tudo novidade, mas que o segundo foi mais intenso, ele fala do período que antecedeu o 2º confinamento, onde se registava um elevado número de mortos e infetados.

“Ahh. É assim, eu penso que no primeiro, lá está foi a questão da novidade, as pessoas não sabiam como reagir digamos assim. O segundo as pessoas já tinham uma noção, mas acho que foi mais intenso, foi mais restritivo, digo eu. À partida, pelo menos foi o que eu senti, tanto se calhar pelo número de mortos, disto dos infetados eu acho que também mexeu, acho que com toda a gente, não é?! Uma pessoa às vezes ia para a universidade e sentia, por exemplo, antes desse caso do confinamento e senti que andamos aqui e nem sabemos se isto é seguro, não é?! Com tanto número de infetados e tantos mortos e havia sempre aquela perceção de que não era seguro ir à universidade e as razões. A falar por mim até preferia em certa parte, neste caso está o ensino à distância totalmente do estar a deslocar-me à universidade para ter aulas.” (Anexo nº3)

Questionei-o se o que o deixava mais receoso era a segurança, ele justificou que sim porque vivia com a avó.

“Por exemplo, eu vivo com a minha avó, por exemplo, eu tenho 83 anos é mais sensível, por exemplo, a parte boa que havia se calhar a transmitir ou neste caso de apanhar e estar em casa era muito grande, não é?! E sentia sempre aquela, não sei, aquela responsabilidade aquele peso.” (Anexo nº3)

A entrevistada B, considera que a adaptação do meios e métodos de ensino à distância foi difícil.

“Difícil. É difícil, porque é assim, por muito que nós estamos numa geração muito ligada à tecnologia, por muito que estejamos habituados a isto é sempre complicado estar 2 horas a olhar para um computador e estar 100% atento àquilo que nos estão a dizer, que sem, sei lá, porque ainda por cima estamos em casa, estamos no nosso meio, facilmente qualquer coisa nos distrai, e sim nesse sentido foi difícil.” (Anexo nº4)

Perguntei-lhe se o facto de estar *online*, e conseguir aceder em simultâneo a diversas redes sociais, por exemplo, se havia dificultado a concentração e se no final teve impacto na aprendizagem, ao que a entrevistada me respondeu que sim.

“Sim, sem dúvida, porque assim, até a tentação maior e temos os meios para o fazer, portanto torna tudo mais fácil, não é?!” (Anexo nº4)

Questionei-a se essa dificuldade havia sido maior no 1º ou 2º confinamento, respondeu-me que no primeiro essa adaptação tinha sido mais complicada pelo fator novidade.

“Eu diria no primeiro, porque assim no segundo já tínhamos passado um semestre inteiro a ter aulas assim, portanto já sabíamos que íamos enquanto que da primeira vez foi um choque e ninguém sabia como é que ia funcionar. Mesmo relativamente às avaliações e tudo, as pessoas não sabiam se iam ter avaliações presenciais ou não, por isso sim acho que foi no primeiro.” (Anexo nº4)

Interroguei-a se considerava que a adaptação, do primeiro para o segundo confinamento, não havia sido só mais fácil para os alunos, mas também para os docentes, ao que entrevistada me respondeu que sim.

“Sem dúvida. Porque assim, já tinha uma experiência, já sabiam se calhar já tinha outras técnicas de tentar captar os alunos, de fazer as aulas, se calhar de forma mais dinâmica. Tendo em conta que, estávamos todos com acesso aos computadores, por exemplo, não sei passar um vídeo ou algo que captasse mais, que fosse mais alusivo e por isso sim, acho que o segundo foi mais fácil.” (Anexo nº4)

A entrevistada C, diz ter-se adaptado bem aos métodos e meios de ensino à distância.

“Eu eu adaptei-me bem, mas acho que tive assim, acho que todos no fundo saímos um pouco prejudicados que é muito difícil estar atento estas horas todas e porque eu tentei ao máximo também fazer com que os professores não se sentissem sozinhos eu ligava sempre acaba era a única e honestamente não não me importava nada” (...) (Anexo nº5)

Questionei a entrevistada sobre a adaptação aos métodos de avaliação via *online*, ao que entrevistada me responde que teve diversos métodos de avaliação, e nunca havia tido notas tão baixas na universidade, refere o curto período para realizar as avaliações, considera que os professores não se adaptaram muito bem aos métodos de avaliação online, acabando os alunos por sair prejudicados.

“Então, tive bastantes métodos de avaliação e acho que nunca tive notas tão baixas na universidade. Foi bastante mau (...) eles prejudicaram no sentido de um teste que normalmente era para 2 blocos de 1 hora, por exemplo, em 60 minutos, como é que é suposto nós fazermos um teste enorme em 60 minutos?! Então nesse sentido fomos prejudicados, sim. Porque eles também, eles não se adaptaram muito bem ao regime de avaliação online acho eu, não é só os alunos, mas também houve uma falta de compreensão da parte deles. Não houve adaptação da parte deles literalmente.” (Anexo nº5)

Quando interrogo a entrevistada, sobre se a adaptação teria sido mais complicada no primeiro ou no segundo semestre a entrevistada responde prontamente que no primeiro, e eu volto a interrogar se foi por causa da novidade e ela responde-me que sim, e aborda o facto dos professores no primeiro confinamento terem tido mais dificuldade em adaptar-se.

“No primeiro. No primeiro.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, revela que foi um bocadinho difícil adaptar-se aos métodos e meios de ensino à distância, muito porque tem dificuldade em concentrar-se.

“É assim, foi um bocadinho difícil. Porque eu a nível de concentração tenho muitas dificuldades e foi como eu referi há um bocado, tu em casa tens mais distrações e para mim é mais fácil tu teres o contato com o professor estares ali numa sala de aula do que em casa só, porque nós tínhamos a aula e depois tínhamos mais estudo sozinho, não é?! Não tens tanto acompanhamento, e eu para mim nesse sentido foi mais difícil acompanhar porque tu sentes-te mais desamparada por assim dizer.” (Anexo nº6)

Quando lhe pergunto se a adaptação foi mais difícil no primeiro ou no segundo semestre, ela responde prontamente que no primeiro.

“No primeiro. No primeiro, porque foi tudo novidade e então claro pronto a pessoa sente um bocadinho perdida, no segundo já estás mais ambientado.” (Anexo nº6)

Interroguei-a então, sobre se considerava que essa adaptação tinha sido mais fácil no segundo confinamento porque já estava adaptada, ou achava que os professores também já estavam mais preparados para adequar a maneira de lecionar ao ensino *online* no segundo confinamento, ao que entrevistada me responde que que sim, porque os alunos já tinham dado o seu *feedback*, e os professores puderam melhorar os aspetos menos positivos da segunda vez.

“Sim. Sim. Sim, porque nós também já tínhamos dado a nossa perspetiva do que é que correu bem e o que é que correu mal e eles também puderam melhorar isso para a segunda vez.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, considera que a adaptação aos meios e métodos de ensino online ocorreu bem, dá como justificação o facto de anteriormente ter participado em projetos e reuniões de grupo online e não ser uma novidade tão grande.

“Ahh... Ocorreram bem, (...) opá... também era, as minhas condições em casa eram boas e os meus pais também, os meus pais são professores então pronto para tentar contextualizar, eu estava em casa a fazer a mesma coisa só pelo lado oposto, ahh..., portanto estávamos todos já entrar nessa rotina de ter aulas online, acho que me adaptei bem basicamente. Penso que eu e a maioria dos meus colegas tinham o privilégio, que é o que foi, o privilégio de ter uma boa ligação à Internet e um computador que funcionasse bem, (...) Mas do meu lado acho que houve uma boa adaptação, ao início ainda havia alguma dúvida sobre as plataformas, por exemplo, havia professores que preferiam *Skype*, havia professores preferiam outras coisas assim mais estranhas, sei lá, outras plataformas estranhas que eu

nunca ouvi falar, depois o Zoom começou a ser a plataforma oficial, não apenas da UP (Universidade do Porto), mas imagina acho que todas as universidades, portanto é uma plataforma que funciona bem, na minha opinião, e permitiu ahh..., uma boa adaptação. Eu também já tenho alguma, por causa da participação em projetos, em grupos já fazíamos reuniões online, portanto não foi assim um choque tão grande entrar para os meios online totalmente, (...)." (Anexo nº7)

A entrevistada F, considera que a adaptação foi um bocadinho complicada no início, mas que depois as pessoas foram começando a adaptar-se.

"Um bocadinho complicado ao início, porque passámos ter uma aula toda assim interativa não é, estar a ver as outras pessoas torna mesmo nós conseguimos estar um pouco mais atentos passar para ter em casa e temos todo o tipo de distrações possíveis, pessoas á nossa volta, pessoas que entravam pela sala a dentro, tivemos foi complicado, depois as pessoas foram começando a aprender não é mesmo com os professores é engraçado ver às vezes vemos animaizinhos deles a passar isso era engraçado, mas foi complicado no início." (Anexo nº8)

Quando a questioneei sobre se sentiu maior dificuldade no primeiro ou no segundo confinamento, a entrevistada respondeu-me que no primeiro porque não estavam à espera.

"No primeiro nós não estávamos à espera no segundo nós já estávamos habituados." (Anexo nº8)

Interroguei-a sobre como é que foi o processo de avaliação e a respetiva adaptação a esse processo, ao que entrevistada me responde que um verdadeiro terror.

"Terror, foi um verdadeiro terror. Porque assim, na escola já e já temos o stress é normal em casa temos um stress acrescido de poder falhar na net poder entrar alguém pela sala dentro, depois houve toda uma situação daquilo que eles porem a *Blackboard* para nós não copiarmos, alguns computadores não estavam a aceitar, outros estavam a bloquear depois sabermos que tínhamos uma câmara ligada virada para nós e o menor desvio de olhar aquilo podia alertar o professor lá foi foi incrível, incrivelmente mal, isso foi muito mau e assim foi mais fácil porque não termos que estar ali não, estamos com aquela pressão, estar ali numa sala e não sei quê, mas ao mesmo tempo tornou-se mais difícil por causa de todo o resto." (Anexo nº8)

A entrevistada F, respondeu-me que a adaptação foi mais complexa no primeiro confinamento.

"Foi no primeiro, eu no segundo já estava habituada." (Anexo nº9)

Perguntei-lhe se considerava que os professores também já estavam mais habituados no segundo confinamento, ao que entrevistada me responde que sim.

“Sim. Eu julgo que tive alguns professores que tinham tido formação, entretanto, e foi um ponto positivo.” (Anexo nº9)

Questionei-a ainda sobre se considerava que a forma como usavam as aulas e avaliavam os alunos no segundo confinamento era um bocadinho mais justa, ao que a entrevistada me respondeu que comparando com o primeiro confinamento sim, mas mesmo assim não era justa.

“Mais justa do que tinha sido no primeiro confinamento, mas mesmo assim claramente não era justa.” (Anexo nº9)

Relativamente à adaptação aos meios e métodos de ensino à distância, os entrevistados não foram unânimes nas suas respostas. Os entrevistados que revelam que essa adaptação foi difícil, apontam algumas causas como, por exemplo, a novidade da situação, a questão de estar atento durante 100% do tempo, porque se está em frente ao computador durante muito tempo, e a falta de acompanhamento é outros dos aspetos apontados. Essa adaptação, para a maioria dos entrevistados foi mais complicada no primeiro confinamento pelo fator novidade. Contudo, um dos entrevistados refere que essa adaptação foi mais complicada no segundo confinamento pelo medo, devido ao elevado número de casos que se registaram no início desse mesmo confinamento.

Como foi a adaptação aos meios/métodos à distância?		
	Difícil	Adaptou-se bem
Entrevistado A	✘	
Entrevistada B	✘	
Entrevistada C		✘
Entrevistada D	✘	
Entrevistado E		✘
Entrevistada F	✘	
Entrevistada G	✘	

Tabela 3 - Como os entrevistados se adaptaram aos meios e métodos de ensino à distância

Essa adaptação foi mais complicada no 1º ou no 2º confinamento?		
	1ºconfinamento	2ºconfinamento
Entrevistado A		✘
Entrevistada B	✘	
Entrevistada C	✘	
Entrevistada D	✘	
Entrevistado E	✘	
Entrevistada F	✘	
Entrevistada G	✘	

Tabela 4 - Opinião dos entrevistados sobre se adaptação foi mais complicada no 1º ou 2º confinamentos

1.5.Os conhecimentos mais práticos do curso durante os últimos 2 anos letivos

Quando coloquei esta questão aos entrevistados, fui percebendo que as respostas variavam muito de curso para curso, e também por referência ao ciclo de ensino, facto que dificulta o estabelecimento de um termo de comparação entre as vivências dos diferentes entrevistados. Pode-se, contudo, assumir que houve uma perda durante os últimos 2 anos, quer nas dinâmicas de grupo, quer em situações mais graves como a perda de conhecimento e de práticas fundamentais para a conclusão do curso e para a futura vida profissional.

Quando pergunto ao entrevistado A, como é que desenvolveu e apreendeu os ensinamentos mais práticos, durante os 2 últimos anos letivos, muito particularmente durante os 2 confinamentos, o entrevistado refere que o curso é um pouco mais teórico e dá um exemplo, de uma atividade elaborada por uma docente.

“(…) práticas de investigação (...) essa componente eu acho que era bem mais prática, no sentido de que é mais metodologia e assim e uma das formas na altura que a *stora* abordou foi precisamente meter texto no *Perussal* para nós lermos em contextos de grupo e discutirmos, ou seja, apesar de ainda não ser a mesma coisa do que fazemos em contexto de aula, eu acho que aí conseguiu um efeito no sentido de nós praticarmos, digamos assim (...) (Anexo nº3)

Perguntei ao entrevistado, se sentiu que perdeu alguma dinâmica de grupo, ao que o entrevistado me responde que sim.

“Á isso sim. Isso sem dúvida que sim. (...) Precisamente, por lá está, é digital essas metodologias utilizadas focaram-se maioritariamente no digital, como por exemplo, o tal contexto de presencial, de por exemplo, eu falar e outro colega ao meu lado falar. Essa dinâmica eu acho que faz falta no ensino, no ensino e não só, mas principalmente no ensino, sim.” (Anexo nº3)

No caso da entrevistada B, sendo ela aluna de licenciatura em sociologia, a mesma que eu frequentei, perguntei-lhe como é que ela tinha apreendido os ensinamentos da cadeira de estatística, tendo a entrevistada explicado como é que foi a diferença de Estatística 1 para Estatística 2, uma vez que a primeira foi lecionada presencialmente e a segunda de forma *online*.

“É assim, o meu primeiro ano também já vai a algum tempo, já não me lembro muito bem. Mas sim, é assim no caso sociologia temos que pensar em estatística, porque o resto é tudo teórico, obviamente eu tive estatística 1 presencial estatísticas 2 online, por acaso tive melhor nota a estatística 2, pois que foi online, mas é assim, em termos não das aulas teóricas, mas sim das aulas práticas, são as aulas laboratoriais e um computador, claro que é mais fácil presencial. O porquê? Porque estávamos nos computadores da universidade a qualquer momento temos o professor que passa atrás e que nos pode ajudar, a explicar como é que as coisas se fazem, como é que as coisas não se fazem. Enquanto que, quando estamos em casa, no nosso computador, nós até podemos pôr a dúvida, mas não é a mesma coisa que o professor estar lá, a ver exatamente o que é que nós estamos a fazer e explicamos de uma forma muito mais perceptível.” (Anexo nº4)

A entrevistada C, sendo a que frequenta o curso mais prático de todos os entrevistados, portanto procurei perceber como é que tinha sido a adaptação, e ela procurou explicar-me como é que tinha acontecido de facto. Deu-me o exemplo, dos professores mandarem os dados obtidos por alunos nos anos anteriores e eles faziam tratamento de resultados. Eu perguntei-lhe se ela chegou a recolher dados, e ela disse que não, porque esses dados só podiam ser recolhidos em laboratório, ou seja, eles tiveram de trabalhar com dados previamente obtidos.

“Por exemplo, os professores mandavam dados obtidos por alunos nos anos anteriores e nós temos que fazer o tratamento resultados.” (Anexo nº5)

“Não. Não porque só poderiam ser obtidos em laboratório então tínhamos que trabalhar com coisas obtidas, não falámos nem muito bem das técnicas para obter nem nem no aspeto teórico de como obter aqueles resultados em laboratório foi só mesmo tratamento resultados e discussão de resultados.” (Anexo nº5)

Então perguntei à entrevistada se tinha perdido uma parte fulcral do curso, tendo-me respondido de forma afirmativa. Procurei perceber se aquilo que havia sido perdido era recuperado neste último ano de licenciatura, ou se ela achava que já não era possível ser recuperado, ao que respondeu que como os confinamentos só aconteceram no seu segundo ano, o que ocorreu foi que, não aprendeu algumas técnicas, mas dá-me o exemplo dos alunos que entraram na universidade em época de confinamento e diz notar-se a falta de confiança e de conhecimento em laboratório.

“Sim” (Anexo nº5)

“Olhe, por exemplo, eu eu como isto me aconteceu no segundo ano eu só senti mesmo a diferença na na adquirir aquele conhecimento prático de algumas técnicas, mas, por exemplo, a malta do primeiro ano, eles estão complicados em laboratório este ano, nota-se que eles não têm aquele tanto à vontade porque logo no primeiro ano, em contato com a universidade que não tiveram essa vivência digamos, nota-se bastante o falta de nível de confiança e de conhecimentos também.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, quando questionada como é que aprendeu os ensinamentos mais práticos do curso durante os últimos 2 anos letivos, e muito particularmente durante os 2 confinamentos, disse-me que nunca teve problemas com os estágios, porque estes nunca surgiram em tempos de confinamento, mas que houve matérias e atividades que não foram lecionadas da mesma forma, por que realizaram trabalhos e não atividades práticas.

“É assim, por acaso em relação aos estágios eu sempre tive sorte porque mesmo com o covid, claro que tens mais restrições, mas os estágios não estiveram ligados ao confinamento, portanto eu tive os estágios na mesma, mas, por exemplo, aquelas cadeiras mais práticas como as didáticas, por exemplo educação visual, educação física resumiu-se tudo a trabalhos, ou seja, podia ser muito mais vantajoso e aprenderíamos mais e assim não foi possível, porque os professores também não podiam fazer milagres e resumia-se tudo a trabalhos escritos e pronto, isso não se aprende muito porque vais tirar da Internet e resumir. Não aprende tanto como se estivesse na universidade mesma fazer os exercícios, e aprender. Porque no fundo no meu curso eu vou aprender a ser professora, ou vou aprender a ser educadora e com isto nós estávamos em casa só a fazer trabalhos percebes?! Não treinavas muito.” (Anexo nº6)

Perguntei-lhe então, se o facto de os estágios não terem sido afetados faria com que esses conhecimentos mais práticos pudessem ser adquiridos nesse período, ao que entrevistada me respondeu que irão sentir na mesma dificuldade.

“É assim apesar de termos os estágios na mesma, vamos sentir na mesma dificuldade de certeza daqui para a frente, porque os estágios são coisas diferentes, por exemplo, eu no estágio não exerci nada relativamente, por exemplo, a educação física, ou seja, por exemplo, aí eu vou sentir de certeza dificuldades, porque nós simplesmente fizemos um trabalho escrito e quando for se calhar exercer nessa parte vou sentir mais dificuldade, e mesmo na educação visual nós não tivemos contato com materiais, com obras de arte, nada, foi só um trabalho e mesmo tendo os estágios, nós no estágio fazemos atividades inventadas por nós portanto, claro que é sempre uma aprendizagem, mas fica na mesma.” (Anexo nº6)

No caso do entrevistado E, apesar de já ter referido que o curso era mais o teórico, procurei perceber como é que aprendeu os ensinamentos de alguma vertente prática, em alguma cadeira, inicialmente disse-me que não havia nenhuma cadeira que tivesse tido que exigisse trabalho de campo ou trabalho laboratório, mas acabou por se lembrar das aulas de línguas, nas quais um dos professores procuravam uma interação entre os alunos, debatendo e discutindo ideias, tentou por isso explicar-me como é que funcionou a dinâmica.

“(…) o meu curso tinha aulas de línguas, era uma das componentes, por exemplo os professores de inglês, às aulas onde eu ia o objetivo deles era sempre criar grupos para discutir, para de bater, para exatamente isso criar discussão e debate, para um bocado, não ser só estar ali a estudar, acho que era a parte mais importante e enquanto foi totalmente online era um bocadinho mais fácil, quando voltou a ser presencial, ou aliás o nosso caso era semi presencial, ahh... houve alguma dificuldade nisso, porque tínhamos que gerir, nós não o professor tinha que gerir as pessoas que estavam em casa, as pessoas que estavam na faculdade e depois as pessoas que estavam na faculdade muitas vezes estavam só com um telemóvel que não era o ideal, portanto aí houve alguma dificuldade, mas em termos práticos eu pessoalmente não tive dificuldade (...)” (Anexo nº7)

A entrevistada F, quando interrogada como é que desenvolveu e aprendeu os ensinamentos mais práticos do curso durante os últimos 2 anos letivos, muito particularmente durante os 2 confinamentos, responde-me que o curso não tem componentes muito práticas.

“É assim, o meu curso não tem componentes muito práticas, é muito mais teórico, a parte mais prática era realmente estar muito atento às aulas porque era mesmo necessário estar atento às aulas online e tentar fazer, ter sempre uma aprendizagem ativa e está atenta nas aulas para tentar aprender o máximo possível, depois tentar fazer porque senão era muito complicado acompanhar.” (Anexo nº8)

A entrevista G, quando a questioneei sobre tema disse-me que não sabia porque não os tinha adquirido.

“Sinceramente nem eu sei, porque eu acho que não os adquiri.” (Anexo nº9)

Perguntei-lhe então se considerava que a parte mais prática do curso se perdeu e não foi recuperada, agora com a volta das aulas presenciais, ao que me responde que agora sim, mas que provavelmente está a fazer um juízo de valor porque o curso sofreu alterações do segundo ano para o terceiro ano e talvez esse seja o motivo.

“Agora sim, mas eu também estou aqui a fazer um juízo de valor, provavelmente não terá sido só dos confinamentos, porque o nosso curso sofreu uma alteração do segundo ano para este terceiro ano porque deixou de ser mestrado integrado e passou a ser licenciatura mais mestrado e pronto, neste momento, nós temos cadeiras muito mais práticas e mesmo os alunos do primeiro e do segundo ano acabam por ter cadeiras que nós não tivemos ou cadeiras que nós íamos ter e que eles estão a ter agora que faziam mais sentido, mas pronto é isso.” (Anexo nº9)

A aprendizagem dos ensinamentos mais práticos do curso, segundo os entrevistados, foi impactada. Algumas das consequências dos confinamentos são a perda de dinâmica de grupo; a dificuldade de esclarecer dúvidas mais práticas com os docentes; o facto de quando existia a necessidade de recolher dados, nomeadamente em laboratório, essa recolha não ser possível; e o facto de realizar trabalhos e não desenvolver atividades mais práticas, poderá ter impacto no desempenho das funções profissionais.

1.6.O pensamento de abandonar os estudos

Pensar em abandonar os estudos, não foi um pensamento que surgiu a todos os entrevistados. Um deles considera que pensou nessa possibilidade, mas que não a concretizou por faltar apenas um ano para concluir o ciclo de estudos, enquanto outra entrevistada disse que pensou, mas não propriamente por causa da pandemia. Três dos entrevistados, dizem claramente que não pensaram em desistir da universidade; uma entrevistada disse-me que não pensou em desistir de facto, embora esse pensamento lhe tenha passado pela cabeça; e a última entrevistada assume que isso aconteceu, no seu primeiro ano de estudo, mas não sabe se esse pensamento ocorreu durante a pandemia.

O entrevistado A, quando perguntado se pensou em abandonar os estudos respondeu-me que é uma questão que qualquer pessoa põe, contudo o facto de só faltar um ano fá-lo pensar em não desistir.

“É assim. É uma questão, acho que qualquer pessoa põe, não é?! Já porque à partida logo porque está no ensino superior, mas eu também pensei depois assim, pocha agora também só estou. Neste caso

falta apenas um ano, sensivelmente que a tese também não vou desistir agora é é um pouco essa mentalidade que que dominou digamos assim.” (Anexo nº3)

Quando lhe perguntei se a situação pandémica terá levado mais alunos a pensar em desistir da universidade, ele diz-me que não conhece ninguém, mas pensa que é um sentimento geral.

“É assim, eu conhecer alguém talvez, não sei, mas eu penso que, eu acho que, é geral esse sentimento de vocês, eu acho que a pandemia fez as pessoas mudarem, refletir um pouco mais sobre o que queriam sobre a vida, em geral não é eu penso que os estudos também não escaparam disso, mas a qualidade neste caso poderá fazer ter diminuído as pessoas também poderão ter reflexo de quem se calhar não é isto que eu quero não é isto se calhar quando faz feliz assim, eu caso talvez terá influenciado sim as pessoas.” (Anexo nº3)

A entrevistada B, diz-me que pensou em abandonar os estudos, não propriamente por causa da pandemia. Questionada sobre a existência de outras razões que não as pandémicas e ela respondeu-me que sim, mas que a desmotivação aumentou por causa da pandemia.

“Eu diria que sim, mas não propriamente por causa da pandemia.” (Anexo nº4)

“Sim. Sim. Apesar de que é assim, claro que por causa da pandemia, sem dúvida há uma desmotivação enorme porque se nós já estávamos muito motivados, o facto de ter aulas online e de sair, não termos as nossas rotinas, sem dúvida que desmotivou completamente. Eu, eu vejo por mim, eu não tinha qualquer vontade de ir às aulas, porque eu ir às aulas online e eu simplesmente não aprendia nada, então era estar ali ter um computador à minha frente e ter uma pessoa a falar como voz de fundo, mas não propriamente a ter um interesse.” (Anexo nº4)

Questionei-a então se considerava que a situação pandémica teria levado mais alunos a pensar em desistir da universidade, ao que ela me respondeu que sim.

“Sim, sem dúvida. Aqui exatamente, naquilo que eu disse anteriormente, que é assim, aulas online desmotivam completamente os alunos e, por exemplo, se um aluno já não gostasse muito do curso, e se calhar até já estava a pensar em desistir, mas não sei, por exemplo, até podemos falar, imagina um aluno que até anda na praxe e a praxe presencial é aquilo que o motiva a continuar na universidade, a estar com os amigos, não sei quê não sei que mais, tendo passado tudo online a vida daquele estudante passou simplesmente a estar em frente a um computador e a não ter aquele base de motivação que tinha anteriormente, ou seja, automaticamente os motivos para querer desistir aumentam imenso.” (Anexo nº4)

A entrevistada C, quando perguntada se pensou em desistir da universidade responde prontamente que não.

“Não.” (Anexo nº5)

Perguntei-lhe então, se considerava que a situação pandémica teria levado mais alunos a abandonar os estudos, ao que responde que achava que não. Dando o exemplo das pessoas que moravam longe, uma vez que o facto de não perderem tempo nos transportes terá facilitado.

“Acho que não. Acho que não porque até, acho que tivemos até a situação um pouco facilitada, por exemplo, há pessoas que moram longe e tiraram proveito, acho que têm mais tempo para estudar e para estarem em casa isso tudo, não perder a tempo em transporte então acho que não, acho não.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, diz-me que nunca pensou em desistir, mas que quando uma pessoa se sente mais desmotivada isso acaba por passar pela cabeça.

“É assim, desistir, desistir nunca pensei, mas claro que uma pessoa fica mais desmotivada isso passa pela cabeça, apesar de que depois podíamos nunca o fazer, desistir totalmente, mas passa pela cabeça, sem dúvida.” (Anexo nº6)

Questionei-a, se a pandemia terá levado mais alunos a pensar em desistir da universidade, a entrevistada responde-me que sim, porque não é fácil andar na universidade, e que numa altura de confinamento as pessoas sentiam-se mais tristes.

“Sim, porque a andar na universidade tem muito que se lhe diga e é mais difícil do que muitos pensam, e por vezes nós não temos muito com quem desabafar e sentimo-nos muito sozinhos e e já é difícil com tanta coisa para estudar, tanta coisa para fazer e muitos também trabalham enquanto estudam e já é complicado, então numa altura de confinamento que as pessoas estavam mais tristes, mais abaladas, sim penso que sim.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, quando questionado sobre pensar em abandonar os estudos, responde-me prontamente que não.

“Não. Resposta curta não, não pensei.” (Anexo nº7)

Quando o interroguei, sobre considerar que a situação pandémica terá levado mais alunos a pensar em desistir da universidade, ele responde-me que no seu curso, pelo menos no seu ano, não se recordava ninguém que tivesse desistido.

“Eu pessoalmente, o meu curso, no meu ano tinha umas 60 ou 70 pessoas, assim de repente não me lembro de ninguém que tenha abandonado os estudos, nem estou a pensar nas questões financeiras,

obviamente que isso é outra questão, por questões de não gostar de ter aulas online não me lembro de ninguém, obviamente que as pessoas queixavam e diziam que é a minha vida neste momento a ter aulas online todo o dia, mas opá é aquilo que se diz nós também, por acaso eu estava no segundo ano não estavam no terceiro, mas acho que já havia um ano e meio de investimento é aguentar, é prosseguir e todo mundo conseguiu fazê-lo (...) acho que era uma obrigação que tínhamos que dar o nosso melhor podia não ser com os melhores resultados sempre mas tínhamos um bocado essa obrigação do ponto de vista de fazer o nosso melhor apesar da situação.” (Anexo nº7)

A entrevistada F, diz-me que nunca pensou em abandonar os estudos.

“Não, nunca me passou pela cabeça, às vezes brincava com a situação, mas não a sério.” (Anexo nº8)

Por sua vez, quando a questioneei se considerava que a situação pandémica teria levado mais alunos a pensar em desistir da universidade ela responde-me que acreditava que sim.

“Eu acredito que sim, porque o confinamento fez com que as pessoas ficassem muito ansiosas, algumas deprimidas e então juntar à sensação de ansiedade por causa de um confinamento juntar a ansiedade está num curso que mudou completamente, eu acredito que muitas pessoas podem ter nem saído da universidade, mas podem ter pensavam, pelo menos pensado acredito que sim.” (Anexo nº8)

A entrevistada G, quando questionada sobre ter pensado em abandonar os estudos, responde-me que não sabe se foi durante a pandemia, mas que no seu primeiro ano isso aconteceu.

“Ahh (pausa)... Durante a pandemia não sei, mas no meu primeiro ano sim, agora se já estamos na pandemia não, é uma boa questão. Era eu a pensar “fogo não sei o que é que eu estou aqui a fazer”, mas claro que não ia, mas foi “não sei estou aqui a fazer às vezes”.” (Anexo nº9)

Perguntei-lhe então se considerava que a pandemia teria levado mais alunos a pensar em desistir da universidade, ela respondeu-me que achava que sim. Perguntei-lhe se olhando à sua volta, esse pensamento tinha passado pela cabeça dos que a rodeiam, ela respondeu-me que esse pensamento lhes tinha passado claramente pela cabeça. Questionei então se esses pensamentos surgiram por causa do curso, pela situação pandémica, pelas aulas serem *online* ou por não conviverem com os colegas, ao que ela me respondeu que era um bocado de tudo.

“Eu acho que sim.” (Anexo nº9)

“Passou. Passou. Claramente sim.” (Anexo nº9)

“Acho que é um bocado de tudo, sim, era por o curso ser demasiado teórico, estarmos online e não haver convívio, não haver vida social, não haver, acho que foi um bocado da junção de todos os fatores.”
(Anexo nº9)

O pensamento de abandonar os estudos não ocorreu em todos os alunos. Dois alunos assumem que isso lhes passou pela cabeça, mas um deles revela que não foi por causa da pandemia e outros quatro entrevistados revelam que não pensaram em abandonar os estudos.

Pensou em abandonar os estudos durante a pandemia?					
	Sim, passou pela cabeça	Sim, mas não por causa da pandemia	Não	Não, mas passou pela cabeça	Não sabe se esse pensamento ocorreu durante a pandemia
Entrevistado A	✘				
Entrevistada B		✘			
Entrevistada C			✘		
Entrevistada D				✘	
Entrevistado E			✘		
Entrevistada F			✘		
Entrevistada G					✘

Tabela 5 - Opinião sobre o pensamento de abandonar os estudos

1.7. As perceções das desigualdades sociais com reflexo no ensino superior

A questão das desigualdades sociais e as suas perceções sobre o seu possível agravamento durante a pandemia, não é unânime entre os entrevistados. Ainda assim, a maioria considera que houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo no ensino superior e referem vários aspetos que podem ter sido afetados, como é o caso do acesso ao ensino superior, a perda de rendimento que a pandemia originou e a questão de diferentes equipamentos, alguns deles com pior qualidade. Há ainda uma entrevistada que diz não saber até que ponto as medidas tomadas pela Universidade do Minho solucionaram o problema, mas refere que deveria ter havido um ajuste no valor das propinas. A última entrevistada diz

que no seu entender não houve um agravamento das desigualdades sociais, mas refere que as pessoas que a rodeiam são de classes mais elevadas, comprometendo por isso uma real percepção.

O entrevistado A, quando questionado se considera que a pandemia terá levado a um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência no ensino superior responde de forma afirmativa e dá o exemplo dos alunos do 12º ano que pretendem entrar na Universidade.

“Sim, eu penso que sim. Por exemplo, a própria tem acompanhado, por exemplo, acho que foi este ano, o ano passado, que foi a questão dos exames nacionais do ensino, por exemplo, o acesso ao ensino superior no 12º ano em que lhes foram facultados por exemplo quem, o aluno é que decidia que tipo de exame queria fazer entre português ou matemática ou português e história eu penso que esse aspeto eles foram facilitados, mas também foram prejudicados por que as médias subiram bastante, não é?! E neste caso só entrou para as universidades que queriam quem tinha já uma média em si bastante elevada, logo aí já foi um fator, ou seja, foi uma medida para mim promover digamos assim a maior inserção no ensino superior, ou seja, para combater as desigualdades que a pandemia suscitou no entanto, eu penso que, ela aumentou ainda mais foi a desigualdade(…)” (Anexo nº3)

À mesma questão, a entrevistada B, respondeu-me que não sabia se as medidas tomadas pela universidade tinham capacidade de abranger todos os alunos, mas que provavelmente tinha havido alunos, que tinham sentido mais dificuldades em assistir a aulas *online* do que outros alunos.

“É assim, eu não sei, até que ponto as medidas que a universidade pôs em prática seriam capazes de abranger todos os estudantes da universidade e sabemos que não é fácil abranger todos, somos imensos, por isso provavelmente sim, provavelmente houve alunos que por terem um computador mais mau, ou por terem uma Internet mais má sentiram realmente mais dificuldade em aulas online do que os outros.” (Anexo nº4)

Perguntei o que pensavas sobre a questão do acesso, e se a questão económica se agravava, por exemplo, com mais pessoas com dificuldades em pagar propinas. A entrevistada diz-me que as pessoas se sentiram um bocado injustiçadas, por estar a pagar o mesmo valor estando a ter aulas *online* e não presenciais.

“Eu acho que acima de tudo, as pessoas sentiram de certa forma um bocado injustiçadas, o porquê?! Porque nós não estávamos na universidade, não estávamos a ter acesso às mesmas coisas e o facto de as propinas terem se mantido com o mesmo valor, eu acho que isso fez muita muita fez as

peças reagirem porque sem dúvida que nós não estamos a ter a mesma qualidade de ensino estamos a ter acesso às mesmas instalações e estávamos a pagar mesmo, ou seja, não era propriamente justo. Agora se a pandemia causou problemas ou piorou a possibilidade das pessoas em pagar as propinas eu não sei propriamente depende, por exemplo, eram trabalhadores-estudantes e ficaram sem trabalho e já não tinham meios, pronto, para pagar ou não, se não é mais no sentido de estarmos a pagar uma coisa que nós não estamos a usufruir.” (Anexo nº4)

Questionei-a então, se considerava que devia ter havido uma redução no valor das propinas, ao que entrevistada me responde que sim, deveria ter existido um acerto.

“Sim. Eu acho que sem dúvida que devia ter sido feito um acerto.” (Anexo nº5)

Quando questionei a entrevistada C, se considerava que tinha havido um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior, ela pediu-me para desenvolver o conceito de desigualdade social. Depois de o ter feito, de uma forma bastante simplista ela respondeu-me que diria que sim, que tinha havido um agravamento.

“Ok. Então acho que sim. Diria que sim. Diria que sim, ok.” (Anexo nº5)

Perguntei-lhe então, em que aspetos é que ela considerava que as desigualdades se haviam verificado mais, ela respondeu-me que mais as sociais não tanto as económicas.

“Não tanto as económicas, mais as sociais.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, quando questionava sobre o possível agravamento das desigualdades sociais respondeu imediatamente que sim, porque no ensino superior, nem toda a gente consegue aceder à bolsa, e com a pandemia houve pessoas que ficaram sem trabalho ou que passaram a receber menos.

“Sim, porque no ensino superior nem toda a gente consegue ter essa sorte, mesmo que, nem toda a gente consegue ter acesso à bolsa, por exemplo, nem ter o acesso ao ensino superior, quer seja com a bolsa, quer não. E com a pandemia, há muitas pessoas que ficam sem trabalho, ou estou em casa e recebem menos, portanto isso não é prioridade para toda a gente e mesmo que seja, vai ter que ser posta um bocadinho de lado face às outras dificuldades, como manter uma casa, manter tudo no fundo, e isso fica um bocado de parte, portanto sim, aumentou as dificuldades para quem já as tinha.” (Anexo nº6)

Interroguei-a, sobre a possibilidade das pessoas que pretendiam ingressar no ensino superior poderem ter desistido por causa da pandemia e das consequências que dela advieram, ao que a entrevistada me respondeu que sim, de certeza que sim.

“Sim, de certeza que sim, porque todos os meses pagámos propinas e depois também para nos deslocarmos para a universidade também pagámos transporte, fora os materiais que necessitemos, é muita despesa, e mesmo para quem já lá está se depois as dificuldades aumentam em termos financeiros, acredito que sim, porque são despesas a mais que se calhar se tu tiveres que ponderar entre comer e estudar, obviamente que vais optar por comer, por isso sim.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, quando questionei sobre as desigualdades sociais a resposta incidiu sobretudo sobre as desigualdades de acesso a equipamentos que permitam ter boas condições para assistir a uma aula, considerando que é injusto, é desigual que as pessoas não tenham as mesmas oportunidades.

“Ahh... eu acho, pronto é a questão dos equipamentos e das condições de casa, havia muitas pessoas que realmente não tinham equipamentos bons, computador não funcionava bem, não tinham uma boa ligação à Internet, não tinham um bom ambiente em casa. (...) É injusto, é desigual e são oportunidades desiguais.” (Anexo nº7)

Quando questionei a entrevistada F, sobre se teria havido um agravamento das desigualdades sociais, com reflexo na frequência do ensino superior, respondeu-me que não sabia, pelo que lhe perguntei se conseguia perceber o conceito de desigualdade social, respondeu-me que sim. Procurei então reformular a questão, perguntando-lhe se achava que com a pandemia, a desigualdade social entre alunos aumentara, ao que respondeu que sim, abordando a questão do *lay off*.

“Sim, provavelmente, porque muitas pessoas, muita gente foi para *lay off* não é, então isso de certeza que prejudicou muita gente, houve trabalhos que continuaram, mas pelo menos as pessoas à minha volta muitas vieram para *lay off* e claro que se tornou complicado, principalmente para quem não tem bolsas deixa de ser uma ajuda que continua constante não é, mesmo para quem tem bolsa não é, porque esta às vezes é necessária uma parte extra, mas sim de certeza, infelizmente não é.” (Anexo nº8)

Relativamente à entrevistada G, quando a questionei sobre se considerava ter havido um agravamento das desigualdades sociais, com reflexos no ensino superior, respondeu-me que não, justificando essa perceção pelo meio social em que se move.

“(...) eu julgo que não. Pelo que eu vejo, mas também é assim a minha realidade é um pouco pequena, não é?! É apenas o que eu vejo aqui na universidade, mas (pausa) eu tenho uma realidade um pouco

mais fechada (...) de estatutos mais baixos na sociedade, talvez por eu ter andado num colégio privado e a maior parte dos meus amigos e das pessoas que conheço andarem também nesse colégio. Mas mesmo as pessoas que eu conheço cada um que andava no ensino público e que têm mais dificuldades, por mesmo assim ainda conheço algumas pessoas com dificuldades, a maior parte acabou o secundário e começou a trabalhar (percebeu-se pela expressão facial que fez que se tinha enganado) e começou a estudar, por isso.” (Anexo nº9)

A questão das percepções das desigualdades sociais com reflexo no ensino superior não teve uma resposta unânime. Alguns dos entrevistados consideram que houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior, uma entrevistada assume que não houve um agravamento das desigualdades, e por fim uma entrevistada admite não saber se as desigualdades sociais se agravaram.

Recorrendo a um estudo desenvolvido sobre a temática das desigualdades sociais intitulado de *“The impact of covid-19 on higher education: a review of emerging evidence”*, é possível admitir que a médio prazo as preocupações recaíram sobre as desigualdades no acesso e na participação no ensino superior. Atendendo ao estudo, as projeções indicam que a pandemia irá aumentar as desigualdades educacionais pré-existentes, muito por causa do ensino à distância. Algumas das causas apresentadas são a falta de acesso aos recursos, a falta de um local adequado para estudar, a falta de apoio dos pais poderá ter como consequência, uma possível falta de aprendizagem, e originando em última instância um desinteresse pela educação que poderá causar a redução do número de pessoas mais desfavorecidas e sub-representadas a frequentar o ensino superior. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 10).

É ainda possível afirmar, segundo as Nações Unidas, que num contexto global a pandemia está a agravar as desigualdades pré-existentes, tendo como consequência uma redução das oportunidades para os mais vulneráveis. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 42)

Considera que, numa perspetiva geral, houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?			
	Sim	Não	Não sei
Entrevistado A	✘		
Entrevistada B			✘
Entrevistada C	✘		
Entrevistada D	✘		
Entrevistado E	✘		
Entrevistada F	✘		
Entrevistada G		✘	

Tabela 6 - Opinião dos entrevistados sobre o agravamento das desigualdades sociais com reflexos na frequência do ensino superior

1.8. As implicações sociais e económicas no acesso à educação durante o Covid-19

Quando abordamos a questão das implicações sociais e económicas que a pandemia terá originado no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho as respostas não são unânimes, havendo entrevistados que procuraram analisar na perspetiva dos alunos que querem ingressar no ensino superior, ou seja, os alunos do 12º ano que realizaram os exames nacionais; e outros entrevistados, que analisam na perspetiva dos alunos que já frequentam o ensino superior e que com a pandemia viram a sua vida académica sofrer alterações, muitas delas sociais e económicas.

O entrevistado A, quando questionado sobre quais as implicações sociais e económicos, que a pandemia de Sars-Cov-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho, aborda, como já tinha feito anteriormente, a questão da transição do 12ºano para a universidade, falando na diferença entre escolas públicas e escolas privadas.

“(…) da questão dos exames nacionais, à partida já condicionou logo a entrada no ensino superior, e depois também eu penso que a... esta pandemia também veio agravar, por exemplo, a questão das escolas privadas, não é?! Quem tinha à partida as médias mais inflacionadas é quem entra para o ensino superior, ou seja, obrigatoriamente são quem tem as notas mais altas, por exemplo, estou a falar, por exemplo, da Universidade do Minho, essas escolas, o que é que acontece, mando neste caso esses alunos, que têm boas médias para irem à Universidade do Minho enquanto que as restantes escolas secundárias, por exemplo, como tem médias mais baixas veem-se logo condicionadas com esta

concorrência, digamos assim, e essa disparidade de notas. Só isso, por exemplo, já condicionou a entrada para a Universidade, não é?! (...)” (Anexo nº3)

Senti, por isso, necessidade de lhe perguntar se no caso do ensino superior, considerava que tinha havido um condicionamento na qualidade dos trabalhos apresentados aos docentes, nomeadamente, tendo em conta o encerramento das bibliotecas e conseqüente agravamento das condições de trabalho. Respondeu que sim, que pensava que todos tínhamos sido prejudicados.

“Sim, eu penso que saímos todos prejudicados. Eu lembro-me, por exemplo, de uma situação que foi na cadeira de, ou seja, no Seminário, digamos assim, no 3º ano da licenciatura, em que eu tinha, neste caso, de procurar a metodologia para o meu trabalho, para o meu relatório e a minha professora exigia-me um livro em particular (...) e eu como não tinha acesso ao livro também não tinha no repositório, não é?! E eu, entretanto lembro-me da minha professora até se disponibilizar, isto foi uma boa prática, digamos assim, disponibilizar-se a vir até à minha casa para me entregar o livro. (...) Quem diz esse diz talvez outros que às vezes se nós chegássemos lá, a biblioteca tinha, mas online não tem, ou seja, tenho aqui que arranjar outra forma para fazer o meu trabalho, porque, lá está eu, já sai desde logo prejudicado ali um pouco por causa disso.” (Anexo nº3)

A entrevistada B, quando questionada sobre as implicações sociais económicas no acesso à educação dos alunos do ensino superior, aborda a questão dos alunos do 12º ano, referiu um aspeto que lhe pareceu positivo a possibilidade de os alunos poderem selecionar os exames que pretendiam fazer.

“É assim, nesse caso teremos de falar mais nas alterações podem ter sido feitas na, por exemplo, no 12º ano que faria com que as pessoas fossem aceder mais tarde, não é?! Eu acho honestamente, e como uma pessoa que foi fazer um exame nacional em tempo de covid para fazer melhoria, eu acho que sem dúvida, que nesse caso a pandemia ajudou. Porque primeiro porque os alunos não tinham de fazer exames a todas as disciplinas, ou seja, era muito mais fácil ficarem só naquilo e segundo porque mesmo os métodos de avaliação dos exames tornou-se completamente diferentes as notas foram muito melhores temos provas mesmo disso, ou seja, eu acho que em termos de acesso, facilitou o acesso.” (Anexo nº4)

Coloquei a entrevistada perante um cenário possível, o de um professor que recomenda a leitura de um livro, argumentando que uma pessoa com capacidades económicas consegue facilmente comprá-lo, enquanto que, para um aluno que tenha mais carências económicas essa compra pode se tornar mais complicada. Perante esse cenário, perguntei-lhe se

considerava que o encerramento das bibliotecas não acentuou esta desigualdade de acesso à informação, tendo a entrevistada respondido que achava que sim.

“Eu acho que sim, porque é assim, o curso de sociologia, sendo um curso extremamente teórico tem que ter uma base muito grande de informação e sem dúvida que toda a gente sabe que ter informação e papel no meio a mesma coisa que ter informação de um livro em papel nas minhas mãos ler ali do que ler mais por isso sim nesse sentido sem dúvida.” (Anexo nº4)

A entrevistada C, quando questionada sobre as implicações sociais e económicas, não percebeu de imediato a pergunta, então reformulei-a, o que a levou a abordar o uso das plataformas, considerando que as ferramentas que a universidade proporcionou aos alunos dificultaram bastante a transmissão de informação.

“Então, acho que já sei quem responde a esta pergunta. A plataforma, as plataformas da universidade não estão preparadas, não estão desenvolvidas para terem um grande os alunos a aceder, por exemplo, ao mesmo tempo à *Blackboard*, por exemplo. Então nesse sentido isso dificultou, agora em outros parâmetros não sei muito bem falar, mas mas diria que as ferramentas que a Universidade proporciona dificultaram bastante a transição porque não são as melhores, sendo honesta.” (Anexo nº5)

Perguntei-lhe, se ela considerava que as aulas não conseguiam ser dada de forma contínua sem haver uma quebra, ao que me respondeu que sim, a não ser que os professores recorressem ao *Zoom*. Perguntei-lhe se o *Zoom* também não tinha quebras, respondeu-me que não, não tantas como a *Blackboard*.

“Exato a não ser que os professores recorrem a ferramentas, por exemplo o *Zoom*, mas que não é providenciado pela universidade, então.” (Anexo nº5)

“Não. Não, têm tanto como a *Blackboard*, numa aula com 140 pessoas, é desafiante.” (Anexo nº5)

Perguntei-lhe, o que pensava sobre os alunos do 12º ano poderem escolher qual é que o era o exame nacional que iriam realizar, procurando saber se entendia que essa mudança facilitaria o acesso à universidade, tendo obtido a sua concordância. Interroguei-a, sobre se considerava que as pessoas mais favorecidas economicamente teriam tido vantagem nessa escolha, em comparação com as pessoas mais desfavorecidas, respondeu-me de forma afirmativa, dando um exemplo de poder ter só explicações para uma determinada matéria e assim maximizar o rendimento.

“Sim. Sim acho, acho bastante.” (Anexo nº5)

“Sim. Claro que sim, porque, por exemplo, em vez de estarem a ter explicações só para, por exemplo, física química e biologia tinham só para o uma e maximizar o rendimento para uma disciplina só, então acho que sim.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, quando questionado sobre as implicações sociais e económicos que a pandemia de Sars-Cov-2 original, no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho, abordou a falta de convívio, e as despesas avultadas para estar na universidade.

“É assim, por exemplo, como já foi referido anteriormente, por exemplo. impactos sociais eu acho que (pausa) mesmo as pessoas que a nível da sociedade, não convives com ninguém por medo, mesmo que não estejas em quarentena tu tens medo, então fazes só o essencial, vais às compras, vais, vais à escola ou vais ao trabalho, o que for preciso e voltas para casa. Não tens aquele contato, que acho que também vai aumentar mais o stress, mais as depressões, por que uma pessoa está sempre fechada em casa e não tenho contato com ninguém, e a nível económico como já foi referendo, uma pessoa já tem tanta despesa ao nível da vida do quotidiano, que mais a universidade que é muita despesa, e se não tiverem apoios da bolsa mas mesmo que tenham bolsa for pouco, porque não há um valor fixo pode ser mais ou menos dependendo do rendimento das pessoas, e nem sempre é justo, e portanto sim, acho que é muita dificuldade mesmo a nível económico e prejudica a entrada no ensino superior, ou mesmo para quem lá esteja dificulta muito o manter lá.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, quando questionado sobre a mesma temática abordou a perspetiva dos alunos que já estavam na universidade e dos alunos que pretendiam aceder à universidade.

“Eu acho que muitas pessoas, muitas famílias, os pais perderam os empregos porque ou trabalhavam em cafés, em todo o tipo de empresas, obviamente que os restaurantes e cafés foram os primeiros a ser atingidos, toda esse tipo de negócio de restauração, de diversão noturna, tudo o que envolve-se basicamente as pessoas estarem está no sítio. Ahh... e as pessoas que estavam nessas famílias obviamente, não tinham se calhar disponibilidade para estarem a adquirir os materiais, estarem a comprar se calhar um computador novo que precisavam para aceder às aulas, para ter uma ligação à Internet melhor, ahh... (...) Quanto ao acesso ao ensino superior, penso que foi logo nesse ano que os exames foram facultativos, só para quem quisesse entrar na faculdade certo?” (Anexo nº7)

“(…) quando andava na escola tinha o objetivo de ir para a universidade portanto acho que ia fazer os exames à mesma, mas por exemplo, a situação tinha sido muito mais fácil se em vez de ter estudado para 4 exames, eu entrei com o inglês ainda por cima, que nem era obrigatório, poder falta feito esse exame e não ter que ter estado a estudar montes de tempo, para o exame de Geografia, de Filosofia e tudo mais, tinha sido mais prático para mim. Acho que de certa forma é uma maneira de simplificar um

pouco o processo e de basicamente dar a oportunidade às pessoas de não terem que fazer os exames e simplesmente irem trabalhar e quando acabar a escola que é uma opção completamente viável e respeitável.” (Anexo nº7)

A entrevistada F focou-se, sobretudo, nos que ingressam no ensino superior, e na dificuldade de pagar as propinas, uma vez que considera que muitas famílias tiveram de usar as suas poupanças para fazer face à pandemia.

“Eu acho que a pandemia, falando de quem ia agora ingressar no ensino superior, houve toda uma situação por causa dos exames nacionais não é então isso afetou bastante em termos económicos, provavelmente também deve ter agravado, porque bastava as pessoas terem poupanças anteriores e a tiveram de usar, seja para o que for, por causa de imprevistos então acabou também por prejudicar e ainda acaba por prejudicar agora um pouco não é, porque ainda estamos a sofrer todos o balanço disto.” (Anexo nº8)

Quanto à entrevistada G, questionada sobre as implicações sociais e económicos que a pandemia de Sars-Cov-2 originou, no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho, não percebeu de imediato a pergunta. Após a reformulação, disse-me de imediato que no aspeto financeiros não me conseguia responder, mas que nas práticas sociais notou que as pessoas se davam em pequenos grupos.

“Ok. Nos financeiros não consigo responder, mas nos impactos sociais eu no segundo ano, no ano passado, acabei por ter duas cadeiras que tinha deixado por fazer no primeiro ano, e então tive algum contato com pessoal que neste momento está no segundo ano, mas que no segundo ano estava no primeiro ano e, portanto, entrou na universidade depois da pandemia, já depois da pandemia, entrou durante a pandemia pronto, e o que eu noto muito é que eles se dão muito em pequenos grupinhos e não sei.” (Anexo nº9)

Perguntei-lhe então, se considerava que a pandemia os impedia de socializar em grupos maiores, se eles se restringiam por medo, respondeu-me que não será por medo, mas talvez porque estão habituados.

“Eu julgo que não será por medo, mas talvez por habitação. Acho que eles fazem isso um bocado, faziam pelo menos na altura, agora não sei não tenho tido muito contato, mas na altura faziam isso um pouco por habitação, era muito raro vê-los a conversarem todos juntos ou a combinarem todos irem tomar um copo, e lembro-me primeiro, por exemplo, no meu primeiro ano nós aos, todos os domingos mandamos uma mensagem para o chat da turma dizíamos “olha quem está por Braga?”, “Quem quer vir tomar café?”, e às vezes juntava-se turma toda, e vê-se claramente que eles não têm, que eles não

tiveram essa parte e mesmo no início nunca os via a sair à noite, eu às vezes saía ia ali aos bares e nunca havia pessoas no primeiro ano.” (Anexo nº9)

Tentei procurar que me respondesse quais as implicações económicas que a pandemia poderá ter originado. Abordei a questão de as bibliotecas estarem fechadas, e de o acesso a bibliografia ter sido condicionado, interrompeu-me e respondeu-me de imediato que isso era falta de informação, que eles haviam disponibilizado as obras *online*. Contudo, refere que a biblioteca fechada terá impactado em alunos que não têm sítio para estudar.

“Isso é falta de informação. Isso foi falta de informação e talvez falta de divulgação por parte da universidade e por parte da biblioteca porque eu cheguei a aceder livro online, eles chegaram a disponibilizar algumas das obras que tinham online.” (Anexo nº9)

“E acho que foi uma coisa boa que eles fizeram, por acaso. Agora o facto de a biblioteca estar fechada acho que teve um impacto maior, por exemplo, em pessoas que não têm condições em casa para estudar e que utilizam muito a biblioteca para estudar. Pessoal dos Açores, da Madeira que acabou por ficar cá, eu tive uma amiga minha que é dos Açores e na primeira, no primeiro confinamento era suposto ser só 15 dias, ela não foi a casa o confinamento todo e ficou cá, e como ela havia mais pessoal assim e a universidade nestes casos não deu o apoio necessário. A cantina não existiu, a biblioteca não existia, a universidade estava praticamente fechada e mesmo esses esses estudantes foram deixados, os que estavam na residência até iam tendo algum apoio os que não estão não tinham apoio nenhum acho que aí, acho que aí, se notou muito as dificuldades sim. Acho que foi mais por aí do que o acesso aos livros, o acesso aos livros não notei tanto, porque lá está, eu cheguei a aceder a um ou dois livros no site da biblioteca.” (Anexo nº9)

1.9.A saúde mental dos alunos universitários durante a pandemia

A questão da saúde mental é unânime entre os entrevistados, há uma clara perceção que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada, mas não só dos alunos universitários e sim de toda a população. Contudo, é de salientar que existem entrevistados que referem o tabu que ainda existe sobre a saúde mental, e a dificuldade de falar sobre esta temática num grupo de amigos.

O entrevistado A, quando questionado sobre se a saúde mental dos alunos universitários ter sido afetada pelos sucessivos confinamentos e pela falta de convivência com os colegas, responde-me sem sombra de dúvidas que sim.

“Ah sim. Sem dúvida. Eu acho que sim, eu acho que até não foi só no ensino superior, e assim no ensino superior foi uma constante, não é?! Piorou neste caso, não há dúvida nisso, mas eu penso também, em

geral, acho que toda a população em si piorou a saúde mental, eu acho que foi o próprio impacto dos confinamentos, lá está, o reforço de tudo o que é digital, ou seja, é um contacto bastante mais breve não há tanta riqueza digamos assim nos contactos, não é?! Por exemplo, a nível da linguagem verbal ou não verbal que é uma componente também da nossa interação isso já ficou bastante reduzido e depois os próprios convívios, não é?! A impossibilidade de, por exemplo, não circulamos entre concelhos já nos condiciona e ficamos restritos a isto e a próprio sim, a própria dinâmica do confinamento e depois também o medo que estava associado e mesmo que apesar das camadas mais jovens às vezes aparentava ter mais, ser mais relaxadas relativamente a isso algumas delas também sentiram bastante o impacto do covid, sim.” (Anexo nº3)

Perguntei-lhe então, se tinha conhecimento de algum aluno universitário em a saúde mental tenha sido afetada pelos sucessivos confinamentos, respondeu-me que sim, e que essa colega havia desistido.

“Sim. Particularmente um que é bastante próximo, uma colega minha que está a fazer agora, neste caso, a tese de mestrado e desistiu sim por razões diversas, mas pensava ligada à saúde mental diz que não se sentia bem e, entretanto, teve cancelar este ano.” (Anexo nº3)

A entrevistada B, quando questionava sobre a saúde mental ter sido afetada, respondeu de forma perentória que sim e justificou o facto de se estar isolado, sem conviver com os outros.

“Sim. Muito mesmo, acho que acho que nos tornamos, acho que aí foi o facto de estarmos isolados e de de não termos aquela possibilidade talvez de esparecer, porque assim toda a gente sabe que a universidade não é fácil psicologicamente, é difícil e precisamos de ter aqueles momentos em que nos podemos abstrair de tudo, e que faz parte da universidade, e a verdade é que com a pandemia, e com o facto de termos de estar em quarentena, e tornou-se impossível, o que faz com que os alunos ficassem muito mais centrados somente no meio académico, não tinham qualquer outra distração. Em termos de stress acredito que tenha sido muito maior e depois é a base de não ter aquilo com um convívio diário faz falta a todos nós.” (Anexo nº4)

Questionei-a então se tinham conhecimento de algum caso concreto, em que a saúde mental tenha sido afetada, referiu que não é um assunto que se fale muito.

“É assim, eu acho que é difícil dizer com certeza porque sejamos honestos as pessoas ainda não falam muito sobre a saúde mental e se estão mal não vão dizer, aí estou mal porque isto porque aquilo, mas é assim falando com amigos e tudo sim, falamos muitas vezes que nos sentimos mais desmotivados mais mais deprimidos nesse sentido sim.” (Anexo nº4)

Confrontada com a mesma questão, a entrevistada C responde-me que sim, quando solicitada a concretizar considerou entre os aspetos que afetaram a saúde mental dos alunos, a falta de convivência. Peço-lhe depois para me dar alguns exemplos, de outros fatores que possam ter condicionada a saúde mental dos alunos durante o isolamento

“Sim.” (Anexo nº5)

“A falta de convivência e outros fatores também que talvez não sejam assim tão relacionados com a Universidade, mas a falta de interação claro que também agravou.” (Anexo nº5)

“Por exemplo, as pessoas não tinham assim como as pessoas estavam sempre fechadas em casa não não tinham, por exemplo, nada conversar então as pessoas ficaram a tipo “à ok” vamos, provavelmente houve assim um maior afastamento durante assim grupos de alunos que se davam bem, por exemplo, e que talvez houve assim um afastamento e, por exemplo, pessoas que já tivessem problemas assim de saúde mental antes mais relacionados com, por exemplo, interação social pessoas que queiram assim mais introvertidas e piorou bastante.” (Anexo nº5)

Perguntei-lhe então, se conhecia algum caso concreto onde tivesse havido um agravamento da saúde mental em algum universitário. Respondeu-me que sim, pelo que a questioneei se essa pessoa, no regresso ou mesmo durante o confinamento, tinha tido dificuldades de aprendizagem e de interação com os outros, tendo respondido positivamente. Perguntei se afetava o rendimento escolar, disse-me que afetava bastante o rendimento escolar.

“Sim.” (Anexo nº5)

“Sim teve. E ela, a pessoa em questão já tinha problemas de saúde mental antes e ficaram bastante mais agravados do estar quase a entrar num numa depressão, então sim.” (Anexo nº5)

“Sim. Afeta bastante sim a pessoa em questão.” (Anexo nº5)

A entrevistada D, quando questionada se sentia que a saúde mental dos alunos universitários tinha sido afetada pelos confinamentos e pela falta de convivência com os colegas respondeu-me que sim.

“Sim. Sim, muito, porque mesmo para quem, acho que para toda a gente, mas para quem é de conviver com as pessoas e precisa disso, estudar já exige muito de nós, muita concentração, muito esforço, muita

dedicação e tu não poderes sair um bocadinho disso e estar com as pessoas, e conviver, e relaxar um bocadinho, isso afeta muito as pessoas, e mesmo aqueles fatores todos que já referi do de passarem mais dificuldades, não poderem estar com as pessoas, de estarem sempre fechadas em casa, sim, e mesmo que já tinha problemas antes, de repente está fechada em casa, ainda agrava mais, por isso sem dúvida que sim.” (Anexo nº6)

Contudo, quando questionada se tinha conhecimento de algum caso concreto em que a saúde mental do aluno tenha sido afetada respondeu-me que não.

“Não. Não tenho conhecimento de nenhum caso.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, quando questionado sobre a saúde mental dos alunos universitários respondeu-me perentoriamente que sim, que a saúde mental tinha sido afetada pelos sucessivos confinamentos, e aborda ainda como é que se sentiu ao longo dos confinamentos.

“Sim. Queres a resposta rápida, sim bastante. Acho que especialmente para os que entraram no primeiro ano, depois do primeiro confinamento foi bastante triste, porque ainda as coisas, apesar de haver aulas presenciais na maioria dos sítios as coisas estavam fechadas e não havia grande vida social, mesmo na universidade havia todo o tipo de cuidados, não se podia estar a fazer nada descansado especialmente para eles acho que deve ter sido bastante triste. Das pessoas que eu conhecia, eu tive um bocado de pena, honestamente, as pessoas a ter a primeira semana de aulas da universidade por *Zoom*. (...) No primeiro confinamento não foi assim tanto, não sei também tiveste aquela mentalidade de ok, agora vamos ter 2 semanas de pausa, de férias aqui no início de março e vai ser bastante bom ter essas 2 semanas que essas 2 semanas tornaram-se em 3 meses. Ahh... nesse confinamento, em particular, também veio numa altura já de algum bom tempo, eu sei que isto é um bocado estranho, mas tem efeito, o bom tempo, o sol e calor e, portanto, acho que não foi tão difícil. Agora o seguinte, em janeiro-fevereiro, esse custou-me bastante e já está muito mal da cabeça, em casa e foi bastante bom quando, acho que foi ali em meados de abril, quando as coisas começaram a abrir e deu para tomar café e tudo mais. Ahh... mas definitivamente que a saúde mental foi bastante afetada e as pessoas perderam rotinas que eram importantes para elas, estavam sempre em casa e para que até rotinas, era só um contínuo de coisas para fazer e de estar a existir, era um bocado a vida durante esses confinamentos.” (Anexo nº7)

Perguntei-lhe então, se tinha conhecimento de algum caso concreto, disse que não tinha conhecimento de nenhum caso que precisasse de ajuda psicológica ou psiquiátrica, mas era nítido que havia pessoas que estavam bastante tristes.

“É assim, ao ponto de levar essa pessoa a ter um esgotamento ou precisar de ajuda psicológica ou psiquiátrica, agora assim de repente não me lembro, mas também a verdade é que, pelo menos nos meus amigos mais próximos isso não aconteceu. Ahh... havia pessoas que nitidamente estavam

bastante tristes até e pronto se calhar a maioria, agora assim casos gritantes de precisar de apoio médico não me estou assim a lembrar de ninguém, mas oh pá de certeza que em tantas pessoas, nas cadeiras que eu tive de certeza que houve.” (Anexo nº7)

A entrevistada F, quando questionada sobre a saúde mental dos alunos universitários durante os confinamentos referiu que a saúde mental de muita gente foi por “água abaixo”, refere que houve colegas que tiveram pela primeira vez crise de ansiedade e episódios depressivos.

“Eu já me já me estou a rir porque, aí meu Deus, isso tão mau, foi sem dúvida, a saúde mental de muita gente foi por água abaixo, muita gente muita gente. Muita gente mesmo, tenho colegas que tiveram pela primeira vez crise de ansiedade, episódios depressivos, e depois estar sempre com os mesmos, e depois não é só as perturbações em cima, as próprias relações interpessoais que vão prejudicar a saúde mental, começam a ficar muito afetadas por causa da vivência em casa, o estar sempre uns com os outros, estar sempre a lidar as mesmas pessoas, sem um bocadinho de descanso sem poderem ir desanuviar, a saúde mental piorou imenso, imenso mesmo.” (Anexo nº8)

Tendo a entrevistada falando que houve colegas que tiveram dificuldades e um agravamento da saúde mental, perguntei-lhe se me conseguia dar um exemplo concreto e até que ponto isso tinha impactado a vida social e os estudos, revela que essa colega chegou a ir a um psiquiatra, entre o primeiro e o segundo confinamento.

“Posso. Eu não estou a falar de mim, estou a falar de uma colega não é, e ela é minha colega de curso, e ela, eu sei que ela chegou a ir ao psiquiatra, mas isto já entro o primeiro confinamento e o segundo, não estávamos no segundo confinamento. Ela chegou a ir ao psiquiatra e tudo porque ela já à só chorava para estudar, ela não conseguia estudar, ela só chorava, só chorava, só chorava e depois, por um lado, os estudos dela melhoraram, as notas melhoraram, mas a saúde piorou, a saúde mental, ou seja, eu acho que tem, principalmente em termos escolares as pessoas também têm alguma ansiedade por causa de todo o stress que a vida escolar acarreta e então isso pode repercutir em melhores notas, mas contrariamente pior à saúde mental. E depois, há pessoas que conseguem contrabalançar, e ainda há pessoas que a saúde mental também as notas também porque a própria saúde não deixa as pessoas estudarem.” (Anexo nº8)

Perguntei-lhe então, se no caso dessa sua colega o facto de ela estar em casa e não ter contato com outros colegas fez com que ela não conseguisse dosear o tempo entre estudar e parar.

“Sim, sim, definitivamente, porque nós, por exemplo, estudávamos juntos, quando uma pessoa começa só a estudar sozinha, a estar sozinha, está sempre em casa porque no caso dela não gosto de ver séries

ela não gosta, ela gosta de música, mas não gosta de filmes e séries, então ela focalizou tudo para os estudos, não havia saídas, porque não se podia sair não é não? Não vê séries, não nada, o que é que uma pessoa vai fazer, estuda, estuda, estuda, o cérebro não aguenta, não é?” (Anexo nº8)

Atendendo ao facto, de a entrevistada frequentar mestrado em psicologia achei pertinente perguntar-lhe como é que ela entendia a forma como a sociedade passou a tratar a saúde mental depois da pandemia. Se considerava que tinha havido alguma alteração, ou seja, se as pessoas começaram a pensar mais em saúde mental, entendendo-a não como um capricho, mas como uma doença real como qualquer outra. Respondeu-me que se dá mais atenção à saúde mental depois da pandemia, mas não que, ainda assim não tanto quanto se deveria dar.

“É assim, por acaso esta pergunta é muito interessante, eu já tive um debate com uma colega acerca disto, é assim sem dúvida que isto tem vindo a mudar e desde a pandemia mudou mais um pouco, claro porque as pessoas começaram a pensar até agora achavam saúde mental era um capricho, não é?!, um tabu, mas depois de as próprias pessoas passaram por uma experiência que alterou a saúde mental delas, então apesar de ser um tabu elas experienciaram, elas viram que importa e que há coisas que nós não podemos por muito que pensamos “eu vou ficar bem”, a nossa saúde mental não é assim que funciona, só que mesmo assim eu considero que a saúde mental só é importante quando são casos assim vistosos e não estou a criticar, não crítico quem faz os casos vistosos que não se fazem, eu critico quem só dá atenção quando há um caso assim e isso ainda acontece muito e então, ou seja, a conclusão é dá-se mais atenção à saúde mental mas não é tanta como a que deveria dar.” (Anexo nº8)

Perguntei-lhe então, se considerava que as perturbações de ansiedade, os ataques de pânico não são tão valorizados como acontece com a depressão, por exemplo. responde-me que sim, que sem dúvida, essas perturbações não são tão tidas em conta.

“Sem dúvida, essas são, eu acho que, essas tentam varrer-se um bocadinho para debaixo do tapete, e a pessoa está a exagerar é só manter a calma e etc etc, eu vejo muito isso acontecer, e depois a depressão que é quando aí, nem só na depressão, é que as pessoas são acham que é importante quando há um suicídio, porque quando a depressão as pessoas só dizem “pá ele está triste eu não sei porquê, ele não tem razão para estar triste, ele tem comida na mesa”, então acho que só é mesmo quando já quando há risco de suicídio ou até mesmo suicídio.” (Anexo nº8)

A entrevistada G, foi questionada se a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e pela falta de convivência com os colegas e respondeu-me que foi afetada e não foi tida em conta, porque ninguém se lembrou dessa parte.

“Foi afetada e não foi tida em conta, claramente. Ninguém se lembrou dessa parte.”

(Anexo nº9)

Perguntei-lhe então se considerava que a saúde mental era desvalorizada mesmo depois da pandemia, respondeu-me que tinha a certeza que era.

“Acho. Não acho, aliás tenho a certeza que é. Completamente eu sei porque eu tenho conversas, e tenho tido muitos amigos que ultimamente me dizem que, não sei se é por andar em psicologia, e falando comigo e desabafo sobre essa parte desde a pandemia tem tido, muitos ataques de pânico, ansiedade e eu digo-lhes claramente andas com ansiedade, procura um profissional e a maior parte do que me responde é “eu não quero ir ao psicólogo”, “eu não sou maluco”, “eu não preciso de ir ao psicólogo.” (Anexo nº9)

Interroguei a se existia um tabu sobre a saúde mental, respondeu-me que sim. De seguida perguntei-lhe, se existia um preconceito quando se falava de saúde mental, respondendo que existia um preconceito muito grande.

“Existe. Está mais desconstruído, fala-se mais continua lá ainda não foi completamente, a maior parte da população ainda não aceitou que pode ajudar.” (Anexo nº9)

“Muito. Um preconceito muito grande quando se fala de saúde mental. Existe uma situação que é, a universidade devia ser a primeira promover a sua mental e faz exatamente o contrário. Nós vemos e eu por mim falo que a minha escola é uma escola que devia promover a saúde mental antes de qualquer outra escola porque é a escola psicologia, nós temos, eu cheguei a ter 7 testes em 5 dias 6 testes em 5 dias todos seguidos isto não é bom para a saúde mental de ninguém, eles têm noção disso, já falamos sobre isso, estou farta de bater na mesma tecla eu e os meus colegas todos e ninguém faz nada, a universidade sabe que isso acontece e deixa acontecer. Toda a gente sabe que a pandemia foi difícil para todos, mas a universidade devia ter dado apoio e não deu e não está a dar.” (Anexo nº9)

Todos os entrevistados consideram que a saúde mental dos alunos universitários durante a pandemia foi afetada. Algumas das razões apontadas são: a falta de contato com as pessoas, uma vez que tudo era tratado digitalmente; o próprio isolamento; estarem muito concentrados no meio académico e não conseguirem desenvolver a parte social; o agravamento das questões económicas; e a falta de convivência com pessoas fora do agregado familiar.

Sente que a saúde mental dos alunos universitários foi afeta pelos confinamentos e falta de convivência com os colegas de curso?		
	Sim	Não
Entrevistado A	✘	
Entrevistada B	✘	
Entrevistada C	✘	
Entrevistada D	✘	
Entrevistado E	✘	
Entrevistada F	✘	
Entrevistada G	✘	

Tabela 7 - Opinião dos entrevistados sobre a saúde mental dos estudantes universitários durante os confinamentos

1.10. As alterações na socialização durante os confinamentos

Durante a realização das entrevistas percebi que os entrevistados consideravam que a socialização com os seus colegas havia sofrido alterações durante os confinamentos, quer porque as suas conversas passaram a ser *online*, quer pelo facto de estarem isolados e não puderem sair de casa.

O entrevistado A, quando questionado sobre as alterações da socialização durante os confinamentos, responde que sofreu alterações e dá o exemplo das limitações de circulação.

“Sim. Lá está, a própria questão, por exemplo, da das limitações de circulação foi desde logo aí um fator, não é?! Porque eu até, por exemplo, à partida quando eu, por exemplo, iria deslocar-me ia ter com eles já não podia a partir desses dias e depois também estão, por exemplo, os horários, por exemplo, às vezes nós podemos até comer fora à uma da tarde já não dava, não é?! Porque já estavam fechados, já não dava para fazer isso e depois também foi um, eu penso foi o próprio fator também medo, ou seja, nós também mesmo entre amigos, ou seja, o facto de circular tão rapidamente nós ficamos um pouco apreensivos bastante as pessoas.” (Anexo nº3)

Perguntei-lhe como é que conversavam durante os confinamentos, respondeu-me que através das redes sociais.

“É assim, era sobretudo através, por exemplo, *Facebook, WhatsApp, Instagram*, as redes sociais digamos assim.” (Anexo nº3)

Interroguei o então, se no regresso à normalidade a socialização com os colegas havia sofrido alterações, respondeu-me que não. Perguntei-lhe então, se o uso de máscara e distanciamento não afetaram essa interação, respondeu-me que sim.

“Eu penso que não, é que conseguimos manter a mesma natureza, digamos assim, as mesmas interações.” (Anexo nº3)

“Á isso sim. Sim, isso de facto alterou mesmo quando estamos, por exemplo, eu lembro-me que fizemos uma troca de presentes no Natal e estávamos todos de máscara, literalmente. Uma coisa que eu reparei, no entanto, assim como é que a vida mudou tão rapidamente nós estamos todos, nós estamos de máscara e não tiramos uma única vez, a questão foi essa.” (Anexo nº3)

Quanto à entrevistada B, respondeu-me que as práticas de socialização sofreram imensas alterações.

“Sim, imensas mesmo. Eu no primeiro semestre tinha um grupo, nós estamos juntos, sempre todos os dias, a toda a hora. Saíamos juntos à noite e sem dúvida que com o confinamento houve ali um afastamento, nós não falávamos tanto, não estávamos juntos com tanta frequência, estávamos juntos quando podíamos, o que era muito difícil principalmente no início, e sim acho que houve um degradingamento das das relações com as pessoas.” (Anexo nº4)

Perguntei-lhe então como é que conversavam, respondeu-me que por *WhatsApp*.

“*WhatsApp*, fazíamos videochamadas vez em quando, mas principalmente por mensagens e claro que não é a mesma coisa que o contato cara-a-cara.” (Anexo nº4)

Questionei-a sobre se quando regressou à universidade sentiu que a socialização tinha sofrido alterações, respondeu-me que sim, uma vez que o normal agora não era o normal de antes. Perguntei se a necessidade das máscaras, em certos espaços, influenciava na forma como conversava com os colegas, disse-me que não, não era propriamente a máscara, mas sim todo o ambiente que vivemos.

“Sim, acho que por muito normal que a normalidade seja agora, não é o normal que era antes, sem dúvida.” (Anexo nº4)

“Não, não acho que seja propriamente o uso da máscara, eu acho que é todo um ambiente em que vivemos, porque não é propriamente usar a máscara que faz com que ele não vá falar da mesma forma com alguém, é mais a questão de muitas vezes, mesmo medo, porque as pessoas têm medo de sair à rua, têm medo de ir por um café à noite, porquê? Porque facilmente apanhámos o covid e e não é a

mesma coisa, não estamos tão descontraídos, e por muito que não queiram aquilo vai estar sempre na nossa cabeça.” (Anexo nº4)

A entrevistada C, revela que a socialização com os colegas sofreu alterações, muito por causa da incompatibilidade de horários, uma vez que era trabalhadora-estudante.

“Sim. Continuamos a conversar na mesma, mas era assim diferente, por exemplo, eu eu sou trabalhador-estudante e o meu grupo de amigos também é mais meritoriamente trabalhador-estudantes e aquela incompatibilidade de horários, por exemplo, a minha uma das minhas grandes amigas ela aproveitou o isolamento para trabalhar mais horas, ou seja, não tínhamos assim tantas oportunidades porque quando somos obrigadas a estar na mesma sala de aulas e a socializar uma com outra então sim, diria que sim. Respondi acho que respondi, não sei.” (Anexo nº5)

Quando lhe perguntei se no regresso à normalidade a socialização com os colegas tinham sofrido alterações, respondeu-me que não, houve um afastamento, mas deveu-se ao facto de estarem em ramos diferentes do curso. Perguntei-lhe então se o facto de usar máscara e manter o distanciamento não faz com que se proporcione o afastamento, respondeu-me que a máscara não, mas o distanciamento entre mesas nas aulas sim.

“Eu sinto que o ensino à distância incutiu muito *mean seat* de cada um por si e isso nota-se bastante nas aulas agora, há muito pouco, por exemplo, a minha turma pouco conversa, pouco a pouco coopera com os outros e se diria que a situação assim de interação entre uns com os outros, mas na minha turma piorou como a pandemia já era antes, agora é pior ainda.” (Anexo nº5)

“Não piorou, mas por exemplo, não tem nada a ver com a pandemia, nós estamos em ramos diferentes do curso e, por exemplo, uma das das colegas também reprovou e ficou para trás então houve assim um pequeno desfasamento de comunicação, mas não, acho que não tem nada a ver com uma pandemia só mesmo coisas da universidade.” (Anexo nº5)

“Máscara não, mas talvez o quanto tínhamos aquele espaço entre os outros nas aulas talvez, mas mesmo assim quando preciso haver conversa havia.” (Anexo nº5)

O entrevistada D, quando questionada se a socialização sofreu alterações durante os confinamentos respondeu-me que sim, como tinham deixado de ter aulas houve um corte total, passou tudo a ser feito online, afirmou que essas conversas online eram feitas por *Zoom*.

“Sim. Nós deixámos de ter aulas, portanto deixámos de estar juntos, mesmo os trabalhos nós fazíamos online, por isso foi um corte completamente.” (Anexo nº6)

“Era via *Zoom*.” (Anexo nº6)

Perguntei-lhe então se no regresso à normalidade, a socialização tinha sofrido alterações, respondeu-me que sim, pelo receio de ser infetado.

“Sim, porque em primeiro é uma adaptação, não é?! As pessoas estão com medo, com receio, nem sabem se devem ou se ainda se tem de resguardar, e porque também se os políticos não nos passam essa segurança nós vamos ter ainda mais medo, e não sabemos o que fazer. Por isso, não estamos em confinamento, mas colocamo-nos na mesma em confinamento porque temos receio. E depois desse período de adaptação, durante a pandemia as coisas vão melhorando, e vais tendo contato com as pessoas, mas mesmo estando de máscara até estando com o teu núcleo mais próximo tu tens receio de tirar a máscara, há muitas pessoas que não têm sintomas, podemos estar contaminados sem saber, portanto, acho que é dominado pelo medo. pelo receio.” (Anexo nº6)

O entrevistado E, quando questionado sobre a socialização durante os confinamentos, e se havia sido afetada respondeu-me que sim.

“Ahh.... sim, eu pronto, não me considero antissocial, mas às vezes passo bem sozinho e faço bem as minhas coisas e não preciso de estar sempre a conviver, obviamente que sentia bastante falta de jantar fora, de sair, tomar café, de estar com os meus amigos. No início até haviam aqueles desafios e jogos que as pessoas passavam noites a jogar aquelas coisas e durante os primeiros dias, durante as primeiras semanas parecia quase como um substituto, mas a verdade é que, eu penso eu ficava triste pensar é isto esperar que uma pessoa pudesse ser a rua outra vez e estar com as pessoas presencialmente do que estar só em chamada a jogar, acho que não a mesma coisa definitivamente.” (Anexo nº7)

Perguntei-lhe se no regresso à normalidade essa socialização havia sofrido alterações, respondeu-me que sim, que se havia tornado menos social com a pandemia, que tinha havido uma mudança de hábitos e rotinas.

“Ahh... sim, eu acho que me tornei, eu disse há bocado que não era antissocial, mas acho que me tornei menos social com a pandemia, era bastante mais antes da pandemia. Houve mudanças de hábitos e de rotinas, não sei dizer se para melhor ou para pior, nalguns casos definitivamente para melhor, para a minha saúde pelo menos e noutros para pior. Acho que é uma parte essencial da vida universitária, mas mesmo depois da pandemia condicionou bastante, uma pessoa não estava descansada, estava sempre com medo da pandemia, com medo de morrer basicamente, medo de morrer medo de ir parar ao hospital que às vezes uma pessoa nem se sentia confortável. E depois a questão dos horários, vamos jantar fora para depois ter que sair do restaurante às 10:30 ou às 11:00, não podemos impor um bar não podemos, não podemos fazer nada é ir para casa, não tem assim tanta, não tinha, as coisas perderam um bocado a piada.” (Anexo nº7)

A entrevistada F, quando perguntada sobre as alterações que a socialização tinha sofrido durante os confinamentos, respondeu-me que com os colegas havia mudado muito, mas que

se percebeu que não é necessário estar sempre presente e também se pode conviver de forma *online*.

“Com os meus colegas mudou muito, nós tentávamos fazer secções por Zoom e tudo sem ser sessões sobre não é fazer videochamadas, conversar, etc, mas mudou, mudou bastante, e agora nós fazemos um bocadinho gozo disse, não é, por um lado também é bom, porque também vimos que não é preciso estar sempre presencial e também podemos conviver assim de forma mais online.” (Anexo nº8)

Questionei-a, então, se quando regressou à universidade sentiu que socializavam de forma diferente, ao que me respondeu que achava que não.

“Eu pessoalmente acho que não, porque eu com as minhas colegas não, não tenho esse tipo, nós também somos poucos, somos 20 alunos não somos assim tantos para dialogar, mas eu pessoalmente no meu grupo de amigas não senti isso.” (Anexo nº8)

Por fim a entrevistada G, quando aborda a temática da socialização durante os confinamentos refere que sofreu algumas alterações, mas conseguiram arranjar algumas soluções mais práticas, e na questão das aulas referiu que o facto de nem toda a gente ligar a câmara a afetou.

“Olha, sofreu algumas alterações, no entanto eu acho que nós conseguimos arranjar assim uma solução mais prática, íamos falando sempre muito por *Messenger*, mas claro que eu tinha, tinha alguns grupos de amigos que íamos fazendo videochamadas e jogando, os jogos todos que apareceram nos confinamentos que toda a gente jogava em grupo, ia fazendo isso, no entanto, sinto aquela socialização do sair de uma aula e falar com a turma toda ou ir falar com este, ir falar com aquele, ou estar numa aula e mesmo na aula partilhar ideias e assim, isso não acontecia e mesmo nas aulas nem toda a gente falava e há, e outra coisa que acontecia era, mas por exemplo, estamos aqui as 2 com câmara ligada, mas tinha aulas em que estávamos 30 pessoas e havia 3 câmaras ligadas, a da professora, a minha e de outros colega meu. Não se via caras, não víamos caras, não víamos ninguém, víamos 2 pessoas numa aula inteira. Isso afetou-me muito, eu acho que afetou-me a mim, não sei se afetou os meus colegas, provavelmente os que não ligavam a câmara não lhes afetou, mas a mim causava-me pronto, não sei, assim uma comichãozinha.” (Anexo nº9)

No que diz respeito ao regresso à normalidade, a entrevistada considera que à medida que o tempo foi passando esse processo foi ocorrendo também.

“Eu acho que no regresso da normalidade, no início estávamos todos assim um bocado ainda, o que é que se passa e ainda estávamos, o regresso ainda foi, ainda fui muito precoce, foi, ainda estávamos no meio de uma pandemia, ainda era muito difícil socializar e tudo, pá ia junto e assim, socializava mais, mas acho que depois acabou por ser muito *soft* até.” (Anexo nº9)

A socialização com os colegas sofreu alterações durante os confinamentos?		
	Sim	Não
Entrevistado A	✘	
Entrevistada B	✘	
Entrevistada C	✘	
Entrevistada D	✘	
Entrevistado E	✘	
Entrevistada F	✘	
Entrevistada G	✘	

Tabela 8 - Opinião dos entrevistados sobre as alterações na socialização durante os confinamentos

2. Considerações finais da análise das entrevistas

Atendendo aos objetivos estabelecidos para este estudo, a análise das entrevistas permite-me procurar dar-lhes resposta, ou pelo menos puder supor uma resposta mais geral sobre as temáticas abordadas durante este estudo.

Quanto ao primeiro objetivo definido, o de perceber se os cursos com vertentes mais práticas tiveram o seu processo de aprendizagem mais afetado pela Pandemia de Sars-Cov-2 comparativamente aos cursos de cariz mais teórico, através da entrevista que realizei a uma aluna da licenciatura de Química, pude perceber que a vertente prática do seu curso havia sido bastante afetada. Ela relatou que não recolhia os dados em laboratório, eles já eram facultados pelos docentes e ela tinha de os analisar, referindo ainda que os alunos do 2ºano, ou seja, aqueles que iniciaram o curso durante o período pandémico estavam com muitas dificuldades em laboratório. Quando entrevistei uma aluna do mestrado em Educação Básica, ela relatou que as unidades curriculares mais práticas e didáticas sofreram bastantes alterações, uma vez que não conseguiu realizar e aprender atividades que considera fundamentais para o desenvolvimento da sua profissão futura. Os restantes alunos entrevistados, de cursos mais teóricos, revelam situações pontuais em determinadas unidades curriculares, mas nada tão claro como estas duas entrevistadas.

Relativamente ao segundo objetivo, o de analisar se as medidas desenvolvidas pela Universidade do Minho no combate às desigualdades de acesso à aprendizagem *online* responderam às necessidades dos alunos, foi perceptível um claro desconhecimento generalizado das medidas tomadas pela universidade. Ainda assim, três entrevistadas consideram que a universidade fez o que estava ao seu alcance atendendo ao elevado número de alunos que tem que apoiar, em contraponto há uma entrevistada que disse de forma clara que as medidas não funcionaram, dando o exemplo, da plataforma criada para pedir computadores, dizendo que o prazo estabelecido era muito curto. Numa forma geral, é possível entender que os alunos não revelam muito conhecimento sobre as medidas adotadas pela universidade, ficando por perceber se a causa resulta de falhas de comunicação ou do desinteresse dos alunos.

Passando para o objetivo número três, o de analisar se a pandemia SARS-COV-2 afetou a aprendizagem dos alunos da Universidade do Minho, após a análise das entrevistas e da leitura de variadíssima literatura sobre o assunto é possível concluir que a aprendizagem dos

alunos foi afetada. Quando questionei os entrevistados sobre se o nível de ensino e aprendizagem tinham sido prejudicados pelas restrições pandémicas, todos responderam de forma unânime que sim. Indo ainda mais longe, quando lhes perguntei se, nos últimos dois anos o ensino superior havia perdido qualidade devido aos constrangimentos da pandemia, alguns entrevistados responderam-me que sim, um dos quais defendeu que a interação com o professor perdera qualidade, apontando outro, um défice de qualidade no ensino durante os dois confinamentos.

Quando ao quarto objetivo que defini, o de saber se os alunos que frequentavam a Universidade do Minho pensaram abandonar os estudos, por causa da pandemia da Covid-19, as respostas foram variadas, mas é possível concluir que num número significativo de alunos isso lhe pode ter passado pela cabeça. No caso destes alunos, o tempo e o esforço já despendido fê-los recuar na ponderação dessa possibilidade.

Relativamente ao quinto objetivo, tratou-se de perceber se para os alunos da Universidade do Minho a adaptação aos meios de ensino e a aprendizagem à distância se revelou mais difícil no primeiro ou no segundo confinamento. Dois entrevistados relatam ter-se adaptado bem, os restantes cinco entrevistados revelam que essa adaptação foi difícil, justificando a necessidade de se estar concentrado durante tanto tempo em frente ao computador, as distrações que o acesso imediato à internet proporciona e o facto de não haver muitos alunos a ligar a câmara durante as aulas é outros dos fatores que contribuem para essa dificuldade de adaptação. Os entrevistados relatam também as dificuldades de ligação durante as aulas quando se utilizava a *Blackboard*, preferindo a utilização de outros meios como o *Zoom*. Quando questionados sobre, se essa adaptação tinha sido mais complicada no primeiro ou no segundo confinamento, seis entrevistados revelaram que no primeiro pelo fator novidade, o entrevistado que revelou ter sentido mais dificuldade no segundo confinamento apontou o medo pelo número de infetados e a indecisão na hora de definir se se devia entrar em confinamento ou não.

Procurando dar resposta ao objetivo principal deste estudo, o de perceber se com a pandemia de Sars-Cov-2 houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior, terei que analisar as respostas dadas pelos entrevistados, com o recurso a alguma bibliografia recolhida durante a elaboração deste estudo. Alguns autores relatam o “acesso limitado (ou inexistente) dos estudantes às tecnologias necessárias.” (Gusso, et al., 2020, p. 4) Referem

ainda que, nos países mais desenvolvidos, onde insere Portugal, os impactos da pandemia, no que ao aumento das desigualdades sociais diz respeito, verifica um agravamento “muito preocupante.” (Costa, 2020, p. 20) Mencionando que em “diversas categorias sociais verificam-se situações de desigualdade acrescida e outras são atingidas por novas situações de desigualdade.” (Costa, 2020, p. 7).

Alguns dados avançados que me podem permitir dar resposta a este objetivo é do relatório *“The impact of covid-19 on higher education: a review of emerging evidence”*, apresentando que apesar dos alunos se mostrarem satisfeitos com o ensino online, isso não invalida que possam estarem insatisfeitos com as condições de estudo. Essa disparidade pode ser explicada pelas diferenças no acesso à tecnologia e material de estudo, já que, segundo dados avançados no relatório, embora 89,3% dos alunos tenham computador próprio, apenas 41% relata ter boa conexão à Internet. Estes números demonstram que mesmo tendo acesso aos materiais necessários isso não é garantia de um acesso total ao ensino. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 28).

O relatório define ainda o grupo de alunos que enfrentou mais dificuldades para se adaptar aos estudos durante os confinamentos. Sinteticamente trata-se dos alunos mais jovens; dos que não possuem um local adequado para estudar; dos que não têm uma boa conexão à Internet e/ou material de estudo à sua disposição; dos que têm menos competências digitais e por fim dos estudantes que não têm uma rede de apoio. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 37).

Mas a conclusão mais importante do relatório é o facto de as Nações Unidas observarem que, num contexto global, a crise pandémica está a agravar as desigualdades pré-existentes, reduzindo as oportunidades para os mais vulneráveis, nomeadamente os que residem em áreas mais pobres e rurais, as mulheres os refugiados e pessoas com deficiência, podendo ter como consequência um aumento do abandono escolar. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 42).

Quanto às entrevistas realizadas cinco dos entrevistados admitem ter a percepção de ter havido um agravamento das desigualdades sociais com reflexo no ensino superior, referindo muitas vezes o acesso desigual aos meios de ensino online.

Em suma, é possível afirmar que houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior como consequência da pandemia de Sars-Cov-2, nomeadamente nas desigualdades de acesso às aulas via online, nos locais de estudo adequados, mas também do ponto de vista económico, onde se assistiu a um elevado número de famílias com os seus rendimentos reduzidos quer por desemprego, quer pelo mecanismo desenvolvido pelo estado, como é o caso do *lay-off*.

VII. Conclusão

Concluo desta forma a minha dissertação de mestrado. Este foi sem dúvida, o trabalho mais difícil e desafiante que tive de realizar durante o meu percurso académico, devido à sua complexidade e exigência.

Quero acima de tudo agradecer ao professor Luís pelo seu incansável apoio e coordenação neste projeto. Agradecer ainda a todos os entrevistados pela resposta às minhas questões e pela sinceridade nas respostas.

O objetivo de compreender até que ponto a pandemia de Sars-Cov-2 fez alterar as desigualdades sociais no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho, foi conseguido. Contudo, é de realçar a novidade da temática e a necessidade de a informação e conclusões serem atualizadas à medida que vão surgindo novos estudos.

Esta investigação foi realizada tendo por base uma metodologia de carácter qualitativo. Com a análise das entrevistas realizadas, é-me possível concluir que houve um agravamento das desigualdades sociais no acesso à educação. Para além disso, atendendo aos objetivos definidos é possível afirmar que o impacto dos ensinamentos práticos foi maior nos alunos dos cursos mais práticos. Quanto às medidas que a Universidade do Minho desenvolveu, pelas entrevistas que realizei, posso concluir que existiu por parte de alguns alunos um desconhecimento das medidas desenvolvidas pela Universidade. Relativamente à aprendizagem dos alunos da Universidade do Minho, após a análise das entrevistas e de variadíssima literatura sobre o assunto, é possível concluir que a aprendizagem dos alunos foi afetada. Quanto ao facto de os alunos que frequentavam a Universidade do Minho terem pensado em abandonar os estudos, por causa da pandemia da Covid-19, é possível concluir que num número significativo de alunos, isso lhe pode ter passado pela cabeça. No caso destes alunos, o tempo e o esforço já despendido fê-los recuar na ponderação dessa possibilidade. Relativamente à adaptação dos alunos aos meios de ensino e a aprendizagem à distância se revelou mais difícil no primeiro ou no segundo confinamento, alguns entrevistados revelam que essa adaptação foi difícil, relatando ainda as dificuldades de ligação durante as aulas quando se utilizava a *Blackboard*, preferindo a utilização de outros meios como o *Zoom*.

Uma das conclusões mais importantes deste estudo é o facto de as Nações Unidas observarem que, num contexto global, a crise pandémica está a agravar as desigualdades pré-

existentes, reduzindo as oportunidades para os mais vulneráveis, nomeadamente os que residem em áreas mais pobres e rurais, as mulheres os refugiados e pessoas com deficiência, podendo ter como consequência um aumento do abandono escolar. (Farnell, Matijević, & Schmidt, 2021, p. 42).

Em suma, é possível afirmar que houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior como consequência da pandemia de Sars-Cov-2, nomeadamente nas desigualdades de acesso às aulas via online, na falta de locais de estudo adequados, mas também do ponto de vista económico, onde se assistiu a um elevado número de famílias com os seus rendimentos reduzidos.

Bibliografia

- Bader, V., & Benschop, A. (2018). Desigualdade social: objeto e modelo proteórico de análise. Em S. Gomes, V. Duarte, F. Ribeiro, L. Cunha, A. Brandão, & A. Jorge, *Desigualdades Sociais e Políticas Públicas - Homenagem a Manuel Carlos Silva* (pp. 27-79). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, Lda.
- Bardin, L. (2007). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Costa, A. F. (2020). Desigualdades Sociais e Pandemia. Em R. M. Carmo, I. Tavares, & A. F. Cândido, *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro* (pp. 4-16). Lisboa: Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. Obtido de <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/observatoriodasdesigualdades/wp-content/uploads/2020/12/UmOlharSociolo%CC%81gicoSobreaCriseCovid19emLivro.pages.pdf>
- DGS, D. G. (2020). *Referencial Escolas - Controlo da transmissão de Covid-19 em contexto escolar*. República Portuguesa, Serviço Nacional de Saúde, Lisboa . Obtido de <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/referencial-escolas-controlo-da-transmissao-de-covid-19-em-contexto-escolar-pdf.aspx>
- Durkheim, É. ([1922(2011)]). *Educação e Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Farnell, T., Matijević, A. S., & Schmidt, N. Š. (2021). *The impact of Covid-19 on higher education: a review of emerging evidence*. Luxemburgo: Serviços de Publicação da União Europeia: Relatório Neset.
- FENPROF. (maio de 2012). O Sistema de Ensino Superior em Portugal (Parte I). pp. 1-117. Obtido de https://www.fenprof.pt/download/fenprof/sm_doc/mid_132/doc_6444/anexos/ses_p_parte_i.pdf
- Figueiredo, H., Portela, M., Silva, J., Almeida, A., & Lourenço, D. (2017). *Benefícios do ensino superior*. Estudos da Fundação. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Obtido de <https://www.ffms.pt/publicacoes/grupo-estudos/2395/beneficios-do-ensino-superior>

- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O inquérito - Teoria e Prática*. (C. L. Pires, Trad.) Paris: Armand Colin.
- Giddens, A. (2008). *Sociologia* (6 ed.). (A. Figueiredo, A. P. Baltazar, C. L. Silva, P. Matos, & V. Gil, Trads.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, S., Duarte, V., Ribeiro, F. B., Cunha, L., Brandão, A. M., & Jorge, A. (2018). *Desigualdades Sociais e Políticas Públicas - Homenagem a Manuel Carlos Silva*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, Lda.
- Gusso, H. L., Archer, A. B., Luiz, F. B., Sahão, F. T., Luca, G. G., Henklain, M. H., . . . Gonçalves, V. M. (27 de julho de 2020). Ensino Superior em Tempos de Pandemia: Diretrizes à Gestão Universitária. *Debates & Polémicas*, 41, pp. 1-27. Obtido de <https://www.scielo.br/j/es/a/pBY83877ZkLxLM84gtk4r3f/?lang=pt>
- Lima, L. C. (2018). Algumas notas sobre democratização e desigualdades na educação em Portugal (1974-2018). Em S. Gomes, V. Duarte, F. Ribeiro, L. Cunha, A. Brandão, & A. Jorge, *Desigualdades Sociais e Políticas Públicas* (1ª edição ed., pp. 329-345). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, Lda.
- Machado, F. L. (17 de maio de 2015). Desigualdades sociais no mundo atual: teoria e ilustrações empíricas. *Repositório ISCTE-IUL*(9), pp. 297-318. Obtido em 20 de fevereiro de 2022, de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13301>
- Martins, M., & Rodrigues, E. (2020). Apresentação. Em M. Martins, & E. Martins, *A Universidade do Minho em tempos de pandemia* (pp. 6-10). Braga: UMinho Editora.
- Martins, S. d. (2020). A Educação e a Covid-19 : desigualdades, experiências e impactos de uma pandemia não anunciada. Em R. M. Carmo, I. Tavares, & A. F. Cândido, *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro* (pp. 37-55). Lisboa: Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. Obtido de <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/observatoriodasdesigualdades/wp-content/uploads/2020/12/UmOlharSociolo%CC%81gicoSobreaCriseCovid19emLivro.pages.pdf>
- Mendes, F. A., Dantas, M., & Neves, S. (13 de janeiro de 2021). As medidas do novo confinamento: escolas abertas, teletrabalho e coimas pesadas. Começa sexta-feira.

Público. Obtido de <https://www.publico.pt/2021/01/13/sociedade/noticia/governo-aprova-hoje-medidas-confinamento-geral-deverao-vigorar-mes-1946097>

Mendonça, M., & Ribeiro, R. (2018). Democratizar a educação, combater desigualdades. Em S. Gomes, V. Duarte, F. B. Ribeiro, L. Cunha, A. M. Brandão, & A. Jorge, *Desigualdades Sociais e Políticas Públicas* (1ª edição ed., pp. 369-389). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, Lda.

Nova, C., & Alves, L. (2003). Educação à Distância: Limites e Possibilidades. Em *Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade* (pp. 5-27). São Paulo: Futura. Obtido de https://www.academia.edu/300780/Educa%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_Dist%C3%A2ncia_Limites_E_Possibilidades

Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores, Lda.

Peralta, S., Carvalho, B., & Esteves, M. (2021). *Portugal, Balanço Social 2020*. Nova School of Business e Economics, Social Equity Initiative, Lisboa. Obtido de <https://www2.novasbe.unl.pt/Portals/0/Files/Reports/Portugal%20Balanco%20social%202020-Relatorio.pdf>

PORDATA. (15 de abril de 2021). Quantos estudantes concluem o ensino universitário e politécnico por cada 1.000 residentes? *Diplomados no ensino superior por mil habitantes*. Obtido de <https://www.pordata.pt/Portugal/Diplomados+no+ensino+superior+por+mil+habitantes-1981>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª edição ed.). (J. Marques, M. Mendes, & M. Carvalho, Trads.) Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda.

Rawls, J. (2000). *Uma teoria da justiça*. (A. Pissetta, & L. M. Esteves, Trads.) São Paulo: Martins Fontes.

República Portuguesa. (21 de janeiro de 2021). Escolas com atividades letivas suspensas nos próximos 15 dias. *XXII Governo*. Obtido de

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=escolas-com-atividades-letivas-suspensas-nos-proximos-15-dias>

Savoie-Zajc, L. (2003). A entrevista semidirigida. Em B. Gauthier, *Investigação Social: Da Problemática à Colheita de Dados* (N. Salgueiro, & M. Gameiro, Trads., 3ª edição ed., pp. 279-301). Loures: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas, Lda.:

Seabra, T. (janeiro de 2009). Desigualdades escolares e desigualdades sociais. *Repositório ISCTE-IUL*(59), pp. 75-106. Obtido em 2021 de outubro de 6, de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1614>

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. Em A. Silva, & J. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Anexos

Anexo 1 - Termo de consentimento informado

Declaração de Consentimento Informado

O meu nome é Ana Isabel Mendes Oliveira, com o número de aluna 43432, sou aluna do 2ºano do Mestrado em Sociologia com especialização em Políticas Sociais e estou a realizar uma investigação intitulada “A covid-19 e o impacto no Ensino Superior” orientada pelo Doutor Luís Manuel Jesus Cunha.

Esta investigação será realizada na Universidade do Minho, mais concretamente nos polos de Gualtar e Azurém, Braga e Guimarães respetivamente. Decorrerá entre os meses de fevereiro e maio.

O objetivo principal desta investigação é o de determinar se com a pandemia de SARS-COV-2 houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior. Para além deste objetivo principal existem ainda objetivos específicos, nomeadamente o de perceber se os cursos com vertentes mais práticas tiveram o seu processo de aprendizagem mais afetado pela Pandemia de SARS-COV-2 do que os cursos de cariz mais teórico, segue-se o objetivo de analisar se as medidas desenvolvidas pela Universidade do Minho no combate às desigualdades de acesso às aulas responderam às necessidades dos alunos, importa também determinar se a pandemia SARS-COV-2 afetou a aprendizagem dos alunos da Universidade do Minho, outro dos objetivos é o de saber se os alunos com maiores dificuldades económicas que frequentavam a Universidade do Minho pensaram em abandonar os estudos por causa da pandemia da COVID-19 e o último objetivo é o de perceber se para os alunos da Universidade do Minho, a adaptação aos meios de ensino à distância e a aprendizagem se revelou mais difícil no primeiro ou no segundo confinamento.

Nesta investigação realizarei entrevistas a alunos de diferentes cursos da Universidade do Minho, para analisar as suas experiências neste período.

Neste sentido gostaria de saber se está disponível para realizar uma entrevista individual. Essa entrevista será gravada como um gravador de voz. Não há respostas certas ou erradas, só procuro saber a sua opinião sincera. Quando não quiser responder a uma questão é só dizê-

lo e a sua vontade será respeitada, tal como se for do seu interesse desistir de continuar a responder.

Nos dados que recolho a identidade dos participantes será sempre assegurada, mantendo o anonimato do entrevistado. A autorização da divulgação da informação recolhida durante o estudo é fundamental, nomeadamente o consentimento da gravação das entrevistas e do grupo de foco, para que assim se possa recolher o máximo de informação possível.

Agradeço desde já a disponibilidade demonstrada e estou disponível para prestar qualquer esclarecimento adicional

Ana Isabel Mendes Oliveira

Aluna de Mestrado em Sociologia

E-mail: pg43432@uminho.pt

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram facultadas.

Fui informado que a qualquer momento posso desistir/recusar a participação neste estudo.

Compreendi a utilidade do estudo e aceito participar neste estudo, permitindo a utilização dos dados recolhidos para os fins científicos acima referidos, tendo como garantia o anonimato e confidencialidade acima garantida.

_____, de _____ de 2022

(Nome completo do entrevistado)

(Curso que está inscrito o entrevistado)

(Assinatura do entrevistado)

Anexo 2 - Guia da entrevista

1. Ao longo dos últimos dois anos letivos considera que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

Se sim, quais os pontos que considera serem os mais afetados?

Se não, o que o leva a ter essa opinião?

2. Acha que nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade devido aos constrangimentos da pandemia?

3. No seu ponto de vista, as medidas tomadas pela Universidade do Minho no que ao combate às desigualdades de acesso às aulas via online diz respeito, foi o mais adequado?

4. Como foi a sua adaptação aos meios/métodos de ensino à distância?

Essa adaptação foi mais complicada no 1º ou no 2º confinamento?

5. Como desenvolveu/apreendeu os ensinamentos mais práticos do seu curso durante os últimos dois anos letivos, muito particularmente durante os dois confinamentos?

6. Pensou em abandonar os estudos durante a pandemia?

7. Considera que a situação de pandemia terá levado mais alunos a pensar em desistir da Universidade? O que o leva a pensar assim?

8. Considera que, numa perspetiva geral, houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?

9. Na sua perspetiva, quais os impactos sociais e económicos que a pandemia de SARS-COV-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho?

10. Sente que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e a falta de convivência com os colegas de curso?

11. Tem conhecimento de algum caso em que a saúde mental de algum aluno universitário foi afetada pelos sucessivos confinamentos?

12. A socialização com os seus colegas sofreu alterações durante os confinamentos? Como conversavam?

E no regresso à normalidade sofreu alterações?

Se sim, porque isso aconteceu?

Anexo 3 - Entrevistado A - Entrevista a aluno de mestrado em Sociologia

Entrevistador: Bom dia.

Entrevistado: Bom dia.

Entrevistador: Ao ler o consentimento informado que te enviei surgiu alguma dúvida?

Entrevistado: Ahhh... Não. Percebi tudo. Não tenho dúvida nenhuma.

Entrevistador: Podemos então iniciar a entrevista?

Entrevistado: Claro que sim.

Entrevistador: Então como a temática é o Covid vamos começar logo por essa pergunta.

Entrevistado: Ok.

Entrevistador: Ao longo dos últimos 2 anos letivos consideras que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

Entrevistado: Eu penso que sim. Aliás , eu penso que nessa questão não tenho qualquer dúvida, porque eu acho mesmo que, o ensino presencial e o ensino à distância em si já é bastante diferenciador, por exemplo, há pessoas que têm melhor acesso à internet, neste caso que outros isso já pode condicionar os resultados e depois também acho que mesmo que apesar de, lá está ser, ahhh, mais fácil apesar de imagina quem está em isolamento quer não esteja têm acesso às aulas na mesma eu penso que o ensino presencial é muito mais enriquecedor que o ensino à distância (pausa) por isso logo a partir daí eu acho que já, sim, jáa aumentou as desigualdades entre os alunos.

Entrevistador: E achas que nos últimos 2 anos, por causa da pandemia o ensino superior perdeu qualidade devido aos constrangimentos da pandemia?

Entrevistado: Ahhh.... Perdeu qualidade de vida certo?

Entrevistador: Não. Perdeu qualidade.

Entrevistado: Qualidade. (pausa). É assim eu penso, lá está. A questão para mim do ensino eu penso que perdeu, (pausa), lá está. Eu acho que mesmo que os próprios professores estão um bocado mais subcarregados, os alunos, só o formato digital também acabam por estar mais subcarregados. Eu falo por mim, eu não gosto muito de estar no computador (pausa)

para mim ter aulas online, lá está, às vezes eu tinha a tendência de, por exemplo, meter a aula e fazer outras coisas, ou seja, enquanto se eu estivesse na aula eu estava focado no que estava na aula porque também não tem assim tantas distrações apesar de ter o telemóvel eu sempre estaria talvez com mais atenção ao que o professor estava a dizer do que propriamente se for num contexto de, por exemplo, digital, por exemplo, eu posso ter a página aberta no Zoom e posso estar a fazer outra coisa totalmente diferente ao lado e que me pode prejudicar por exemplo a mim, mas isso lá está tem haver acho com a própria pessoa digamos assim, mas penso que também, de forma geral, eu acho que qualidade sim, eu acho que diminui.

Entrevistador. Certo. E no teu ponto de vista as medidas tomadas pela Universidade do Minho, no que ao combate às desigualdades de acesso às aulas via online diz respeito foi adequado? (Percebi pela expressão facial não tinha entendido, senti necessidade de dar exemplos) Por exemplo, não sei se reparaste, mas a Universidade do Minho cedeu computadores a pessoas que não tinham aumentou a banda larga a algumas pessoas. Achas que essas medidas foram adequadas ou ficaram aquém daquilo que a Universidade podia ter feito?

(pausa)

Entrevistado: É assim, eu acho que, por acaso não tinha noção das medidas, não não tenho acompanhado, mas eu acho que é uma das boas medidas, por isso também não posso dizer ao certo quais é que se está aquém ou se forma suficientes, mas eu penso que essas duas medidas já por si seriam boas, não é? Só que acho que também há outras coisas, também que talvez a universidade não tenha chegado, talvez se cabe a outros fatores para além da universidade, talvez o próprio governo ou assim, não sei, também é uma questão só estou apenas a levantar a hipótese, não é?!

Entrevistador: Ok. E como é que foi a adaptação aos meios/métodos de ensino à distância?

(pausa)

Entrevistado: Ahh. É assim, o que me recordo. Eu penso que foi no terceiro ano da licenciatura, nós estávamos a fazer, neste caso, eu sou de Sociologia a Ana também, não é?! Nós estávamos a fazer relatório, eu estava pelo menos a fazer relatório. Isto surgiu de repente, passamos todos para o digital. Entretanto as bibliotecas ficaram fechadas, nós não tínhamos o sistema, por exemplo, do VPN para ligar à Universidade para fazer as tais pesquisas. Ahh...

E depois, por exemplo, eu lembro de alguns colegas meus, por exemplo, de estar a fazer estágio, os estágios serem todos cancelados e de facto passarem todos para relatório já com bastante atraso, por isso eu acho que, lá está a universidade respondeu dentro do possível, não é?! Que era uma situação totalmente nova, mas eu penso que custou a toda a gente, sem dúvida nenhuma.

Entrevistador: E achas que essa adaptação foi mais complicada no 1º ou no 2º confinamento?

(pausa)

Entrevistado: Ahh. É assim, eu penso que no primeiro, lá está foi a questão da novidade, as pessoas não sabiam como reagir digamos assim. O segundo as pessoas já tinham uma noção, mas acho que foi mais intenso, foi mais restritivo, digo eu. Á partida, pelo menos foi o que eu senti, tanto se calhar pelo número de mortos, disto dos infetados eu acho que também mexeu, acho que com toda a gente, não é?! Uma pessoa às vezes ia para a universidade e sentia, por exemplo, antes desse caso do confinamento e senti que andamos aqui e nem sabemos se isto é seguro, não é?! Com tando número de infetados e tantos mortos e havia sempre aquela perceção de que não era seguro ir à universidade e as razões. A falar por mim até preferia em certa parte, neste caso está o ensino à distância totalmente do estar a deslocar-me à universidade para ter aulas.

Entrevistador: Em questão de segurança?

Entrevistado: Por exemplo, eu vivo com a minha avó, por exemplo, eu tenho 83 anos é mais sensível, por exemplo, a parte boa que havia se calhar a transmitir ou neste caso de apanhar e estar em casa era muito grande, não é?! E sentia sempre aquela, não sei, aquela responsabilidade aquele peso.

Entrevistador: E como é que desenvolveu e a aprendeu os ensinamentos mais prático durante os últimos 2 anos letivos mais particularmente durante os 2 confinamentos?

Entrevistado: É assim, o que me recordo o nosso curso é um pouco mais teórico, não é?! As antes da parte prática que nós temos, por exemplo, estou a recordar agora métodos, acho que é métodos?! Não. Não é métodos, práticas de investigação da professora Ana Brandão. Exatamente. Por exemplo, essa componente eu acho que era bem mais prática, no sentido de

que é mais metodologia e assim e uma das formas na altura que a stora abordou foi precisamente meter texto no Perussal para nós lermos em contextos de grupo e discutirmos, ou seja, apesar de ainda não ser a mesma coisa do que fazemos em contexto de aula, eu acho que aí conseguiu um efeito no sentido de nós praticarmos, digamos assim, conhecermos as principais metodologias e assim e depois também o próprio formato da metodologia e assim de ser um caso mais prático de nos esforçar no contexto que havia não é?! Fazer as coisas mais de uma forma prática.

Entrevistador: Mas achas que perdeu alguma dinâmica de grupo?

Entrevistado: Á isso sim. Isso sem dúvida que sim. Eu acho que sim. Precisamente, por lá está, é digital essas metodologias utilizadas focaram-se maioritariamente no digital, como por exemplo, o tal contexto de presencial, de por exemplo, eu falar e outro colega ao meu lado falar. Essa dinâmica eu acho que faz falta no ensino, no ensino e não só, mas principalmente no ensino, sim.

Entrevistador: E pensantes em abandonar os estudos durante a pandemia?

Entrevistado: É assim. É uma questão, acho que qualquer pessoa põe, não é?! Já porque à partida logo porque está no ensino superior, mas eu também pensei depois assim, pocha agora também só estou. Neste caso falta apenas um ano, sensivelmente que a tese também não vou desistir agora é é um pouco essa mentalidade que que dominou digamos assim.

Entrevistador: Considera que a situação pandémica terá levado mais alunos a pensar em desistir da universidade?

Entrevistado: É assim, eu conhecer alguém talvez, não sei, mas eu penso que, eu acho que, é geral esse sentimento de vocês, eu acho que a pandemia fez as pessoas mudarem, refletir um pouco mais sobre o que queriam sobre a vida, em geral não é eu penso que os estudos também não escaparam disso, mas a qualidade neste caso poderá fazer ter diminuído as pessoas também poderão ter reflexo de quem se calhar não é isto que eu quero não é isto se calhar quando faz feliz assim, eu caso talvez terá influenciado sim as pessoas.

Entrevistador: Então achas que um ponto é a qualidade que o ensino poderá ter oferecido aos alunos?

Entrevistado: Sim. Eu penso que a qualidade, lá está, eu senti, por exemplo, que fomos condicionados pela pandemia, sem dúvida nenhuma. O próprio ensino foi condicionado negativamente pela questão do digital não é tão bom, não é?! Apesar de lá está, por exemplo, nós estávamos em aulas na Blackboard, por exemplo, nunca funcionava. As nossas aulas eram maioritariamente pelo Zoom, mesmo o Zoom às vezes ficava subcarregado. A questão, por exemplo, das conversas paralelas, por exemplo, às vezes não dava por ela podia estar a falar e o professor a falar, ou seja, depois as outras pessoas que estavam em casa não se apercebiam do que o professor estava a falar e perdia-se uma parte dessa comunicação e eu penso que só por isso já saímos bastante prejudicados.

Entrevistador. Acha que a questão económica não teve influência em pensar em desistir da universidade para alguns alunos?

Entrevistado: É assim, a minha parte, eu talvez, acho que não, mas agora dos outros eu penso que sim dado que isto foi uma crise econó não foi só sanitária foi também económica e eu acho que isso estão inerentes muitas coisas sim. Mas agora que eu tenha conhecimento de pessoas que estejam em, neste caso, que tenham desistido ou ponderassem desistir por razões económicas eu particularmente não conheço, mas deve haver sim.

Entrevistador: Consideras que, numa perspetiva geral, houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior? Na inserção do ensino superior? Na continuidade no ensino superior?

Entrevistado: Sim, eu penso que sim. Por exemplo, a própria tem acompanhado, por exemplo, acho que foi este ano, o ano passado, que foi a questão dos exames nacionais do ensino, por exemplo, o acesso ao ensino superior no 12º ano em que lhes foram facultados por exemplo quem, o aluno é que decidia que tipo exame queria fazer entre português ou matemática ou português e história eu penso que esse aspeto eles foram facilitados, mas também foram prejudicados por que as médias subiram bastante, não é?! E neste caso só entrou para as universidade que queriam quem tinha já uma média em si bastante elevada, logo aí já foi um fator, ou seja, foi uma medida para mim promover digamos assim a maior inserção no ensino superior, ou seja, para combater as desigualdades que a pandemia suscitou no entanto, eu penso que, ela aumentou ainda mais foi a desigualdade, por exemplo, eu falo pela minha irmã, ela entrou em gestão ela queria candidatar-se em gestão na Universidade

do Minho, a média subiu bastante e não conseguiu, ou seja, teve que optar por outras universidades, neste caso está em Vila Real para entrar neste caso no curso que ela queria precisamente por causa disso, ou seja, o facto de a média ter subido tanto, neste caso das universidades, as provas de ingresso, ou seja, permitiu-nos que ela não entrasse aqui na do Minho apesar de ter uma média relativamente boa comparativamente aos outros anos entrada e ... por exemplo, na questão teve que entrar para universidade como ela bastante alunos sim.

Entrevistador: E achas que quem conseguiu manter a média ou elevá-la foi porque tinha maiores rendimentos e apoio em casa do que os outros que não conseguiram acompanhar essa subida?

Entrevistado: É assim, eu acho que essa é uma questão que é 50-50, cabe ao aluno também manter a média, mas também há um back ground por trás, por exemplo da família, por exemplo, se tem explicações ou o próprio apoio que os pais dão e também o próprio gosto do aluno, não é?! Tudo isso interfere, não é?! Mas eu penso que também o fator económico, também está subjacente sim.

Entrevistador: Ah... Na tua perspetiva quais os impactos sociais e económicos que a pandemia de Sars-Cov-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior, muito particularmente da Universidade do Minho?

Entrevistado: Peço desculpa. Quais é que são os impactos...

Entrevistador: Sociais e económicos que a pandemia originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior, muito particularmente da Universidade do Minho?

Entrevistado: É assim eu acho, por exemplo, logo aqueles que eu já disse, por exemplo, o da questão dos exames nacionais, à partida já condicionou logo a entrada no ensino superior, e depois também eu penso que a... esta pandemia também veio agravar, por exemplo, a questão das escolas privadas, não é?! Quem tinha à partida as médias mais inflacionadas é quem entra para o ensino superior, ou seja, obrigatoriamente são quem tem as notas mais altas, por exemplo, estou a falar, por exemplo, da Universidade do Minho, essas escolas, o que é que acontece, mando neste caso esses alunos, que têm boas médias para irem à Universidade do Minho enquanto que as restantes escolas secundárias, por exemplo, como tem médias mais baixas veem-se logo condicionadas com esta concorrência, digamos assim,

e essa disparidade de notas. Só isso, por exemplo, já condicionou a entrada para a Universidade, não é?! Mas isso é um fator que eu acho que até considero, neste caso, que é um pouco intemporal, não é?! Já persiste à muito tempo e não é necessariamente da pandemia, mas eu penso, por exemplo, a questão da pandemia, por exemplo, do ensino à distância, lá está, no ensino secundário mas não só, mas tendo o ensino secundário com a fase anterior, neste caso à universidade. Eu penso que os alunos do ensino secundário foram bastante prejudicados, por exemplo, eu não me consigo imaginar no secundário a ter uma cadeira, por exemplo, como português lecionado à distância. A questão, por exemplo, do ensino das obras que nós tínhamos, que eram de caráter obrigatório, por exemplo, Fernando Pessoa. Eu penso que são coisas que às vezes requerem um pouco mais de, no contexto presencial, digamos assim, ou por exemplo das matemáticas, que também é um fator que eu acho que foram bastante prejudicados. (pausa)

Entrevistador: E por exemplo, no caso do ensino superior, e desenvolvendo trabalhos e as bibliotecas fechadas, achas que houve um condicionamento na qualidade dos trabalhos apresentados aos docentes, na qualidade do estudo em si?

Entrevistado: Sim, eu penso que saímos todos prejudicados. Eu lembro-me, por exemplo, de uma situação que foi na cadeira de, ou seja, no Seminário, digamos assim, no 3º ano da licenciatura, em que eu tinha, neste caso, de procurar a metodologia para o meu trabalho, para o meu relatório e a minha professora exigia-me um livro em particular que era da Ana Isabel qualquer coisa, esqueci-me agora do último nome e eu como não tinha acesso ao livro também não tinha no repositório, não é?! E eu, entretanto lembro-me da minha professora até se disponibilizar, isto foi uma boa prática, digamos assim, disponibilizar-se a vir até à minha casa para me entregar o livro. Eu por acaso consegui o livro de outra forma, não é, mas acho que foi um constrangimento enorme logo ali, porque imagina eu queria um livro para a minha metodologia e não tinha acesso a ele. Quem diz esse diz talvez outros que às vezes se nós chegássemos lá, a biblioteca tinha, mas online não tem, ou seja, tenho aqui que arranjar outra forma para fazer o meu trabalho, porque, lá está eu, já sai desde logo prejudicado ali um pouco por causa disso.

Entrevistador: Sentes que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e pela falta de convivência com os colegas de curso?

Entrevistado: Ah sim. Sem dúvida. Eu acho que sim, eu acho que até não foi só no ensino superior, e assim no ensino superior foi uma constante, não é?! Piorou neste caso, não há dúvida nisso, mas eu penso também, em geral, acho que toda a população em si piorou a saúde mental, eu acho que foi o próprio impacto dos confinamentos, lá está, o reforço de tudo o que é digital, ou seja, é um contacto bastante mais breve não há tanta riqueza digamos assim nos contactos, não é?! Por exemplo, a nível da linguagem verbal ou não verbal que é uma componente também da nossa interação isso já ficou bastante reduzido e depois os próprios convívios, não é?! A impossibilidade de, por exemplo, não circulamos entre concelhos já nos condiciona e ficamos restritos a isto e a próprio sim, a própria dinâmica do confinamento e depois também o medo que estava associado e mesmo que apesar das camadas mais jovens às vezes aparentava ter mais, ser mais relaxadas relativamente a isso algumas delas também sentiram bastante o impacto do covid, sim.

Entrevistador: E tens conhecimentos de algum caso em que a saúde mental de algum universitário foi afetada pelos sucessivos confinamentos?

Entrevistado: Sim. Particularmente um que é bastante próximo, uma colega minha que está a fazer agora, neste caso, a tese de mestrado e desistiu sim por razões diversas, mas pensava ligada à saúde mental diz que não se sentia bem e, entretanto, teve cancelar este ano.

Entrevistador: A socialização com os teus colegas sofrer alterações durante os confinamentos

Entrevistado: Sim. Lá está, a própria questão, por exemplo, da das limitações de circulação foi desde logo aí um fator, não é?! Porque eu até, por exemplo, à partida quando eu, por exemplo, iria deslocar-me ia ter com eles já não podia a partir desses dias e depois também estão, por exemplo, os horários, por exemplo, às vezes nós podemos até comer fora à uma da tarde já não dava, não é?! Porque já estavam fechados, já não dava para fazer isso e depois também foi um, eu penso foi o próprio fator também medo, ou seja, nós também mesmo entre amigos, ou seja, o facto de circular tão rapidamente nós ficamos um pouco apreensivos bastante as pessoas.

Entrevistador: E aí, como é que conversavam durante os confinamentos?

Entrevistado: É assim, era sobretudo através, por exemplo, Facebook, WhatsApp, Instagram, as redes sociais digamos assim.

Entrevistador: E no regresso à normalidade a socialização com os seus colegas sofreu alterações?

Entrevistado: Eu penso que não, é que conseguimos manter a mesma natureza, digamos assim, as mesmas interações.

Entrevistador: O uso de máscara e o distanciamento não afetaram essa interação?

Entrevistado: Á isso sim. Sim, isso de facto alterou mesmo quando estamos, por exemplo, eu lembro-me que fizemos uma troca de presentes no Natal e estávamos todos de máscara, literalmente. Uma coisa que eu reparei, no entanto, assim como é que a vida mudou tão rapidamente nós estamos todos, nós estamos de máscara e não tiramos uma única vez, a questão foi essa.

Entrevistador: Ok. Então terminei agora as questões agradeço imenso pela colaboração, muito obrigada. Ficou alguma questão?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Então terminamos a entrevista. Muito obrigada pela colaboração.

Anexo 4 - Entrevistado B - Entrevista a aluna do 3ºano da licenciatura em Sociologia

Entrevistador: Bom dia.

Entrevistado: Olá, bom dia.

Entrevistador: O meu nome é Ana, eu sou licenciada em sociologia e neste momento estou a frequentar o mestrado em sociologia, a acabar a tese. O meu tema é a Covid-19 e a educação e os impactos que a pandemia teve nas desigualdades sociais. Ao leres o consentimento informado surgiu alguma dúvida?

Entrevistado: Não. Não tenho nenhuma dúvida.

Entrevistador: Podemos começar?

Entrevistado: Sim, sim.

Entrevistador: Então vamos a isso. De realçar que se não perceberes alguma coisa é só dizeres que eu explico, pergunto de outra forma. Está tudo bem.

Entrevistado: Ok.

Entrevistador: Ao longo dos últimos 2 anos letivos considera que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

Entrevistado: É assim, acho que sim, porque tendo em conta que nós tivemos a experiência do primeiro semestre do primeiro ano ter sido normal. É claro que, é assim eu acho que, nós entramos numa altura em que ninguém estava preparado para ter aulas online da mesma forma que os professores não estavam preparados para dar aulas online, o programa estava tudo planeado para ser de uma forma normal automaticamente essa alteração fez como que, eu acho que, de certa forma informação não passe tão bem, eu falo por mim. Até porque estando online é muito mais difícil de estar atento, não captamos a informação da mesma forma, e eu no meu entender acho sem dúvida que aprende-se pior online do que presencialmente.

Entrevistador: Mas tu achas que foi só a questão da aprendizagem que saiu prejudicada, ou seja, tu conseguiste aprender menos do que se estivesses em aula ou isso, por exemplo, também terá como consequência as notas ou houve uma adaptação em termos de avaliação, ou essa avaliação permaneceu mais ou menos igual ao tempo de não pandemia?

Entrevistado: É assim, em termos de notas não senti propriamente muita diferença, mas senti sem dúvida que não fiquei a saber tanto como se tivesse sido as aulas normais, não fiquei a perceber tão bem.

Entrevistador: Achas que nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade devido aos constrangimentos da pandemia?

Entrevistado: No sentido, naquilo que eu disse anteriormente sim. Porque eu acho que, eu não sei se seria justo comparar pessoas que fizeram a licenciatura no tempo normal e pessoas fizeram licenciatura hoje, agora, mas sim, eu acho que a matéria não ficou tão bem consolidada, os conhecimentos não são os mesmos. O que eu digo, eu vejo por mim, eu se me perguntarem coisas de cadeiras que eu tive online, muitas das cadeiras, eu não me lembro absolutamente nada, portanto é complicado.

Entrevistador: E no meu ponto de vista, as medidas tomadas pela Universidade do Minho no que ao combate às desigualdades de acesso às aulas via online diz respeito foi o mais adequado?

Entrevistado: É assim, eu não estou muito dentro do assunto, mas realmente eu acho que me lembro da altura de ter visto um anúncio, ou alguma coisa a falar de realmente fornecerem Internet aos alunos que não têm, que não tinham capacidade para isso. Nesse caso, sim acho que acho que foi o mais adequado, porque obviamente que sabemos que nem toda a gente tem acesso ao mesmo tipo de material, a computador melhor, a computadores piores, a Internet melhores, internets piores, por isso sim, acho que se foram, bons, boas medidas por parte da universidade.

Entrevistador: Como é que foi a tua adaptação aos meios e métodos de ensino à distância?

Entrevistado: Difícil. É difícil, porque é assim, por muito que nós estamos numa geração muito ligada à tecnologia, por muito que estejamos habituados a isto é sempre complicado estar 2 horas a olhar para um computador e estar 100% atento àquilo que nos estão a dizer, que sem, sei lá, porque ainda por cima estamos em casa, estamos no nosso meio, facilmente qualquer coisa nos distrai, e sim nesse sentido foi difícil.

Entrevistador: O facto de, por exemplo, obviamente estar ligado à Internet onde basicamente carregas tens acesso ao *WhatsApp*, tens acesso ao *Instagram*, podes fazer 1001

coisas através da Internet, é mais difícil estares concentrada quando estás online, do que quando estás presencial. Consideras que isso conta no final na aprendizagem?

Entrevistado: Sim, sem dúvida, porque assim, até a tentação maior e temos os meios para o fazer, portanto torna tudo mais fácil, não é?!

Entrevistador: E sentiste que essa adaptação do presencial para o online foi mais difícil durante o primeiro confinamento ou no segundo confinamento?

Entrevistado: Eu diria no primeiro, porque assim no segundo já tínhamos passado um semestre inteiro a ter aulas assim, portanto já sabíamos que íamos enquanto que da primeira vez foi um choque e ninguém sabia como é que ia funcionar. Mesmo relativamente às avaliações e tudo, as pessoas não sabiam se iam ter avaliações presenciais ou não, por isso sim acho que foi no primeiro.

Entrevistador: Mas tu sentes que essa adaptação do primeiro para o segundo não foi só mais fácil para os alunos, mas para os docentes também?

Entrevistado: Sem dúvida. Porque assim, já tinha uma experiência, já sabiam se calhar já tinha outras técnicas de tentar captar os alunos, de fazer as aulas, se calhar de forma mais dinâmica. Tendo em conta que, estávamos todos com acesso aos computadores, por exemplo, não sei passar um vídeo ou algo que captasse mais, que fosse mais alusivo e por isso sim, acho que o segundo foi mais fácil.

Entrevistador: Como é que desenvolveste ou aprendeste os ensinamentos mais práticos do curso durante os últimos 2 anos letivos, mais particularmente durante os 2 confinamentos como somos as duas de sociologia, se calhar a cadeira de estatística que é a mais prática, como é que, como é que foi? Eu não tenho noção, porque eu tive essas cadeiras de forma presencial, mas pensá-las em ter online, como é que foi?

Entrevistado: É assim, o meu primeiro ano também já vai a algum tempo, já não me lembro muito bem. Mas sim, é assim no caso sociologia temos que pensar em estatística, porque o resto é tudo teórico, obviamente eu tive estatística 1 presencial estatísticas 2 online, por acaso tive melhor nota a estatística 2, pois que foi online, mas é assim, em termos não das aulas teóricas, mas sim das aulas práticas, são as aulas laboratoriais e um computador, claro que é mais fácil presencial. O porquê? Porque estávamos nos computadores da universidade a

qualquer momento temos o professor que passa atrás e que nos pode ajudar, a explicar como é que as coisas se fazem, como é que as coisas não se fazem. Enquanto que, quando estamos em casa, no nosso computador, nós até podemos pôr a dúvida, mas não é a mesma coisa que o professor estar lá, a ver exatamente o que é que nós estamos a fazer e explicamos de uma forma muito mais perceptível.

Entrevistador: Pensas-te que abandonar os estudos durante a pandemia?

Entrevistado: Eu diria que sim, mas não propriamente por causa da pandemia.

Entrevistador: Ok. Por outras razões que não as pandémicas?

Entrevistado: Sim. Sim. Apesar de que é assim, claro que por causa da pandemia, sem dúvida há uma desmotivação enorme porque se nós já estávamos muito motivados, o facto de ter aulas online e de sair, não termos as nossas rotinas, sem dúvida que desmotivou completamente. Eu, eu vejo por mim, eu não tinha qualquer vontade de ir às aulas, porque eu ir às aulas online e eu simplesmente não aprendia nada, então era estar ali ter um computador à minha frente e ter uma pessoa a falar como voz de fundo, mas não propriamente a ter um interesse.

Entrevistador: Consideras que a situação da pandemia terá levado mais alunos, para além de tu teres pensado, terá a levado mais alunos a pensar em desistir da universidade?

Entrevistado: Sim, sem dúvida. Aqui exatamente, naquilo que eu disse anteriormente, que é assim, aulas online desmotivam completamente os alunos e, por exemplo, se um aluno já não gostasse muito do curso, e se calhar até já estava a pensar em desistir, mas não sei, por exemplo, até podemos falar, imagina um aluno que até anda na praxe e a praxe presencial é aquilo que o motiva a continuar na universidade, a estar com os amigos, não sei quê não sei que mais, tendo passado tudo online a vida daquele estudante passou simplesmente a estar em frente a um computador e a não ter aquele base de motivação que tinha anteriormente, ou seja, automaticamente os motivos para querer desistir aumentam imenso.

Entrevistador: Pegando nesse assunto da praxe, tu achas que a praxe é um fator de integração? Quando tu já não tens essa convivência, acreditas que é um fator decisivo para tu pensares de facto em deixar a universidade porque tu já não tens esse convívio, já não tens essa interação se calhar as aulas não te motivam então não tendo praxe pensas em desistir?

Entrevistado: Sim, sem dúvida eu eu falo por mim e pela minha experiência. Eu entrei neste curso e não era o que eu queria, automaticamente eu já entrei super desmotivada, o conteúdo das aulas não ajudou propriamente muito e eu andava na praxe e sem dúvida que aquele ambiente e as pessoas foram o que me, foi aquilo que me fez ficar e aquilo que me fez não desistir e claro que sem aquela base de apoio seria muito mais difícil.

Entrevistador: Mudando agora de assunto, consideras que numa perspetiva geral houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?

Entrevistado: É assim, eu não sei, até que ponto as medidas que a universidade pôs em prática seriam capazes de abranger todos os estudantes da universidade e sabemos que não é fácil abranger todos, somos imensos, por isso provavelmente sim, provavelmente houve alunos que por terem um computador mais mau, ou por terem uma Internet mais má sentiram realmente mais dificuldade em aulas online do que os outros.

Entrevistador: Na questão do acesso e na questão económica, por exemplo, achas que houve um agravamento, achas que houve pessoas que sentiram que havia dificuldade em pagar as propinas que havia dificuldade e não tiveram se calhar uma base para?

Entrevistado: Eu acho que acima de tudo, as pessoas sentiram de certa forma um bocado injustiçadas, o porquê?! Porque nós não estávamos na universidade, não estávamos a ter acesso às mesmas coisas e o facto de as propinas terem se mantido com o mesmo valor, eu acho que isso fez muita muita fez as pessoas reagirem porque sem dúvida que nós não estamos a ter a mesma qualidade de ensino estamos a ter acesso às mesmas instalações e estávamos a pagar mesmo, ou seja, não era propriamente justo. Agora se a pandemia causou problemas ou piorou a possibilidade das pessoas em pagar as propinas eu não sei propriamente depende, por exemplo, eram trabalhadores-estudantes e ficaram sem trabalho e já não tinham meios, pronto, para pagar ou não, se não é mais no sentido de estarmos a pagar uma coisa que nós não estamos a usufruir.

Entrevistador: Mas consideras que deveria ter havido uma redução do valor das propinas porque a qualidade de ensino piorou e tu não tinhas acesso às instalações que terias tivesses lá presencialmente?

Entrevistado: Sim. Eu acho que sem dúvida que devia ter sido feito um acerto.

Entrevistador: Na tua perspetiva quais os impactos sociais e económicos que a pandemia SARS-CoV-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho?

Entrevistado: É assim, nesse caso teremos de falar mais nas alterações podem ter sido feitas na, por exemplo, no 12º ano que faria com que as pessoas fossem aceder mais tarde, não é?! Eu acho honestamente, e como uma pessoa que foi fazer um exame nacional em tempo de covid para fazer melhoria, eu acho que sem dúvida, que nesse caso a pandemia ajudou. Porque primeiro porque os alunos não tinham de fazer exames a todas as disciplinas, ou seja, era muito mais fácil ficarem só naquilo e segundo porque mesmo os métodos de avaliação dos exames tornou-se completamente diferentes as notas foram muito melhores temos provas mesmo disso, ou seja, eu acho que em termos de acesso, facilitou o acesso.

Entrevistador: Por exemplo, vamos dar um exemplo, tu tens capacidades económicas consegues, sem grandes problemas, comprar um livro que um professor recomendou, um aluno que tenha mais carências económicas se calhar essa compra do livro tornasse mais complicada, ou seja, as bibliotecas estando fechadas ele terá mais dificuldade em aceder à informação que o professor lhe pede é um ponto?

Entrevistado: Eu acho que sim, porque é assim, o curso de sociologia, sendo um curso extremamente teórico tem que ter uma base muito grande de informação e sem dúvida que toda a gente sabe que ter informação e papel no meio a mesma coisa que ter informação de um livro em papel nas minhas mãos ler ali do que ler mais por isso sim nesse sentido sem dúvida.

Entrevistador: Tu sentes que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e a falta de convivência com os colegas?

Entrevistado: Sim. Muito mesmo, acho que acho que nos tornamos, acho que aí foi o facto de estarmos isolados e de de não termos aquela possibilidade talvez de espairer, porque assim toda a gente sabe que a universidade não é fácil psicologicamente, é difícil e precisamos de ter aqueles momentos em que nos podemos abstrair de tudo, e que faz parte da universidade, e a verdade é que com a pandemia, e com o facto de termos de estar em quarentena, e tornou-se impossível, o que faz com que os alunos ficaram muito mais centrados somente no meio académico, não tinham qualquer outra distração. Em termos de

stress acredito que tenha sido muito maior e depois é a base de não ter aquilo com um convívio diário faz falta a todos nós.

Entrevistador: Tua achas que a universidade, por muito que tenha como objetivo tirar uma licenciatura, ter um diploma e conseguir adquirir conhecimento, à toda uma experiência à volta da universidade fora aulas fora campus. Achas que essa experiência, essa falta dessa convivência, que tu se calhar só tiveste no primeiro semestre, fez agravar a saúde mental dos alunos universitários?

Entrevistado: Sim, sem dúvida, porque é assim, a universidade é toda uma experiência e é assim, não é só ir às aulas, não é só estudar, é todo o ambiente académico toda toda aquela experiência, toda aquele, não sei é diferente. Claramente que não é como quando se anda no secundário, completamente diferente, chegamos ali e temos um mundo novo. Claramente que não poder espalhar, não poder ter uma noite em que em que, sei lá, vamos ver amigos, vamos vamos tomar um café é completamente diferente, é uma pessoa não conseguir espalhar as ideias não conseguir pensar noutra coisa e isso é fundamental para o rendimento de um de um estudante.

Entrevistador: Tens conhecimento de algum caso concreto em que a saúde mental do aluno tenha sido afetada pelos sucessivos confinamentos?

Entrevistado: É assim, eu acho que é difícil dizer com certeza porque sejamos honestos as pessoas ainda não falam muito sobre a saúde mental e se estão mal não vão dizer, aí estou mal porque isto porque aquilo, mas é assim falando com amigos e tudo sim, falamos muitas vezes que nos sentimos mais desmotivados mais mais deprimidos nesse sentido sim.

Entrevistador: Agora vamos passar para a parte da socialização. A socialização com os teus colegas sofreu alterações durante os confinamentos?

Entrevistado: Sim, imensas mesmo. Eu no primeiro semestre tinha um grupo, nós estamos juntos, sempre todos os dias, a toda a hora. Saíamos juntos à noite e sem dúvida que com o confinamento houve ali um afastamento, nós não falávamos tanto, não estávamos juntos com tanta frequência, estávamos juntos quando podíamos, o que era muito difícil principalmente no início, e sim acho que houve um decaimento das das relações com as pessoas.

Entrevistador: E como é vocês conversavam durante os confinamentos, por exemplo?

Entrevistado: *WhatsApp*, fazíamos videochamadas vez em quando, mas principalmente por mensagens e claro que não é a mesma coisa que o contato cara.

Entrevistador: E tendo a experiência do primeiro semestre de convivermos com os teus colegas numa época normal pré-covid quando regressaste a uma dita normalidade essa convivência, essa socialização sofreu alterações?

Entrevistado: Sim, acho que por muito normal que a normalidade seja agora, não é o normal que era antes, sem dúvida.

Entrevistador: A necessidade das máscaras em certos espaços têm influência na forma como tu conversas com os teus colegas, sentes isso?

Entrevistado: Não, não acho que seja propriamente o uso da máscara, eu acho que é todo um ambiente em que vivemos, porque não é propriamente usar a máscara que faz com que ele não vá falar da mesma forma com alguém, é mais a questão de muitas vezes, mesmo medo, porque as pessoas têm medo de sair à rua, têm medo de ir por um café à noite, porquê? Porque facilmente apanhámos o covid e não é a mesma coisa, não estamos tão descontráidos, e por muito que não queiram aquilo vai estar sempre na nossa cabeça.

Entrevistador: Agradeço-te imenso a colaboração. A entrevista terminou. Não sei se tens alguma dúvida?

Entrevistado: Não, não tenho dúvida nenhuma.

Entrevistador: Muito obrigada pela colaboração.

Anexo 5 - Entrevistado C - Entrevista a aluna do 3ºano da licenciatura em Química

Entrevistador: Bom dia.

Entrevistado: Bom dia.

Entrevistador: Não sei se tiveste oportunidade de ler o consentimento informado, e se percebeste que eu irei gravar a entrevista.

Entrevistado: Claro, claro.

Entrevistador: Tens alguma dúvida sobre aquilo que leste no consentimento, ou está tudo esclarecido.

Entrevistado: Não. Está tudo claro.

Entrevistador: Se tiveres alguma dúvida em qualquer questão que eu faça podes pedir para eu reformular a questão se não quiseres responder ou se quiseres deixar a entrevista pode deixar e se surgir alguma dúvida a meio é só perguntar. Está bom?

Entrevistado: Ok

Entrevistador: Ao longo dos últimos 2 anos consideras que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

Entrevistado: Sim.

(pausa)

Entrevistador: Em que níveis?

Entrevistado: Por exemplo, acho que dificultou assim uma barreira de transmissão de informação, porque nada assegura o bom funcionamento dos sistemas de ensino remoto a qualquer momento, principalmente o que é providenciado pela universidade, então meu deus e mesmo assim houve, acho que nós aprendemos melhor quando temos aquela barreira, por exemplo, eu nas aulas era a única com a câmara ligada e parece que não tanto os alunos como os professores isso impacta muito a experiência das aulas online e sim houve uma diferença exponencial as notas até até se verificam nas notas que houve uma enorme discrepância.

Entrevistador: Mas essa discrepância aumentou as notas ou diminuiu as notas?

Entrevistado: Diminuiu as notas.

Entrevistador: Mas tu achas que, por exemplo, foi só a aprendizagem em aula ou o facto de, por exemplo, tu não conseguir aceder a uma biblioteca, de forma presencial, onde vais buscar informação não afetou a aprendizagem, não houve uma dificuldade de acesso a essa informação?

Entrevistado: Acho que não, porque na Internet com os conheci outros 2 é muito difícil de não aceder a informações, foi só mesmo no sentido das aulas em si. Agora o acesso à informação não, porque estávamos acho que melhor época do que esta para se ter a informação online não há melhor.

Entrevistador: E tu achas que nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade devido aos constrangimentos da pandemia?

Entrevistado: Sim.

(pausa)

Entrevistador: Em que aspetos é que achas que ele perdeu qualidade em interação com o docente? A qualidade na transmissão dessa informação? Em que aspeto é que tu achas que o ensino perdeu qualidade?

Entrevistado: Os que acabaste de dizer foram afetados, sem dúvida. E por exemplo, eu tenho um curso que até tenho cadeiras práticas e como é que é suposto nós fazemos cadeiras práticas à distância?! Então acho que afetou bastante, principalmente cursos com componentes práticas.

Entrevistador: Então avançamos um bocadinho e respondes-me já como é que é aprendeste os ensinamentos mais práticos do que do teu curso durante os últimos 2 anos letivos?

Entrevistado: Posso explicar mesmo como é que aconteceu?

Entrevistador: Podes

Entrevistado: Por exemplo, os professores mandavam dados obtidos por alunos nos anos anteriores e nós temos que fazer o tratamento resultados.

Entrevistador: Vocês não não não chegavam a recolher aqueles dados? Os dados já vos eram dados?

Entrevistado: Não. Não porque só poderiam ser obtidos em laboratório então tínhamos que trabalhar com coisas obtidas, não falámos nem muito bem das técnicas para obter nem no aspeto teórico de como obter aqueles resultados em laboratório foi só mesmo tratamento resultados e discussão de resultados.

Entrevistador: No fundo vocês perderam uma parte uma parte fulcral do curso?

Entrevistado: Sim

Entrevistador: Isso é recuperado, por exemplo, neste ano ou achas que já não é recuperado?

Entrevistado: Olhe, por exemplo, eu eu como isto me aconteceu no segundo ano eu só senti mesmo a diferença na na adquirir aquele conhecimento prático de algumas técnicas, mas, por exemplo, a malta do primeiro ano, eles estão complicados em laboratório este ano, nota-se que eles não têm aquele tanto à vontade porque logo no primeiro ano, em contato com a universidade que não tiveram essa vivência digamos, nota-se bastante o falta de nível de confiança e de conhecimentos também.

Entrevistador: E no meu ponto de vista as medidas tomadas pela Universidade do Minho no combate às desigualdades de acesso às aulas online diz respeito foi adequado?

Entrevistado: Não. Posso desenvolver?

Entrevistador: Sim. Claro. Podes desenvolver todas as questões.

Entrevistado: Principalmente porque (assume uma função dentro da turma) eu tinha algumas colegas que não tinham acesso à Internet nem ao computador, por exemplo. Ahh... e aquela plataforma que eles tiveram para emprestar computadores, aquele tinha um prazo muito estrito de candidaturas então não, eles não, pouco ajudaram, na minha opinião.

Entrevistador: E, por exemplo, essas tuas colegas que não tinham acesso ao computador nem a Internet elas conseguiram ter computador ou não? Elas acederam ao computador, acederam à Internet?

Entrevistado: Foram prejudicadas, mas elas tentaram fora ou por outras vias arranjar computador, por exemplo, uma delas veio para a residência em vez de estar na cidade dela, quando podia estar perfeitamente em casa.

Entrevistador: Então o apoio da universidade não ajudou? O que ajudou foram outros meios que elas trataram para solucionar o problema?

Entrevistado: Sim. Exatamente.

Entrevistador: Como é que tu te adaptaste aos meios/métodos do ensino à distância?

Entrevistado: Eu eu adaptei-me bem, mas acho que tive assim, acho que todos no fundo saímos um pouco prejudicados que é muito difícil estar atento estas horas todas e porque eu tentei ao máximo também fazer com que os professores não se sentissem sozinhos eu ligava sempre acaba era a única e honestamente não não me importava nada, mas fui fui desculpa repetir a pergunta que eu já esqueci qual é que era.

Entrevistador: Como é que foi a adaptação aos meios/métodos de ensino à distância?

Entrevistado: Sim. Mas no no sentido adaptei me bem, porque eu tentei, tentei que não fosse houvesse esta distância entre entre nós e os professores, as pessoas por estarem online às vezes não punham as dúvidas, tinham receio de falar e acho que quando se uma pessoa ultrapassar essa barreira que tenta-se minimizar as discrepâncias, então creio que fui um pouco prejudicada, mas não assim tanto porque tentei que isso não acontecesse, fiz um esforço da minha parte.

Entrevistador: Por exemplo, em termos de avaliação tu como é que foi a adaptação à avaliação via online, via meios Internet?

Entrevistado: Então, tive bastantes métodos de avaliação e acho que nunca tive notas tão baixas na universidade. Foi bastante mau porque, por exemplo, a universidade tem ferramentas para garantir que não há “copiamssos” basicamente. Ok, nós usamos esses softwares para isso ser assegurado, nós estamos com a câmara ligada nos testes, microfones e isso tudo e os professores apesar de estarem a implementar essas ferramentas dadas pela universidade, eles prejudicaram no sentido de um teste que normalmente era para 2 blocos de 1 hora, por exemplo, em 60 minutos, como é que é suposto nós fazermos um teste enorme em 60 minutos?! Então nesse sentido fomos prejudicados, sim. Porque eles também, eles não se adaptaram muito bem ao regime de avaliação online acho eu, não é só os alunos, mas também houve uma falta de compreensão da parte deles. Não houve adaptação da parte deles literalmente.

Entrevistador: E tu achas que essa adaptação aos meios de ensino, aos métodos de avaliação foram mais complicados no primeiro ou no segundo confinamento?

Entrevistado: No primeiro. No primeiro.

Entrevistador: Por causa da novidade?

Entrevistado: Exato. Sim, sim. Então principalmente para os professores que normalmente são assim pessoas já com mais idade e que às vezes têm dificuldades em adaptar-se, mas no segundo confinamento já foi mais suave a transição.

Entrevistador: Ok, e tu pensaste abandonar os estudos durante a pandemia?

(Problema de rede)

Entrevistado: Desculpa podes repetir outra vez que eu não percebi.

Entrevistador: Pensaste em abandonar os estudos durante a pandemia?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: E consideramos que esta situação pandémica levou mais alunos a abandonar os estudos?

Entrevistado: Acho que não. Acho que não porque até, acho que tivemos até a situação um pouco facilitada, por exemplo, há pessoas que moram longe e tiraram proveito, acho que têm mais tempo para estudar e para estarem em casa isso tudo, não perder a tempo em transporte então acho que não, acho não.

Entrevistador: Tu achas que, por exemplo, as condições económicas de certas pessoas como situações de *lay-off*, situações de de negócios fechados não fez com que estas pessoas pensassem em desistir?

Entrevistado: Não. Na minha turma não.

Entrevistador: Ok. Consideras que numa perspetiva geral houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?

Entrevistado: Podes desenvolver um pouco do que tu defines como desigualdades sociais? Desigualdades sociais certo?

Entrevistador: Sim. Numa forma muito simplista e rápida as desigualdades sociais são diferenças constantes de acesso a bens, a recursos e a oportunidades, essas diferenças podem ser entre pessoas ou entre grupos sociais. Essas diferenças ocorrem independentemente das capacidades e desempenhos individuais. Essas desigualdades podem ser diferentes tipos, por exemplo económico, social...

Entrevistado: Ok. Então acho que sim. Diria que sim. Diria que sim, ok.

Entrevistador: Em que aspetos é que achas que essa desigualdade se verificou mais?

Entrevistado: Não tanto as económicas, mais as sociais.

Entrevistador: Na tua turma achas que as pessoas que têm bolsa, não sei se tens noção disto estou a pergunta pelo cargo que ocupas. Tu achas que as pessoas que têm bolsa foram auxiliadas com perda de rendimento, quando tiveram perda de rendimento ou a bolsa manteve-se igual?

Entrevistado: A bolsa manteve-se igual, acho que creio que não houve qualquer alteração.

Entrevistador: Na tua perspetiva quais os impactos sociais e económicos que a pandemia de SARS-CoV-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho?

Entrevistado: Dificuldades de acesso?

Entrevistador: Impactos sociais económicos que a pandemia SARS-CoV-2 originou no acesso à educação dos alunos? Acesso não é não preciso de ser através do computador e tu acederes à educação, ou seja, acederes a meios de informação acederes à aprendizagem isso são dificuldades de acesso e os impactos sociais e económicos, por exemplo, pessoas mais desfavorecidas podem ter mais dificuldade, pessoas com menos rendimentos podem ter mais dificuldade.

Entrevistado: Então, acho que já sei quem responde a esta pergunta. A plataforma, as plataformas da universidade não estão preparadas, não estão desenvolvidas para terem um grande os alunos a aceder, por exemplo, ao mesmo tempo à *Blackboard*, por exemplo. Então nesse sentido isso dificultou, agora em outros parâmetros não sei muito bem falar, mas mas diria que as ferramentas que a Universidade proporciona dificultaram bastante a transição porque não são as melhores, sendo honesta.

Entrevistador: Elas têm muitas falhas, no teu ponto de vista? As aulas não conseguem ser dadas de forma contínua sem haver uma quebra?

Entrevistado: Exato a não ser que os professores recorrem a ferramentas, por exemplo o *Zoom*, mas que não é providenciado pela universidade, então.

Entrevistador: O Zoom tu sentes que também tinha quebras?

Entrevistado: Não. Não, têm tanto como a *Blackboard*, numa aula com 140 pessoas, é desafiante.

Entrevistador: E por exemplo, aquilo que aconteceu, não sei se estás a pare, por exemplo, os alunos poderem, os alunos do 12º ano poderem escolher qual é que é o exame nacional querem fazer. Achas que isso facilitou o acesso deles à Universidade?

Entrevistado: Sim. Sim acho, acho bastante.

Entrevistador: E achas que as pessoas que são mais favorecidas economicamente tiveram vantagem nessa escolha do que as pessoas que são mais desfavorecidas economicamente?

Entrevistador: Sim. Claro que sim, porque, por exemplo, em vez de estarem a ter explicações só para, por exemplo, física química e biologia tinham só para o uma e maximizar o rendimento para uma disciplina só, então acho que sim.

Entrevistador: Sentes que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e pela falta de convivência com os colegas do curso?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Mas em que aspetos? Achas que originou isso foi a falta de convivência estar fechado em casa ou foram outros fatores, ou este e mais alguns?

Entrevistado: A falta de convivência e outros fatores também que talvez não sejam assim tão relacionados com a Universidade, mas a falta de interação claro que também agravou.

Entrevistador: Quais é que são outros fatores, por exemplo, podes-me dar alguns exemplo?

Entrevistado: Durante o isolamento por exemplo?

Entrevistador: Sim, por exemplo.

(pausa)

Entrevistado: Por exemplo, as pessoas não tinham assim como as pessoas estavam sempre fechadas em casa não não tinham, por exemplo, nada conversar então as pessoas ficaram a tipo “à ok” vamos, provavelmente houve assim um maior afastamento durante assim grupos de alunos que se davam bem, por exemplo, e que talvez houve assim um afastamento e, por exemplo, pessoas que já tivessem problemas assim de saúde mental antes mais relacionados com, por exemplo, interação social pessoas que queiram assim mais introvertidas e piorou bastante.

Entrevistador: E tu conheces algum caso concreto, não tens que referir nomes nem nada do género, mas conhece algum caso concreto onde houve um agravamento da saúde mental em algum aluno universitário que foi afetada pelos sucessivos confinamentos?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Essa pessoa no regresso ou mesmo durante o confinamento ela teve dificuldades na aprendizagem teve dificuldades na interação com o outro?

Entrevistado: Sim teve. E ela, a pessoa em questão já tinha problemas de saúde mental antes e ficaram bastante mais agravados do estar quase a entrar numa depressão, então sim.

Entrevistador: E isso afecta, no teu ponto de vista, o rendimento escolar?

Entrevistado: Sim. Afeta bastante sim a pessoa em questão.

Entrevistador: E a socialização com os teus colegas foram alterações durante os confinamentos? Como conversavam, por exemplo?

Entrevistado: Podes repetir por favor? Desculpa, não percebi.

Entrevistador: Tudo bem. A socialização com os teus colegas sofreu alterações durante os confinamentos como conversávamos por exemplo?

Entrevistado: Sim. Continuamos a conversar na mesma, mas era assim diferente, por exemplo, eu sou trabalhador estudante e o meu grupo de amigos também é mais meritoriamente trabalhadores estudantes e aquela incompatibilidade de horários, por exemplo, a minha uma das minhas grandes amigas ela aproveitou o isolamento para trabalhar mais horas, ou seja, não tínhamos assim tantas oportunidades porque quando somos obrigadas a estar na mesma sala de aulas e a socializar uma com outra então sim, diria que sim. Respondi acho que respondi, não sei.

Entrevistador: Diz-me só uma coisa, agora pegando noutra aspeto. Como trabalhador-estudante e conhecendo mais realidades de trabalhadores estudantes, achas que eu não sei se, por exemplo, no teu caso e dos teu grupo, vocês perderam o trabalho durante confinamentos?

Entrevistado: Não. Não perdemos

Entrevistador: Mas tu sentes que, por exemplo, vocês tiveram que fazer um esforço extra para conseguirem pagar as propinas?

Entrevistado: Não, as pessoas que eu tenho contato e eu própria não sentimos isso.

Entrevistador: Ok. E, por exemplo, o facto de as aulas serem online facilitou com que tu tenhas menos despesas deslocar para a universidade?

Entrevistado: Sim. Ajudou bastante sim. Até mesmo refeições da universidade isso tudo foi nesse sentido foi positivo no de poupar dinheiro.

Entrevistador: Então vocês acabam, como vocês não tiveram uma perda de rendimento do vosso trabalho acabaram por poupar dinheiro porque não havia a deslocação à universidade?

Entrevistado: Sim. Exatamente.

Entrevistador: E no regresso à normalidade como é que foi socializar com os seus colegas? Sofreu alterações pré pandémicas?

Entrevistado: Eu sinto que o ensino à distância inculuiu muito *mean seet* de cada um por si e isso nota-se bastante nas aulas agora, há muito pouco, por exemplo, a minha turma pouco conversa, pouco a pouco coopera com os outros e se diria que a situação assim de interação entre uns com os outros, mas na minha turma piorou como a pandemia já era antes, agora é pior ainda.

Entrevistador: E com o teu grupo de amigos da faculdade?

Entrevistado: Não piorou, mas por exemplo, não tem nada a ver com a pandemia, nós estamos em ramos diferentes do curso e, por exemplo, uma das das colegas também reprovou e ficou para trás então houve assim um pequeno desfasamento de comunicação, mas não, acho que não tem nada a ver com uma pandemia só mesmo coisas da universidade.

Entrevistador: O facto de usares máscara de ter que manter o distanciamento em certas circunstâncias não faz com que propicia esse afastamento?

Entrevistado: Máscara não, mas talvez o quanto tínhamos aquele espaço entre os outros nas aulas talvez, mas mesmo assim quando preciso haver conversa havia.

Entrevistador: Foram outras situações que não a pandemia que originou essas diferenças?

Entrevistado: Sim, diria que sim.

Entrevistador: Mas aquela ideia de cada um por si vem da pandemia?

Entrevistado: Sim. Sim.

Entrevistador: Acabamos queria muito agradecer a tua disponibilidade. A entrevista terminou. Não sei se tens alguma dúvida?

Entrevistado: Não, não tenho dúvida nenhuma.

Entrevistador: Muito obrigada pela rapidez a responder e pela disponibilidade.

Anexo 6 - Entrevistada D - Entrevista a aluna do mestrado em Educação Básica

Entrevistador: Ao longo dos últimos 2 anos letivos consideras que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

Entrevistado: Sim, porque ninguém estava preparado para isto, não é?! E muitos menos nós, que era os professores tinham que se adaptar, mas principalmente nós é que somos avaliados, portanto acho que nos prejudicou muito, por exemplo, eu noto que eu tinha mais distrações, por exemplo, estar em casa, estás no teu ambiente e tens mais distrações enquanto que quando estás numa aula só tens ali os materiais e estais mais focado e pronto para mim, no meu caso acho que foi isso que prejudicou mais porque tens mais distrações.

Entrevistador: Tu acabaste a licenciatura numa altura pré pandémica. Tu achas que o ensino perdeu qualidade devido à pandemia?

Entrevistado: É assim eu acho pelo menos no meu caso, as professoras tiveram muito bem e conseguiram adaptar-se e só que lá está estás mais distante e, por exemplo, enquanto que se tu tiveres nas aulas presenciais podes ir ter com a professora e fá-las assim estás dependente de uma resposta por e-mail e nem sempre é tão fácil. Mesmo para as professoras com muitos alunos e responder a tudo não é tão fácil como se for, por exemplo, presencialmente. Portanto apesar de que a nível de ensino, matéria e tudo mais, eles conseguiram adaptar-se bem e fazer-nos chegar tudo e mesmo materiais para o nosso estudarmos, mas em termos, por exemplo, a relação aluno professor acho que se prejudicou um bocadinho.

Entrevistador: A universidade tomou algumas medidas para tentar combater as desigualdades de acesso a educação originadas pelo covid, uma delas foi, por exemplo, facultar computadores a alunos que não tivessem, entre outras medidas que foram tomadas. Tu achas que as medidas tomadas pela universidade foram as adequadas?

Entrevistado: É assim, eu acho que sim, no sentido em que dar materiais a todos para nós termos menos contato com uns com os outros sim, mas, por exemplo, quando havia aulas ainda presenciais e uma das medidas era, por exemplo, a janela e as portas estarem abertas em pleno inverno, por exemplo, acho que essa foi uma das medidas que não, tudo bem que nós compreendemos porque tem que estar a arejar e tudo mais, mas tipo imagina queriam tentar resolver mas não mas davam condições, por exemplo, querem retirar uma coisa mas

tinham que dar outra, ou seja, abrir as janelas mas tinhas que ter condições para não estares ali ao frio. Essa medida que tu referiste de dar materiais a todos para ter menos contato, tudo bem e mesmo aquela medida de entras por um lado e saís por outro para não ter contato uns com os outros, sim, mas uma que eu reparei mesmo que não estava não muito correta era mesmo essa, toda a gente se queixou do mesmo.

Entrevistador: Mas tu achas que as pessoas que têm mais dificuldade de rendimento, onde estar no ensino superior é um esforço muito grande, achas que essas pessoas saíram mais prejudicadas do que a do que aqueles alunos com mais capacidades económicas?

Entrevistado: Sim. Acho que sim, porque mesmo que emprestem computadores e esses meios tecnológicos nem toda a gente tem Internet, mesmo que tenhas um computador e não tenhas uma boa Internet, ou não tenhas mesmo Internet, têm que se deslocar à biblioteca ou a casa de alguém é uma adaptação, um esforço ainda maior por isso sem dúvida que sim, saíram mais prejudicadas.

Entrevistador: E como é que foi a tua adaptação aos meios/métodos de ensino à distância?

Entrevistado: É assim, foi um bocadinho difícil. Porque eu a nível de concentração tenho muitas dificuldades e foi como eu referi há um bocado, tu em casa tens mais distrações e para mim é mais fácil tu teres o contato com o professor estares ali numa sala de aula do que em casa só, porque nós tínhamos a aula e depois tínhamos mais estudo sozinho, não é?! Não tens tanto acompanhamento, e eu para mim nesse sentido foi mais difícil acompanhar porque tu sentes-te mais desamparada por assim dizer.

Entrevistador: Tu ainda apanhaste o primeiro confinamento ou só apanhaste o segundo no mestrado?

Entrevistado: Apanhei o primeiro.

Entrevistador: Houve para ti uma maior dificuldade de adaptação no primeiro ou no segundo confinamento?

Entrevistado: No primeiro. No primeiro, porque foi tudo novidade e então claro pronto a pessoa sente um bocadinho perdida, no segundo já estás mais ambientado.

Entrevistador: Achas que o segundo confinamento foi mais fácil porque já estavas adaptada ou achas que os professores já estavam mais preparados para adequar a maneira de lecionar ao ensino online?

Entrevistado: Sim. Sim. Sim, porque nós também já tínhamos dado a nossa perspetiva do que é que correu bem e o que é que correu mal e eles também puderam melhorar isso para a segunda vez.

Entrevistador: E como é que tu aprendeste os ensinamentos mais práticos do teu curso durante os últimos 2 anos letivos e muito particularmente durante os 2 confinamentos? Tu és estudante do mestrado de educação básica calculo que haja uma parte mais prática, por mais não seja, pelos estágios que vocês realizam e deve haver cadeiras um pouco mais práticas, isso talvez seja um pouco mais difícil de se fazer durante os confinamentos. Como é que essas questões foram tratadas durante os confinamentos?

Entrevistado: É assim, por acaso em relação aos estágios eu sempre tive sorte porque mesmo com o covid, claro que tens mais restrições, mas os estágios não estiveram ligados ao confinamento, portanto eu tive os estágios na mesma, mas, por exemplo, aquelas cadeiras mais práticas como as didáticas, por exemplo educação visual, educação física resumiu-se tudo a trabalhos, ou seja, podia ser muito mais vantajoso e aprenderíamos mais e assim não foi possível, porque os professores também não podiam fazer milagres e resumia-se tudo a trabalhos escritos e pronto, isso não se aprende muito porque vais tirar da Internet e resumir. Não aprende tanto como se estivesses na universidade mesma fazer os exercícios, e aprender. Porque no fundo no meu curso eu vou aprender a ser professora, ou vou aprender a ser educadora e com isto nós estávamos em casa só a fazer trabalhos percebes?! Não treinavas muito.

Entrevistador: Achas que um dia essa parte mais prática pode ser afetada e tu terás que aprender novamente, ou tentar por ti própria aprender, ou pelo facto dos estágios não terem sido afetados, essa falta que sentiste durante as aulas acabou por ser compensada com um estágio e conseguiste aprender aquilo que se calhar não foi possível pôr em prática durante as aulas conseguiste aplicá-lo no estágio?

Entrevistado: É assim apesar de termos os estágios na mesma, vamos sentir na mesma dificuldade de certeza daqui para a frente, porque os estágios são coisas diferentes, por

exemplo, eu no estágio não exerci nada relativamente, por exemplo, a educação física, ou seja, por exemplo, aí eu vou sentir de certeza dificuldades, porque nós simplesmente fizemos um trabalho escrito e quando for se calhar exercer nessa parte vou sentir mais dificuldade, e mesmo na educação visual nós não tivemos contato com materiais, com obras de arte, nada, foi só um trabalho e mesmo tendo os estágios, nós no estágio fazemos atividades inventadas por nós portanto, claro que é sempre uma aprendizagem, mas fica na mesma.

Entrevistador: E tu pensaste em abandonar os estudos durante a pandemia?

Entrevistado: É assim, desistir, desistir nunca pensei, mas claro que uma pessoa fica mais desmotivada isso passa pela cabeça, apesar de que depois podíamos nunca o fazer, desistir totalmente, mas passa pela cabeça, sem dúvida.

Entrevistador: Achas que a pandemia fez com que mais alunos pensassem em desistir da universidade?

Entrevistado: Sim, porque a andar na universidade tem muito que se lhe diga e é mais difícil do que muitos pensam, e por vezes nós não temos muito com quem desabafar e sentimo-nos muito sozinhos e e já é difícil com tanta coisa para estudar, tanta coisa para fazer e muitos também trabalham enquanto estudam e já é complicado, então numa altura de confinamento que as pessoas estavam mais tristes, mais abaladas, sim penso que sim.

Entrevistador: Numa perspetiva geral tu achas que houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?

Entrevistado: Desculpa, podes repetir. (Senhor da mesa do lado falou mais alto durante a pergunta)

Entrevistador: Posso claro. Considera que numa perspetiva geral houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?

Entrevistado: Sim, porque no ensino superior nem toda a gente consegue ter essa sorte, mesmo que, nem toda a gente consegue ter acesso à bolsa, por exemplo, nem ter o acesso ao ensino superior, quer seja com a bolsa, quer não. E com a pandemia, há muitas pessoas que ficam sem trabalho, ou estou em casa e recebem menos, portanto isso não é prioridade para toda a gente e mesmo que seja, vai ter que ser posta um bocadinho de lado face às outras

dificuldades, como manter uma casa, manter tudo no fundo, e isso fica um bocado de parte, portanto sim, aumentou as dificuldades para quem já as tinha.

Entrevistador: Nesses casos que referiste a pessoa já estavam na universidade e tu achas que as pessoas que pretendiam ingressar no ensino superior podem ter desistido por causa da pandemia e as consequências que com ela advém?

Entrevistado: Sim, de certeza que sim, porque todos os meses pagámos propinas e depois também para nos deslocarmos para a universidade também pagámos transporte, fora os materiais que necessitemos, é muita despesa, e mesmo para quem já lá está se depois as dificuldades aumentam em termos financeiros, acredito que sim, porque são despesas a mais que se calhar se tu tiveres que ponderar entre comer e estudar, obviamente que vais optar por comer, por isso sim.

Entrevistador: Na tua perspetiva quais os impactos sociais e económicos que a pandemia de SARS-CoV-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho?

Entrevistado: Em que aspetos?

Entrevistador: Quais os impactos sociais económicos que a pandemia originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior? Impactos sociais e económicos.

Entrevistado: É assim, por exemplo, como já foi referido anteriormente, por exemplo. impactos sociais eu acho que (pausa) mesmo as pessoas que a nível da sociedade, não convives com ninguém por medo, mesmo que não estejas em quarentena tu tens medo, então fazes só o essencial, vais às compras, vais, vais à escola ou vais ao trabalho, o que for preciso e voltas para casa. Não tens aquele contato, que acho que também vai aumentar mais o stress, mais as depressões, por que uma pessoa está sempre fechada em casa e não tenho contato com ninguém, e a nível económico como já foi referendo, uma pessoa já tem tanta despesa ao nível da vida do quotidiano, que mais a universidade que é muita despesa, e se não tiverem apoios da bolsa mas mesmo que tenham bolsa for pouco, porque não há um valor fixo pode ser mais ou menos dependendo do rendimento das pessoas, e nem sempre é justo, e portanto sim, acho que é muita dificuldade mesmo a nível económico e prejudica a entrada no ensino superior, ou mesmo para quem lá esteja dificulta muito o manter lá.

Entrevistador: Sentes que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e pela falta de convivência com os colegas?

Entrevistado: Sim. Sim, muito, porque mesmo para quem, acho que para toda a gente, mas para quem é de conviver com as pessoas e precisa disso, estudar já exige muito de nós, muita concentração, muito esforço, muita dedicação e tu não poderes sair um bocadinho disso e estar com as pessoas, e conviver, e relaxar um bocadinho, isso afeta muito as pessoas, e mesmo aqueles fatores todos que já referi do de passarem mais dificuldades, não poderem estar com as pessoas, de estarem sempre fechadas em casa, sim, e mesmo que já tinha problemas antes, de repente está fechada em casa, ainda agrava mais, por isso sem dúvida que sim.

Entrevistador: Tu tens conhecimento de algum caso em que a saúde mental de um aluno universitário foi afetada pelos sucessivos confinamentos?

Entrevistado: Não. Não tenho conhecimento de nenhum caso.

Entrevistador: A socialização com os teus colegas sofreu alterações durante os confinamentos?

Entrevistado: Sim. Nós deixámos de ter aulas, portanto deixámos de estar juntos, mesmo os trabalhos nós fazíamos online, por isso foi um corte completamente.

Entrevistador: Como é que vocês conversavam?

Entrevistado: Era via Zoom.

Entrevistador: E no regresso a normalidade sentes que a socialização pré-pandemia e durante a pandemia sofreu alterações?

Entrevistado: Sim, porque em primeiro é uma adaptação, não é?! As pessoas estão com medo, com receio, nem sabem se devem ou se ainda se tem de resguardar, e porque também se os políticos não nos passam essa segurança nós vamos ter ainda mais medo, e não sabemos o que fazer. Por isso, não estamos em confinamento, mas colocamo-nos na mesma em confinamento porque temos receio. E depois desse período de adaptação, durante a pandemia as coisas vão melhorando, e vais tendo contato com as pessoas, mas mesmo estando de máscara até estando com o teu núcleo mais próximo tu tens receio de tirar a

máscara, há muitas pessoas que não têm sintomas, podemos estar contaminados sem saber, portanto, acho que é dominado pelo medo. pelo receio.

Entrevistador: Acabámos a entrevista não sei se tens alguma dúvida se tens alguma questão a colocar?

Entrevistado: Não, tudo esclarecido. Não tenho nenhuma questão.

Entrevistador: Queria muito agradecer pelo facto de ter aceitado colaborar e fazê-lo de forma presencial, que tem sido muito difícil acontecer e as pessoas aceitarem estar presencialmente para realizar a entrevista. Agradeço-te imenso por isso.

Anexo 7 - Entrevistado E - Entrevista a aluno do mestrado em Relações Internacionais

Entrevistador: Boa tarde.

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistador: Tiveste alguma dúvida sobre o termo de consentimento?

Entrevistado: Não. Pareceu-me tudo ok.

Entrevistador: Ok. Qualquer dúvida que tenhas, qualquer resposta que não queiras responder é só dizeres.

Entrevistado: Ok

Entrevistador: Como já tínhamos falado, como tu não fizeste a licenciatura na Universidade do Minho eu retirei uma pergunta que abordava as medidas tomadas pela Universidade do Minho no que ao combate às desigualdades de acesso às aulas diz respeito. Quando quiseres podemos começar.

Entrevistado: Ok. Por mim podemos começar.

Entrevistador: Ao longo dos últimos 2 anos considera que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

(pausa)

Entrevistado: Ahh... acho que em termos mais simples sim, ahh, mas, não acho, no meu caso específico, ahh, foi durante a licenciatura que tenham sido prejudicadas ao ponto que (pausa) a qualidade fosse terrível, ou seja, comparado ao que seria, ao que eu sei que seria a qualidade normal das aulas. Ahh... Mas, pronto, eu também tive a sorte de (pausa) enquanto estive nos confinamentos não tive problemas de internet onde estava, eu voltei para casa e não tinha problemas de internet, tinha os equipamentos, tinha tudo o que precisava era um curso teórico também, para contextualizar era na área de relações internacionais também, portanto não havia, por exemplo, (palavra incompreensível de perceber no áudio minuto 2:32), não havia equipamentos que para além do computador que basicamente eu precisasse e não tinha. Ahh portanto acho que nesse aspeto mais técnico, não houve grandes problemas que se tornassem completamente impossíveis de assistir como impossíveis de seguir as aulas. Em termos sociais, acho que, nem estou a falar obviamente sociais fora das aulas, em termos

sociais das aulas ahh em si sim, já foi afetado, ahh, a participação era bastante mais difícil, houve casos que aí obviamente sim, especialmente quando eram muitas pessoas nas aulas, especialmente quando eram cadeiras de 80 pessoas, pronto era basicamente chegar lá e estar a ouvir. Quando eram cadeiras de 10 pessoas que tive algumas, ahh, já permitia uma maior participação e uma maior troca de ideias que deu para manter, ahh, mas de forma geral sim houve um impacto negativo, mas acho que tendo em conta as situações, foi uma situação bem gerida, pelo menos na Universidade do Porto, na minha faculdade. Ahh... pronto ao nível mundial as empresas e tudo mais também tiveram de se adaptar a esta situação, mas pronto é a minha resposta.

Entrevistador: Sendo um curso teórico tu sentiste dificuldade em aceder a informação extra-aula? Por exemplo, ir a uma biblioteca tornou-se impossível, por elas estavam fechadas, apesar de disponibilizarem alguns meios para poderes aceder à informação, tu achas que o acesso à informação através do online limitou o conhecimento que poderias vir a adquirir se estivesses na universidade de forma presencial e acedesses à informação também de forma presencial? Fiz-me entender?

Entrevistado: Sim. Ahh... No meu caso particular, isto aqui é um bocado triste, mas eu passei talvez no total dos meus três anos da licenciatura umas 3 horas na biblioteca, portanto, as pessoas no meu curso, pelo menos eu, fiz o meu curso e fi-lo bem, passei as cadeiras e tive bons resultados e não precisei de ir para a biblioteca. Ahh... Portanto acho que nesse sentido, nesse aspeto não impactou tanto, mas sei de colegas meus, especialmente ao nível do mestrado, que já estavam no nível do mestrado, realmente estavam a fazer as dissertações e estavam a fazer outro tipo de projetos e aliás eu estava na Faculdade de Letras na Universidade do Porto, portanto tive colegas de Sociologia e colegas de História e Filosofia e tudo mais e estou a lembrar-me, por exemplo, da História que tem um acesso a um artigo físico, uma necessidade maior disso, sim houve alguma penalização, especialmente quando era ilegal andar na rua, não é. Ahh... Era especialmente difícil a deslocação à Faculdade. Agora no meu caso pessoal acho que também por uma questão de a minha licenciatura era basicamente à base de testes, não tínhamos grandes trabalhos de investigação, por acaso, tivemos acho que todos os trabalhos de pesquisa a sério exatamente durante o primeiro confinamento. Ahh... Portanto foi interessante, mas deu para aceder a recursos digitais e a

todas as plataformas que conhecemos não é, e que as universidades têm acesso, sem precisar de ir à biblioteca.

Entrevistador: Achas que nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade devido aos constrangimentos da pandemia?

Entrevistado: Ahh... Honestamente acho que depois de voltarmos a estar no presencial que, em termos plenos, para mim foi este ano, foi quando entrei na Universidade do Minho na Escola de Economia e Gestão, acho que a qualidade das aulas está igual ao que estava antes das restrições, antes da pandemia, a única questão é as máscaras e ahh... acho que não, na minha opinião pessoal não causam assim tanto transtorno, alguns professores por exemplo, como já estamos numa situação melhor, ahh... ao longo, alguns deles tem que estar a falar durante duas horas e meia pedem-nos para tirar a máscara, ficam mais longe possível de nós, vão-se afastando e dão a aula sem a máscara e funciona bem. Portanto, acho que atualmente está igual ao que estava no quesito da qualidade presencial, ao que estava antes da pandemia começar. Durante o confinamento, pronto, mesmo quando houve aulas presenciais, eu penso que aqui em Braga não foi igual no primeiro semestre de 2020 e de 2021. Pronto nós por exemplo, na faculdade de Letras especificamente inventaram um sistema que era, basicamente tipo dividiram a faculdade em dois, pessoas acho que era até ao J ou H, alguma coisa assim, eram o turno um e os outros eram o turno dois e numa semana ia o turno um e noutra semana ia o turno dois e quem estava em casa, basicamente o professor metia o portátil à sua frente ligava a câmara e estava lá a dar a aula. Pronto aí a qualidade não era muito boa e as pessoas não podiam ir oficialmente, havia alguns que o faziam obviamente, era algo que os professores não ligavam na minha opinião bem, ahh... não podiam ir à faculdade e houve muitas pessoas que também que simplesmente deixaram de ir à faculdade e viam as aulas todas online, porque foi um bocado inércia se calhar, só ficar em casa na cama o dia todo a ver as aulas por um computador. Ahh... mas acho que atualmente está, pronto é a minha perceção, mas acho que já estamos ao nível das coisas mais importantes, já estamos bem, obviamente que ainda á restrições e deve manter-se pelo menos por agora, mas acho que estamos num nível geral na Universidade não sinto qualquer constrangimento e o único que há, que eu vejo são suas máscaras.

Entrevistador: E como é que foi a tua adaptação aos meios/métodos de ensino à distância?

Entrevistado: Ahh... Ocorreram bem, e nós no primeiro confinamento, mas não deve ter sido generalizado não tinha propriamente aulas online durante as duas primeiras semanas, não tive a exceção de uma ou duas cadeiras, ahh... portanto era basicamente eles mandavam-nos pdf's para lermos ou exercícios para fazermos... ahh... e pronto depois começamos a ter aulas online, por alguma razão numa espécie de horário adaptado, basicamente havia aulas normais por síncronas e aulas assíncronas e... opá... também era, as minhas condições em casa eram boas e os meus pais também, os meus pais são professores então pronto para tentar contextualizar, eu estava em casa a fazer a mesma coisa só pelo lado oposto, ahh... portanto estávamos todos já entrar nessa rotina de ter aulas online, acho que me adaptei bem basicamente. Penso que eu e a maioria dos meus colegas tinham o privilégio, que é o que foi, o privilégio de ter uma boa ligação à Internet e um computador que funcionasse bem, ahh... que era o necessário para o básico que muitas pessoas não tinham e de certeza que se entrevistares uma dessas pessoas vais ter respostas completamente diferentes. Mas do meu lado acho que houve uma boa adaptação, ao início ainda havia alguma dúvida sobre as plataformas, por exemplo, havia professores que preferiam Skype, havia professores preferiam outras coisas assim mais estranhas, sei lá, outras plataformas estranhas que eu nunca ouvi falar, depois o Zoom começou a ser a plataforma oficial, não apenas da UP (Universidade do Porto), mas imagina acho que todas as universidades, portanto é uma plataforma que funciona bem, na minha opinião, e permitiu ahh..., uma boa adaptação. Eu também já tenho alguma, por causa da participação em projetos, em grupos já fazíamos reuniões online, portanto não foi assim um choque tão grande entrar para os meios online totalmente, portanto já havia alguma adaptação da minha parte, portanto acho que não foi assim um choque tão grande.

Entrevistador: Mas se a dificuldade de adaptação tivesse ocorrido acreditas que tivesse acontecido mais no primeiro confinamento no segundo? Ou seja, no segundo já estavas completamente adaptado a todos os meios e a forma como se passou a ensinar online?

Entrevistado: Sim, sim. Eu e toda a gente. Todas as pessoas que eu conheço, da minha turma, já estavam bem, alguns professores ainda tinham, como é que eu hei de dizer, chamar teimosia um bocado às vezes, por exemplo, com a questão das câmaras e tudo mais e não ligar, mas acho que no geral, tipo o primeiro confinamento exige alguma adaptação, mas foram umas semanas, nem sequer foram semanas. No segundo confinamento, infelizmente houve

um segundo confinamento, infelizmente já tivemos que estar habituados (palavra que não se percebeu na gravação).

Entrevistador: Apesar do teu curso ser um bocadinho teórico, eu não sei se há alguma vertente prática em alguma das cadeiras, mas como é que tu desenvolveste ou apreendes te esses ensinamentos mais práticos durante os últimos dois anos letivos, muito particularmente durante os dois confinamentos?

Entrevistado: Ahh... agora pensando nas cadeiras que tive, acho que não havia assim nada mesmo que exigisse, por exemplo, trabalho de campo, trabalho de laboratório... ahh... tínhamos aulas, por exemplo, o meu curso tinha aulas de línguas, era uma das componentes, por exemplo os professores de inglês, às aulas onde eu ia o objetivo deles era sempre criar grupos para discutir, para de bater, para exatamente isso criar discussão e debate, para um bocado, não ser só estar ali a estudar, acho que era a parte mais importante e enquanto foi totalmente online era um bocadinho mais fácil, quando voltou a ser presencial, ou aliás o nosso caso era semi presencial, ahh... houve alguma dificuldade nisso, porque tínhamos que gerir, nós não o professor tinha que gerir as pessoas que estavam em casa, as pessoas que estavam na faculdade e depois as pessoas que estavam na faculdade muitas vezes estavam só com um telemóvel que não era o ideal, portanto aí houve alguma dificuldade, mas em termos práticos eu pessoalmente não tive dificuldade, os meus colegas certamente da área, por exemplo, da medicina, deve ter sido bastante difícil, não sei se na sociologia, por exemplo, já havia algum trabalho de campo ou algum estágio?

Entrevistador: Vou dar-te o meu caso concreto. Eu suspendi o estágio no primeiro confinamento, eu estava em estágio, e o estágio foi suspenso. Mas relativamente às cadeiras lecionadas no curso, nós temos uma cadeira estatística que trabalhamos com o SPSS, e estarmos de forma presencial na aula torna tudo um bocadinho mais fácil, tirar dúvidas com um professor muito mais rápido eficaz do que quando estás a ter uma aula online, basta pensarmos que uma turma com 30 alunos se surge alguma dúvida não consegues colocar essa pergunta de forma imediata e a forma como o professor consegue explicar quando estás na universidade, que no fundo se dirige à tua beira e vê aquilo que tu fizeste e concretamente qual é a tua dúvida, talvez online essa explicação se torna um pouco mais complicada, mas pensando muito rapidamente acho que essa é a parte prática para além do estágio que temos durante o curso, ambos os nossos cursos são quem teóricos.

Entrevistado: Ok.

Entrevistador: Pensaste em abandonar os estudos durante a pandemia?

Entrevistado: Não. Resposta curta não, não pensei.

Entrevistador: Consideras que a situação pandémica terá levado mais alunos a pensar em desistir da Universidade?

Entrevistado: Eu pessoalmente, o meu curso, no meu ano tinha umas 60 ou 70 pessoas, assim de repente não me lembro de ninguém que tenha abandonado os estudos, nem estou a pensar nas questões financeiras, obviamente que isso é outra questão, por questões de não gostar de ter aulas online não me lembro de ninguém, obviamente que as pessoas queixavam e diziam que é a minha vida neste momento a ter aulas online todo o dia, mas opá é aquilo que se diz nós também, por acaso eu estava no segundo ano não estavam no terceiro, mas acho que já havia um ano e meio de investimento é aguentar, é prosseguir e todo mundo conseguiu fazê-lo de certa maneira e as economias vão continuar a funcionar assim portanto eu acho que os nossos estudos também, acho que era uma obrigação que tínhamos que dar o nosso melhor podia não ser com os melhores resultados sempre mas tínhamos um bocado essa obrigação do ponto de vista de fazer o nosso melhor apesar da situação.

Entrevistador: Consideras que, numa perspetiva geral, houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?

Entrevistado: Ahh... eu acho, pronto é a questão dos equipamentos e das condições de casa, havia muitas pessoas que realmente não tinham equipamentos bons, computador não funcionava bem, não tinham uma boa ligação à Internet, não tinham um bom ambiente em casa. Ahh... os próprios professores, eu lembro-me de um professor que eu tinha que a filha dele estava sempre a falar atrás porque estava a ter aula, portanto aquilo devia ser todos a trabalhar na mesma sala ao mesmo tempo então cria-se assim um ambiente não era fácil de gerir certamente para muitas famílias. Por acaso, em minha casa, correu tudo bem, nunca tivemos problemas por estarmos todos a trabalhar em casa ao mesmo tempo, mas de certeza que, e pronto obviamente que todos, e certamente foi igual contigo, pessoas que não conseguiam ir às aulas porque não tinham Internet, o que quer que seja e perdiam essa oportunidade. É injusto, é desigual e são oportunidades desiguais.

Entrevistador: Na tua perspetiva, quais os impactos sociais e económicos que a pandemia SARS-CoV-2 originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior?

Entrevistado: Mas no acesso, quanto aquela questão dos exames no primeiro confinamento?

Entrevistador: Podes abordar a questão através dos exames, do acesso aos meios, como por exemplo ao computador, a dificuldade de acederes a uma biblioteca, consultar um livro. Podes abordar no acesso do ensino secundário para o ensino superior, no acesso à educação em si quando já estás no ensino superior, no acesso aos instrumentos que te permitem aprender e consolidar os conhecimentos.

Entrevistado: Eu acho que muitas pessoas, muitas famílias, os pais perderam os empregos porque ou trabalhavam em cafés, em todo o tipo de empresas, obviamente que os restaurantes e cafés foram os primeiros a ser atingidos, toda esse tipo de negócio de restauração, de diversão noturna, tudo o que envolve-se basicamente as pessoas estarem está no sítio. Ahh... e as pessoas que estavam nessas famílias obviamente, não tinham se calhar disponibilidade para estarem a adquirir os materiais, estarem a comprar se calhar um computador novo que precisavam para aceder às aulas, para ter uma ligação à Internet melhor, ahh... Portanto é, como eu já disse ao bocado, eu pessoalmente assim de cabeça não me estou a lembrar de ninguém em particular, mas liamos as notícias e sabíamos pelas redes sociais e tudo mais o que se passava e essa desigualdade existia. Quanto ao acesso ao ensino superior, penso que foi logo nesse ano que os exames foram facultativos, só para quem quisesse entrar na faculdade certo?

Entrevistador: Certo.

Entrevistado: Ahh... não sei, não pensei muito bem sobre isso, mas acho que (pausa) também para mim, quando andava na escola tinha o objetivo de ir para a universidade portanto acho que ia fazer os exames à mesma, mas por exemplo, a situação tinha sido muito mais fácil se em vez de ter estudado para 4 exames, eu entrei com o inglês ainda por cima, que nem era obrigatório, poder falta feito esse exame e não ter que ter estado a estudar montes de tempo, para o exame de Geografia, de Filosofia e tudo mais, tinha sido mais prático para mim. Acho que de certa forma é uma maneira de simplificar um pouco o processo e de basicamente dar a oportunidade às pessoas de não terem que fazer os exames e

simplesmente irem trabalhar e quando acabar a escola que é uma opção completamente viável e respeitável.

Entrevistador: É uma curiosidade. Quando pensas nessa mudança que ocorreu por causa do covid, achas que é uma situação a ser repensada numa situação pós-covid. quando por exemplo faz os 4 exames porque fazes 4 obrigatórios e fazes mais um porque é importante para entrar na universidade e poderias ter só realizado um ou 2, no fundo aqueles exames consideravas úteis para entrar no ensino superior. No fundo achas que essa medida de tornar os exames facultativos e só realizares os que precisas para a prova de ingresso é uma boa medida a ser implementada numa situação dita normal, ou seja, pós covid?

Entrevistado: Ahh... eu honestamente acho que sim, não por uma questão de preguiça ou de preguiça ou quero fazer menos, não há necessidade basicamente de estarmos se calhar fazer tantos exames que tem custos bastante altos para o Estado a fazer esses exames, quando se admite que esses exames são de acesso ao ensino superior porque é o que se está a admitir agora, é isso que são, tornaram-se isso. Acho que é um paralelo que eu me lembro sempre, no Porto havia as filas, basicamente os passos, isto não tem nada haver, mas os passos de metro, dos autocarros é assim renovavam em outubro, no início de outubro havia filas enormes, não sei como é que era aqui, mas lá havia filas enormes mesmo para renovar o passo, eu lembro-me que uma vez tive das 8 da manhã à uma da tarde, ou alguma coisa assim. e no ano de 2020-2021, basicamente houve uma plataforma, metias o número do cartão e era instantâneo a renovação do passe, eu acho que esses processos de simplificação que foram trazidos pela pandemia e que devem ser mantidos, não tem nada de prejudicial exatamente o facto de estarmos aqui a ter esta conversa, esta reunião pelo Zoom, também se calhar em 2018 ou 2019 tínhamos feito presencial e pronto, nem sequer pensávamos no assunto e assim já é uma coisa expectável é tolerável e acho que são as boas alterações trazidas pela pandemia, as poucas, nada é tão boa que possa justificar aquilo passámos nos últimos 2 anos, 2 anos e meio.

Entrevistador: Sentes que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e pela falta de convivência com os colegas de curso?

Entrevistado: Sim. Queres a resposta rápida, sim bastante. Acho que especialmente para os que entraram no primeiro ano, depois do primeiro confinamento foi bastante triste, porque

ainda as coisas, apesar de haver aulas presenciais na maioria dos sítios as coisas estavam fechadas e não havia grande vida social, mesmo na universidade havia todo o tipo de cuidados, não se podia estar a fazer nada descansado especialmente para eles acho que deve ter sido bastante triste. Das pessoas que eu conhecia, eu tive um bocado de pena, honestamente, as pessoas a ter a primeira semana de aulas da universidade por Zoom. Ahh... ao longo dos confinamentos, mesmo para quem já estava, em termos pessoais se calhar, vou pegar por aí para não estar a divagar muito. No primeiro confinamento não foi assim tanto, não sei também tiveste aquela mentalidade de ok, agora vamos ter 2 semanas de pausa, de férias aqui no início de março e vai ser bastante bom ter essas 2 semanas que essas 2 semanas tornaram-se em 3 meses. Ahh... nesse confinamento, em particular, também veio numa altura já de algum bom tempo, eu sei que isto é um bocado estranho, mas tem efeito, o bom tempo, o sol e calor e, portanto, acho que não foi tão difícil. Agora o seguinte, em janeiro-fevereiro, esse custou-me bastante e já está muito mal da cabeça, em casa e foi bastante bom quando, acho que foi ali em meados de abril, quando as coisas começaram a abrir e deu para tomar café e tudo mais. Ahh... mas definitivamente que a saúde mental foi bastante afetada e as pessoas perderam rotinas que eram importantes para elas, estavam sempre em casa e para que até rotinas, era só um contínuo de coisas para fazer e de estar a existir, era um bocado a vida durante esses confinamentos.

Entrevistador: E tu tens conhecimento de algum caso, de um aluno, em que a saúde mental foi afetada pelos sucessivos confinamentos?

Entrevistado: É assim, ao ponto de levar essa pessoa a ter um esgotamento ou precisar de ajuda psicológica ou psiquiátrica, agora assim de repente não me lembro, mas também a verdade é que, pelo menos nos meus amigos mais próximos isso não aconteceu. Ahh... havia pessoas que nitidamente estavam bastante tristes até e pronto se calhar a maioria, agora assim casos gritantes de precisar de apoio médico não me estou assim a lembrar de ninguém, mas oh pá de certeza que em tantas pessoas, nas cadeiras que eu tive de certeza que houve.

Entrevistador: A socialização com os teus colegas sofreu alterações durante os confinamentos?

Entrevistado: Ahh.... sim, eu pronto, não me considero antissocial, mas às vezes passo bem sozinho e faço bem as minhas coisas e não preciso de estar sempre a conviver, obviamente

que sentia bastante falta de jantar fora, de sair, tomar café, de estar com os meus amigos. No início até haviam aqueles desafios e jogos que as pessoas passavam noites a jogar aquelas coisas e durante os primeiros dias, durante as primeiras semanas parecia quase como um substituto, mas a verdade é que, eu penso eu ficava triste pensar é isto esperar que uma pessoa pudesse ser a rua outra vez e estar com as pessoas presencialmente do que estar só em chamada a jogar, acho que não a mesma coisa definitivamente.

Entrevistador: No regresso à normalidade essa socialização sofreu alterações pré-pandémicas, ou seja, quando houve o regresso à normalidade depois dos confinamentos sentiste que eles foram alterados? E se isso aconteceu achas que foi pelo receio, porque a pandemia ainda era um assunto, ou pouco os confinamentos fizeram com que vocês já não conseguissem socializar uns com os outros porque a interação tinha passado toda a ser online?

Entrevistado: Ahh... sim, eu acho que me tornei, eu disse há bocado que não era antissocial, mas acho que me tornei menos social com a pandemia, era bastante mais antes da pandemia. Houve mudanças de hábitos e de rotinas, não sei dizer se para melhor ou para pior, nalguns casos definitivamente para melhor, para a minha saúde pelo menos e noutros para pior. Acho que é uma parte essencial da vida universitária, mas mesmo depois da pandemia condicionou bastante, uma pessoa não estava descansada, estava sempre com medo da pandemia, com medo de morrer basicamente, medo de morrer medo de ir parar ao hospital que às vezes uma pessoa nem se sentia confortável. E depois a questão dos horários, vamos jantar fora para depois ter que sair do restaurante às 10:30 ou às 11:00, não podemos impor um bar não podemos, não podemos fazer nada é ir para casa, não tem assim tanta, não tinha, as coisas perderam um bocado a piada. felizmente agora isso já mudou e agora estamos com outro problema obviamente a nível Internacional, tão mau eventualmente pior, sinto que não o nível que pelo menos que a nós portugueses nos possa afetar tanto, mas se calhar vai ser um estudo interessante ver quais é que são os efeitos psicológicos, na saúde mental num cenário como aquele que estamos a viver, com o que se está a passar na Europa de leste, mas sim a socialização pós pandemia, mesmo depois dos confinamentos continua muito afetada para mim, especialmente sinto isso.

Entrevistador: Acabou a entrevista. Agradeço-te imenso a colaboração, a rapidez a responderes ao pedido e a total disponibilidade. Agradeço-te imenso. Não sei se, entretanto, ficou alguma dúvida, alguma questão?

Entrevistado: Não, eu agradeço-te, pelo estudo e sinto-me bem em colaborar para isto, porque honestamente sendo que os pedidos do questionário, chegam montes deles todos os dias e sei que nunca vou responder, acho que assim é preferível e boa sorte para o teu projeto e com mestrado para o ano também sou eu.

Entrevistador: Muito obrigada

Anexo 8 - Entrevistada F - Entrevista com aluna do mestrado em Psicologia Clínica

Entrevistador: Olá, o meu nome é Ana, eu estou neste momento a terminar o mestrado e preciso de fazer uma série de entrevistas sobre o impacto que a covid-19 teve na educação e se isso fez aumentar as desigualdades sociais que já existiam pré pandemia. Leste o termo de consentimento? Tiveste alguma dúvida?

Entrevistado: Sim. Não, não.

Entrevistador: Está tudo esclarecido?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Deixa-me só esclarecer uma dúvida, estou estudaste na Universidade do Minho durante os 2 confinamentos?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Ok. Podemos começar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Ao longo dos últimos 2 anos letivos consideras que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Podes desenvolver tudo o que quiseres.

Entrevistado: É assim, claro que foi um momento de aprendizagem para os professores por causa de estarem a lidar com uma tecnologia que não estavam à espera, mas claro que não era a mesma coisa não é o mesmo que ter um professor à nossa frente com o quadro e a explicar tudo o que se está a passar é mesmo até por causa disso, foi mais as dificuldades tecnológicas que os professores tinham do que o ensino em si, porque de resto, mas é basicamente isso.

Entrevistador: E tu achas que por causa dessas complicações digamos assim, tu achas que nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade devido ao constrangimento da pandemia?

Entrevistado: Não. Acho que não, é assim o problema vai haver sempre há sempre os problemas quer seja presencial quer seja online ser online tinha vantagens que o presencial não tem, portanto acho que não piora nem sequer significativamente, na minha opinião.

Entrevistador: Que vantagens é que achas que online traz que não traz o presencial?

Entrevistado: É assim, era ótimo eu sentia-me com mais energia porque nas partes iniciais das aulas não é, depois ao longo do dia vais sempre perdendo energia estás em casa e vai diminuindo, mas inicialmente eu senti-me com mais energia nas aulas, porque enquanto eu tenho que me deslocar de (localidade da entrevistada) para Braga todos os dias ali eu saía da cama vinha para escritório não é estava aqui, estava presente e não tinha toda uma deslocação que já que por si só já é cansativo então isso é uma vantagem bastante grande e depois ter as aulas gravadas e tudo era fantástico poder ver ouvir poder aprender mais ativamente.

Entrevistador: Vocês tinham a possibilidade de gravar as aulas?

Entrevistado: Sim, sim, sim os professores davam essa possibilidade.

Entrevistador: É que há outros cursos que não existiria essa possibilidade e tu achas que se não existisse a possibilidade de as aulas serem gravadas tu conseguirias da mesma forma adquirir aquele conhecimento que se calhar depois ias rever a aula e percebias melhor aquilo que o professor tinha dito na altura?

Entrevistado: É assim, isso ajudou não é, mas as presenciais também não são gravadas agora nem eram quando eram presenciais então uma pessoa já tinha que estar um bocadinho preparada para acompanhar o professor. Claro que há uma diferença, um bocadinho uma diferença por causa de haver a gravação, mas não ao ponto de passar, por exemplo, um 14 para um 20, ou seja, não é uma diferença era mais uma diferença sabermos que podiam estar um bocadinho mais desligados que depois podíamos ler, mas não, não muito.

Entrevistador: As notas não sofreram de oscilação muito grande, ou seja, tu não tiveste piores notas nem melhoraste muito as tuas notas durante o confinamento?

Entrevistado: Não, não. Foi quase, é assim, não porque eu tive o confinamento foi no meu segundo e terceiro ano não é, mais o menos, portanto o primeiro ano as notas claro que foram

um bocadinho mais baixos porque é o ano de adaptação etc, mas não foi assim um descalabro de diferença.

Entrevistador: No teu ponto de vista as medidas tomadas pela Universidade do Minho no combate às desigualdades de acesso às aulas via online diz respeito foi a foi o adequado mais adequado?

Entrevistado: É assim, é como eu disse anteriormente, isto foi tudo novo para toda a gente, então eu acho que a universidade, na minha opinião, deu o seu melhor para tentar combater isso. Agora também não deve ser fácil conseguir arranjar não sei quantos computadores, não sei quantas Internet para as pessoas, porque eu soube que houve pessoas que não tinham Internet em casa, em que foi necessário fornecer Internet, então eu acho que eles deram o seu melhor e que isso ajudou muito no combate à desigualdade, mesmo os professores mantinham-se assim disponíveis para ajudar quem não conseguir ir a um computador ou assim que sem dúvida.

Entrevistador: Tu sentiste que até os professores foram colaborativos nesse aspeto?

Entrevistado: Sim, sim. Mesmo quando falhava a net e tudo os professores não ficavam assim parece que chateados, eles compreendiam que era uma situação complicada.

Entrevistador: Como é que foi a tua adaptação aos meios/métodos de ensino à distância?

Entrevistado: Um bocadinho complicado ao início, porque passámos ter uma aula toda assim interativa não é, estar a ver as outras pessoas torna mesmo nós conseguimos estar um pouco mais atentos passar para ter em casa e temos todo o tipo de distrações possíveis, pessoas á nossa volta, pessoas que entravam pela sala a dentro, tivemos foi complicado, depois as pessoas foram começando a aprender não é mesmo com os professores é engraçado ver às vezes vemos animaizinhos deles a passar isso era engraçado, mas foi complicado no início.

Entrevistador: Tu sentiste que essa dificuldade foi maior no primeiro ou no segundo confinamento?

Entrevistado: O primeiro confinamento foi em março não foi?

Entrevistador: Foi.

Entrevistado: No primeiro nós não estávamos à espera no segundo nós já estávamos habituados.

Entrevistador: E como é que foi o processo de avaliação para ti, a adaptação ao processo de avaliação?

Entrevistado: Terror, foi um verdadeiro terror. Porque assim, na escola já e já temos o stress é normal em casa temos um stress acrescido de poder falhar na net poder entrar alguém pela sala dentro, depois houve toda uma situação daquilo que eles porem a Blackboard para nós não copiarmos, alguns computadores não estavam a aceitar, outros estavam a bloquear depois sabermos que tínhamos uma câmara ligada virada para nós e o menor desvio de olhar aquilo podia alertar o professor lá foi foi incrível, incrivelmente mal, isso foi muito mau e assim foi mais fácil porque não termos que estar ali não, estamos com aquela pressão, estar ali numa sala e não sei quê, mas ao mesmo tempo tornou-se mais difícil por causa de todo o resto.

Entrevistador: E como é que desenvolveste e aprendeste os ensinamentos mais práticos do teu curso durante os últimos 2 anos letivos, muito claramente durante os 2 confinamentos?

Entrevistado: É assim, o meu curso não tem componentes muito práticas, é muito mais teórico, a parte mais prática era realmente estar muito atento às aulas porque era mesmo necessário estar atento às aulas online e tentar fazer, ter sempre uma aprendizagem ativa e está atenta nas aulas para tentar aprender o máximo possível, depois tentar fazer porque senão era muito complicado acompanhar.

Entrevistador: Vocês realizam estágio?

Entrevistado: Não, na licenciatura não, nós só realizamos agora no mestrado.

Entrevistador: Tentando fazer futurologia, que é um bocadinho difícil, como é que tu achas que teria sido se estivesses na altura do estágio?

Entrevistado: Estágio online?

Entrevistador: Não sei, estágio online ou mesmo a suspensão do estágio, como é que tu achas que conseguirias aprender aquilo que estágio te dar? Por exemplo, vou dar-te o meu exemplo, eu estava em estágio, o meu estágio foi suspenso e eu deixei de ter a componente prática para passar a ter uma componente teórica que era um projeto. Como é que em

psicologia sendo aquele único estágio do vosso percurso académico, como é que tu achas que seria a suspensão desse estágio, como é que tu irias apreender a parte prática sem o estágio?

Entrevistado: É assim, eu não imagino não estou a imaginar, porque nós temos um pré estágio, depois temos o estágio que nos prepara depois para o estágio da ordem, ou seja, como é que nós iríamos funcionar sem essa aprendizagem, porque eu vejo-me a mim, eu neste momento se me puserem um cliente à minha frente com a perturbação mais leve possível eu não sei como que tratava, não tenho nenhum tipo de preparação então, por muito que o estágio fosse passagem de prático para teórico, essa componente de lidar com uma pessoa à nossa frente não ia ser possível, ou seja, ia complicar muito a vida, a carreira futura principalmente no estágio da ordem dos psicólogos isso seria muito complicado mesmo.

Entrevistador: Pensaste em abandonar os estudos durante a pandemia?

Entrevistado: Não, nunca me passou pela cabeça, às vezes brincava com a situação, mas não a sério.

Entrevistador: Tu consideras que a situação pandémica terá levado mais alunos a pensar em desistir da universidade?

Entrevistado: Eu acredito que sim, porque o confinamento fez com que as pessoas ficassem muito ansiosas, algumas deprimidas e então juntar à sensação de ansiedade por causa de um confinamento juntar a ansiedade está num curso que mudou completamente, eu acredito que muitas pessoas podem ter nem saído da universidade, mas podem ter pensavam, pelo menos pensado acredito que sim.

Entrevistador: E tu consideras, numa perspetiva geral, que houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior?

Entrevistado: É assim não sei, não sei.

Entrevistador: Consegues perceber o conceito desigualdade social se não conseguires explico-te.

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Ok. Então se consegues perceber o conceito de desigualdade social e ou reformule a pergunta de uma forma que tu vais conseguir entender o que eu estou a

perguntar. Tu achas que com a pandemia as desigualdades sociais fizeram com que os alunos que frequentem a universidade essas desigualdades entre alunos aumentasse com a pandemia?

Entrevistado: Sim, provavelmente, porque muitas pessoas, muita gente foi para lay off não é, então isso de certeza que prejudicou muita gente, houve trabalhos que continuaram, mas pelo menos as pessoas à minha volta muitas vieram para lay off e claro que se tornou complicado, principalmente para quem não tem bolsas deixa de ser uma ajuda que continua constante não é, mesmo para quem tem bolsa não é, porque esta às vezes é necessária uma parte extra, mas sim de certeza, infelizmente não é.

Entrevistador: E na tua perspetiva quais os impactos sociais e económicos que a pandemia originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior?

Entrevistado: Eu acho que a pandemia, falando de quem ia agora ingressar no ensino superior, houve toda uma situação por causa dos exames nacionais não é então isso afetou bastante em termos económicos, provavelmente também deve ter agravado, porque bastava as pessoas terem poupanças anteriores e a tiveram de usar, seja para o que for, por causa de imprevistos então acabou também por prejudicar e ainda acaba por prejudicar agora um pouco não é, porque ainda estamos a sofrer todos o balanço disto.

Entrevistador: Focando nos exames nacionais, que tu referiste de acesso à universidade, tu achas que o facto de tu poderes escolher os exames que pretendes fazer para aceder à universidade facilita o acesso?

Entrevistado: Sim, eu acho sim, isso foi uma medida que eles tentaram fazer na melhor situação, foi a melhor situação que eles arranjaram eu acho que isso realmente porque lhes tira, acho que lhes tirou o peso de ter de realizar os testes e realizar apenas aqueles que consideravam necessários para ingressar na universidade, depois também tenho o ponto negativo que é só fizeste estes não podes optar se necessário por outros cursos que precisem de outros, ou seja, uma menor panóplia de cursos para escolher, mas também tens mais foco para estudar para aquilo que queres.

Entrevistador: Tu achas que as pessoas que têm menos rendimentos conseguiram aceder da mesma forma a material extra-aula, por exemplo livros, ou seja, achas que os alunos que tem mais dificuldades económicas tiveram mais dificuldade, ou tu achas que isso se manteve

da mesma forma e eles conseguiram aceder à informação por outros meios, por exemplo, online?

Entrevistado: Eu acredito que eles, é assim há livros que claro não há online por muito que se tente arranjar e isso já por si próprio já é muito mau então e depois não ter o acesso a biblioteca piorou de certeza porque as pessoas não poderiam sequer requisitar para imprimir, isso não se deve fazer, mas pronto tinham esse acesso. Eu não sei se isso também pode estar incluído na pergunta, mas eu vejo pelo menos aqui em (localidade da entrevistada) há computadores fixos que as pessoas podem usar e cortar também isso pra pessoas que não têm computadores em casa também deve ter ajudado a piorar, não é? Porque as pessoas podiam não ter um computador em casa, mas sabendo que preciso ir à biblioteca e tratar de qualquer coisa poderiam ir lá aos computadores e estar à vontade tiveram do nada ficaram sem isso, não é? Então eu acredito que isso tenha piorado bastante.

Entrevistador: Então acabas por considerar que esses alunos que têm essas dificuldades de comprar livros e aceder a essa informação acabaram por sair prejudicados com a pandemia no seu ensino?

Entrevistado: Sim, pode não ser até um ponto muito elevado, mas sem dúvida por muito mínimo que seja houve pessoas prejudicadas principalmente com baixos rendimentos.

Entrevistador: Sentes que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e a falta de convivência com os colegas de curso?

Entrevistado: Eu já me já me estou a rir porque, aí meu Deus, isso tão mau, foi sem dúvida, a saúde mental de muita gente foi por água abaixo, muita gente muita gente. Muita gente mesmo, tenho colegas que tiveram pela primeira vez crise de ansiedade, episódios depressivos, e depois estar sempre com os mesmos, e depois não é só as perturbações em cima, as próprias relações interpessoais que vão prejudicar a saúde mental, começam a ficar muito afetadas por causa da vivência em casa, o estar sempre uns com os outros, estar sempre a lidar as mesmas pessoas, sem um bocadinho de descanso sem poderem ir desanuviar, a saúde mental piorou imenso, imenso mesmo.

Entrevistador: A pergunta que te vou colocar, por norma não a coloco, mas atendendo à tua área de estudos acho que é oportuna. Como é que tu achas que a sociedade passou a tratar a saúde mental depois da pandemia? Achas que houve uma alteração com a pandemia,

ou seja, as pessoas começaram a pensar em saúde mental, a perceber que a saúde mental se calhar não é um capricho e é algo real, é algo que tem que ser tratado, achas que houve essa mudança ou a coisa continuou igual?

Entrevistado: É assim, por acaso esta pergunta é muito interessante, eu já tive um debate com uma colega acerca disto, é assim sem dúvida que isto tem vindo a mudar e desde a pandemia mudou mais um pouco, claro porque as pessoas começaram eles até agora achavam saúde mental era um capricho, não é?!, um tabu, mas depois de as próprias pessoas passaram por uma experiência que alterou a saúde mental delas, então apesar de ser um tabu elas experienciaram, elas viram que importa e que há coisas que nós não podemos por muito que pensamos “eu vou ficar bem”, a nossa saúde mental não é assim que funciona, só que mesmo assim eu considero que a saúde mental só é importante quando são casos assim vistosos e não estou a criticar, não crítico quem faz os casos vistosos que não se fazem, eu critico quem só dá atenção quando há um caso assim e isso ainda acontece muito e então, ou seja, a conclusão é dá-se mais atenção à saúde mental mas não é tanta como a que deveria dar.

Entrevistador: Então tentando perceber um bocadinho, tu achas que, por exemplo, as perturbações de ansiedade, os ataques de pânico não são tão tidos em linha de conta, como por exemplo acontece com a depressão?

Entrevistado: Sem dúvida, essas são, eu acho que, essas tentam varrer-se um bocadinho para debaixo do tapete, e a pessoa está a exagerar é só manter a calma e etc etc, eu vejo muito isso acontecer, e depois a depressão que é quando aí, nem só na depressão, é que as pessoas são acham que é importante quando há um suicídio, porque quando a depressão as pessoas só dizem “pá ele está triste eu não sei porquê, ele não tem razão para estar triste, ele tem comida na mesa”, então acho que só é mesmo quando já quando há risco de suicídio ou até mesmo suicídio.

Entrevistador: Então pensando naquilo que tu me disseste há um aumento da perceção do que é saúde mental e que ela importa, mas esse aumento não se reflete em todo o tipo de perturbações e só em casos extremos é que isso passa a ser um debate, passa a ser falado?

Entrevistado: Exatamente

Entrevistador: Tu já me falaste de colegas que tiveram dificuldades e um agravamento da saúde mental. Tu consegues dar-me algum exemplo concreto do facto de isso ter impactado a vida social e os estudos?

Entrevistado: Posso. Eu não estou a falar de mim, estou a falar de uma colega não é, e ela é minha colega de curso, e ela, eu sei que ela chegou a ir ao psiquiatra, mas isto já entro o primeiro confinamento e o segundo, não estávamos no segundo confinamento. Ela chegou a ir ao psiquiatra e tudo porque ela já à só chorava para estudar, ela não conseguia estudar, ela só chorava, só chorava, só chorava e depois, por um lado, os estudos dela melhoraram, as notas melhoraram, mas a saúde piorou, a saúde mental, ou seja, eu acho que tem, principalmente em termos escolares as pessoas também têm alguma ansiedade por causa de todo o stress que a vida escolar acarreta e então isso pode repercutir em melhores notas, mas contrariamente pior à saúde mental. E depois, há pessoas que conseguem contrabalançar, e ainda há pessoas que a saúde mental também as notas também porque a própria saúde não deixa as pessoas estudarem.

Entrevistador: No caso dessa tua colega, sem querer aprofundar muito e saber muitos pormenores, tu achas que o facto de, por exemplo, ela estar em casa e não ter contato com os colegas fez com que esse dosear entre estudar e parar foi mais difícil, foi mais difícil também porque ela não conseguia conversar pessoalmente com os colegas ela não conseguia desenvolver aquilo e estudo dela em frente a um computador isolada achas que isso impactou?

Entrevistado: Sim, sim, definitivamente, porque nós, por exemplo, estudávamos juntos, quando uma pessoa começa só a estudar sozinha, a estar sozinha, está sempre em casa porque no caso dela não gosto de ver séries ela não gosta, ela gosta de música, mas não gosta de filmes e séries, então ela focalizou tudo para os estudos, não havia saídas, porque não se podia sair não é não? Não vê séries, não nada, o que é que uma pessoa vai fazer, estuda, estuda, estuda, o cérebro não aguenta, não é?

Entrevistador: Agora mudando um bocadinho de assunto. A socialização com os teus colegas sofreu alterações durante os confinamentos? Como é que conversavam, por exemplo?

Entrevistado: Com os meus colegas mudou muito, nós tentávamos fazer secções por Zoom e tudo sem ser sessões sobre não é fazer videochamadas, conversar, etc, mas mudou, mudou bastante, e agora nós fazemos um bocadinho gozo disse, não é, por um lado também é bom, porque também vimos que não é preciso estar sempre presencial e também podemos conviver assim de forma mais online.

Entrevistador: Quando regressaste à universidade agora para ter aulas de forma presencial, tu sentiste que havia uma diferença da forma como vocês socializavam da forma como vocês conversavam, interagiam?

Entrevistado: Eu pessoalmente acho que não, porque eu com as minhas colegas não, não tenho esse tipo, nós também somos poucos, somos 20 alunos não somos assim tantos para dialogar, mas eu pessoalmente no meu grupo de amigas não senti isso.

Entrevistador: Percebeste que a pandemia, se calhar já não era um assunto e vocês conversavam sobre outras coisas.

Entrevistado: Sim, sim, sim, sim.

Anexo 9 - Entrevistada G - Entrevista a aluna do 3ºano da licenciatura em Psicologia

Entrevistador: Boa tarde, não sei se leste o consentimento informado que te enviei na semana passada?

Entrevistado: Não, não.

Entrevistador: O meu estudo é sobre a Covid -19 e impacto que ela teve na educação e se isso fez aumentar ou não as desigualdades sociais. O objetivo principal é mesmo esse, é o de determinar se com a pandemia de Sars Cov 2 houve um agravamento das desigualdades sociais no ensino superior. Irei entrevistar alunos de diferentes cursos do primeiro e do segundo ciclo de ensino da Universidade do Minho. É importante informar que esta entrevista está a ser gravada, que quando não quiseses responder alguma questão é tranquilo, nenhuma resposta errada e que os teus dados serão anónimos, ninguém saberá quem tu és só que és uma aluna do terceiro ano de psicologia. Não sei se, entretanto, surgiu alguma dúvida?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Então podemos começar? De realçar que podes desenvolver as respostas como te for mais conveniente.

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Ao longo dos últimos 2 anos letivos consideras que a aprendizagem e o nível de ensino foram prejudicados pelas restrições pandémicas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Porque é que achas que foram afetados?

Entrevistado: Sei lá, não sei.

Entrevistador: Quais é que são os pontos que para ti foram mais afetados, pela tua experiência pessoal?

Entrevistado: Ter aulas online é impossível só, prontos não é uma coisa assim muito fácil. A comunicação com os professores também se torna mais complicada, mesmo o modelo das aulas é sempre diferente e pronto, lá está, os primeiros, o fim do primeiro ano e no início do segundo foi um bocado assim e depois talvez por isso tenha sido piorzito.

Entrevistador: Tu achas que, por exemplo, o facto de não teres tido um ano completo sequer em regime totalmente presencial, a meio do teu primeiro ano tu ficaste em casa, ou seja, o termo de comparação no fundo é o primeiro semestre do primeiro ano, que é um período muito duro, porque é um período de adaptação, é um período em que tudo é novo e que se calhar o segundo semestre ia ser mais fácil porque tu no fundo já estavas um bocadinho adaptado à dinâmica do ensino superior. Tu achas que o facto de a pandemia ter acontecido e o primeiro confinamento ter acontecido no teu primeiro ano dificultou essa adaptação para ti?

Entrevistado: Acho que sim, acabei por não, mesmo sem ser em termos de aulas e de aprendizagens, acabei por não ter aquele balanço entre universidade e vida social porque estava em casa era só universidade, portanto acho que foi um fator muito importante.

Entrevistador: No caso da aprendizagem, achas que o facto dos professores não seguirem o mesmo método de ensino online dificultou a adaptação dos alunos ao modo de ensino e ao modo de avaliação?

Entrevistado: Eu acho que sim, é assim houve professores que até fizeram melhor e até facilitou, mas a maior parte dos professores só complicou, eu cheguei a ter testes como 30 perguntas para 15 minutos, nem 1 minuto por pergunta, por isso.

Entrevistador: Não sei se fazes parte da praxe? Se fizeste parte? Se estavas inserida?

Entrevistado: Eu não acabei a praxe, mas andei lá algum tempo ainda.

Entrevistador: Peguei na praxe mas podia ter pegado, por exemplo, na Tuna, ou noutra atividade extra aulas. No fundo aquilo que eu quero saber é se tu achas que a suspensão dessas atividades teve um impacto muito grande na aprendizagem, nas notas, na forma na forma como tu te adaptaste?

Entrevistado: Sim, sim. Para mim, as minhas notas pioraram, eu sei que houve pessoas que começaram a estudar mais e tudo e as notas melhoraram, eu comecei a estudar mais, mas a certa altura estava a estudar e já estava cansado de estar a estudar, já nem estudar me apetecia porque era uma coisa que eu tinha para fazer e mesmo e as aulas às vezes nem me apetecia ir era aquilo e só aquilo.

Entrevistador: As tuas notas pioraram muito?

Entrevistado: Não, desceram 1 ou 2 valores a algumas cadeiras.

Entrevistador: Achas que nos últimos 2 anos o ensino superior perdeu qualidade devido aos constrangimentos da pandemia?

Entrevistado: Não faço ideia.

Entrevistador: Tu achas que aquilo que, tentando pensar, eu sei que é muito pouco tempo, mas tu achas que aquilo que tu conseguiste aprender no primeiro semestre e conseguiste perceber o que era a universidade, apesar de ser um curto espaço de tempo, achas que aquilo que tu aprendeste no primeiro semestre conseguiste aprender de igual forma, na mesma intensidade, que aprendeste no segundo ou achas que houve muita informação que te foi passada durante as aulas online que tu foste perdendo pelo caminho e não conseguiste recuperar porque tinhas dificuldades em interagir?

Entrevistado: Claramente. Claramente. Houve muita informação que ficou perdida pelo caminho.

Entrevistador: Mas achas que se estivesses presencialmente essa informação não seria perdida?

Entrevistado: Sim, sim, mesmo da maneira como seria dessa matéria, seria muito diferente. E talvez porque, às vezes, às vezes, não é a questão de estar a ser online, mas a questão de como matéria é dada, porque acho que as pessoas tinham pouca preparação para dar aulas online.

Entrevistador: Achas que as medidas tomadas pela Universidade do Minho no combate às desigualdades de acesso às aulas via online diz respeito foi a foi o adequado mais adequado?

Entrevistado: Diz-me quais foram as medidas.

Entrevistador: Duas das medidas tomadas foram tomadas foi o de facultar computadores a alunos que não os tinham e aumentar a rede ou fornecer Internet a quem tinha problemas na rede ou não a tinha.

Entrevistado: Desculpa confesso segunda medida que disseste?

Entrevistador: Foi a de aumentar a rede ou fornecer Internet a quem tinha problemas na rede, ou não a tinha.

Entrevistado: Pois. Não faço ideia, se calhar podia, se calhar não podia, se calhar havia pessoas que mesmo assim não conseguiam, mas alguns provavelmente podiam ter uma sala para mesmo para as pessoas que estavam eu sei que era um bocado complexo fazer isto mas sei lá, talvez ter uma sala com, e as pessoas estavam todas lá de máscara, desinfetavam as mãos e testavam-se para estar lá, porque dar computadores e dar Internet é sempre muito fácil, mas depende do contexto em que a pessoa está, por acaso estávamos a falar disto numa aula durante esta semana, ahh...(pausa), porque, sei lá não é assim tão linear isso.

Entrevistador: Achas que se não tivesses acho que bloqueaste consegue me ouvir (a entrevistada teve problemas na rede) Eu estou a ouvir o meu retorno.

Entrevistado: Não, eu consigo te ouvir.

Entrevistador: Ok. Então consideras que o sítio onde estudas, o ambiente que tu tens para estudar é crucial para o teu desempenho escolar?

Entrevistado: Sim, sem dúvida.

Entrevistador: Então consideras que se tu não tiveres um ambiente de estudo adequado, mesmo que tenhas acesso a um computador e acesso à Internet tu nunca conseguirás desenvolver totalmente a tua capacidade?

Entrevistado: Sem dúvida.

Entrevistador: Então por muito que tu tentes combater a desigualdade de acesso, porque não tens um computador para assistir às aulas online, porque não tens Internet, mas quando regressas a casa porque a pandemia assim o exigia, os confinamentos assim o exigiram e fechou-se universidade, achas que o facto de, por exemplo, essas pessoas às vezes não terem como uma secretária ou uma cadeira confortável para estarem a assistir às aulas, achas que isso se calhar tem mais impacto do que propriamente ter acesso a uma Internet e acesso ao computador?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Como é que foi a adaptação aos meios métodos de ensino à distância? Essa adaptação foi mais complicada no primeiro ou no segundo confinamento?

Entrevistado: Foi no primeiro, eu no segundo já estava habituada.

Entrevistador: Achas que os professores também já estavam habituados?

Entrevistado: Sim. Eu julgo que tive alguns professores que tinham tido formação, entretanto, e foi um ponto positivo.

Entrevistador: Achas que a forma como usavam as aulas e avaliavam os alunos no segundo confinamento era um bocadinho mais justa e mais igual? (interrompida pelo entrevistador).

Entrevistado: Mais justa do que tinha sido no primeiro confinamento, mas mesmo assim claramente não era justa.

Entrevistador: Só uma curiosidade como é que eram, por exemplo, as vossas avaliações? Eram por texto? Eram os trabalhos práticos? Eram por apresentações?

Entrevistado: A maior parte eram testes online.

Entrevistador: Escolha múltipla, questões de desenvolvimento?

Entrevistado: Escolha múltipla, verdadeiro e falso, cálculo, nem sei como é que era, deixa-me ver se tenho algum aqui, não sei, mas aquilo era no início destes testes era escolha múltipla e tinha questões de desenvolvimento.

Entrevistador: Como é que tu desenvolveste ou aprendeste os ensinamentos mais práticos do teu curso durante os últimos 2 anos letivos, muito particularmente durante os 2 confinamentos?

Entrevistado: Sinceramente nem eu sei, porque eu acho que não os adquiri.

Entrevistador: A parte mais prática do curso achas que se perdeu e não foi recuperada agora nas aulas presenciais?

Entrevistado: Agora sim, mas eu também estou aqui a fazer um juízo de valor, provavelmente não terá sido só dos confinamentos, porque o nosso curso sofreu uma alteração do segundo ano para este terceiro ano porque deixou de ser mestrado integrado e passou a ser licenciatura mais mestrado e pronto, neste momento, nós temos cadeiras muito mais práticas e mesmo os alunos do primeiro e do segundo ano acabam por ter cadeiras que nós não tivemos ou cadeiras que nós íamos ter e que eles estão a ter agora que faziam mais sentido, mas pronto é isso.

Entrevistador: Achas que o facto de teres perdido essa parte mais prática pode não se dever ao confinamento, mas a essa alteração que surgiu, entretanto?

Entrevistado: Provavelmente sim. Quer dizer, sim e não, há sempre os dois lados. Mas maioritariamente á de ter sido da transição. Claro que há cadeias que podiam ter sido mais práticas, mas que por serem online não foi possível, mas a maior parte das carreiras que eram, o facto por ser maioritariamente teórico nos 2 primeiros anos, eu acho que foi mesmo pelo plano curricular que eles tinham.

Entrevistador: Pensaste em abandonar os estudos durante a pandemia?

Entrevistado: Ahh (pausa)... Durante a pandemia não sei, mas no meu primeiro ano sim, agora se já estamos na pandemia não, é uma boa questão. Era eu a pensar “fogo não sei o que é que eu estou aqui a fazer”, mas claro que não ia, mas foi “não sei estou aqui a fazer às vezes”.

Entrevistador: É um pensamento que dificilmente se concretizará, é só naquele momento em que a pessoa está mais aflita e pensa “já não aguento mais isto, eu quero ir embora”?

Entrevistado: Sim, sim. Exatamente. É isso

Entrevistador: Tu achas que se esse pensamento tivesse surgido antes da pandemia esse pensamento predominou durante mais tempo por causa da pandemia?

Entrevistado: Sim. Sim.

Entrevistador: Consideras que a que a situação pandémica terá levado mais alunos a pensar em desistir da universidade?

Entrevistado: Eu acho que sim.

Entrevistador: Olhando à tua volta e falando com os teus colegas de curso com os teus amigos que frequentam a universidade achas que lhes passou pela cabeça desistir, pelas conversas que vocês têm uns com os outros?

Entrevistado: Passou. Passou. Claramente sim.

Entrevistador: Tu achas que esse pensamento ocorre por causa do curso, pela situação pandémica, por tudo junto? Porque não conseguias aprender as mesmas coisas estando online e estando de forma presencial? Porque não conviviam com os teus colegas?

Entrevistado: Acho que é um bocado de tudo, sim, era por o curso ser demasiado teórico, estarmos online e não haver convívio, não haver vida social, não haver, acho que foi um bocado da junção de todos os fatores.

Entrevistador: Agora passando para a parte das desigualdades sociais. Consideras que houve um agravamento das desigualdades sociais com reflexo na frequência do ensino superior? Se quiseres posso o conceito de desigualdades sociais.

Entrevistado: Acho que não preciso, mas eu julgo que não. Pelo que eu vejo, mas também é assim a minha realidade é um pouco pequena, não é?! É apenas o que eu vejo aqui na universidade, mas (pausa) eu tenho uma realidade um pouco mais fechada porque a realidade que eu conheço mesmo de pessoas que acabaram secundário, entretanto, durante a pandemia, eu conheço poucas pessoas que tenham andado, pronto, que sejam mais, de estatutos mais baixos na sociedade, talvez por eu ter andado num colégio privado e a maior parte dos meus amigos e das pessoas que conheço andarem também nesse colégio. Mas mesmo as pessoas que eu conheço cada um que andava no ensino público e que têm mais dificuldades, por mesmo assim ainda conheço algumas pessoas com dificuldades, a maior parte acabou o secundário e começou a trabalhar (percebeu-se pela expressão facial que fez que se tinha enganado) e começou a estudar, por isso. E pelo que eu percebi então muita gente na universidade durante os últimos anos, eu até acho que entrou muito mais gente do que o que era suposto. Eles, acho que foi este ano ou o ano passado até aumentaram as vagas, portanto acho que eles até facilitaram nisso porque eles mudaram a forma de avaliação e tudo. Em termos de propinas não faço ideia se isso ajudou se não, não sei se houve mais bolsas se não, não faço ideia, não estou dentro dessas coisas.

Entrevistador: Na tua perspetiva, quais os impactos sociais e económicos que a pandemia originou no acesso à educação dos alunos do ensino superior da Universidade do Minho?

Entrevistado: Queres que reformule? (percebi pela expressão que não tinha percebido)

Entrevistado: Por favor?

Entrevistador: Focando nos impactos sociais e económicos que a pandemia trouxe quando tentas aceder à educação, quer quando entras no primeiro ano, quer quando já estás lá à mais de um ano, quais é que foram os impactos, que consideras que atingiram esses alunos, do ponto de vista social e económico?

Entrevistado: Ok. Nos financeiros não consigo responder, mas nos impactos sociais eu no segundo ano, no ano passado, acabei por ter duas cadeiras que tinha deixado por fazer no primeiro ano, e então tive algum contato com pessoal que neste momento está no segundo ano, mas que no segundo ano estava no primeiro ano e, portanto, entrou na universidade depois da pandemia, já depois da pandemia, entrou durante a pandemia pronto, e o que eu noto muito é que eles se dão muito em pequenos grupinhos e não sei.

Entrevistador: Achas que a pandemia os impede de socializar em maior número bocadinho maior? Eles restringem-se se calhar por medo, se calhar por terem estado mais isolados nos últimos anos?

Entrevistado: Eu julgo que não será por medo, mas talvez por habituação. Acho que eles fazem isso um bocado, faziam pelo menos na altura, agora não sei não tenho tido muito contato, mas na altura faziam isso um pouco por habitação, era muito raro vê-los a conversarem todos juntos ou a combinarem todos irem tomar um copo, e lembro-me primeiro, por exemplo, no meu primeiro ano nós aos, todos os domingos mandamos uma mensagem para o chat da turma dizíamos “olha quem está por Braga?”, “Quem quer vir tomar café?”, e às vezes juntava-se turma toda, e vê-se claramente que eles não têm, que eles não tiveram essa parte e mesmo no início nunca os via a sair à noite, eu às vezes saía ia ali aos bares e nunca havia pessoas no primeiro ano.

Entrevistador: Tentando pensar numa perspectiva económica, que eu sei que é um bocadinho difícil, mas tentando olhar para aquilo que os outros entrevistados me foram dizendo, eles abordaram a questão da biblioteca estar fechada e o acesso a bibliografia ter ficado condicionado, eu não sei se no teu curso tu precisas frequentemente de bibliografia, mas analisando esses condicionamentos e muito particularmente no caso de pessoas com maiores dificuldades económicas, por exemplo, uma pessoa que tenha bolsa e que o dinheiro seja contado, já numa época normal, numa situação pandémica, essa pessoa não terá dinheiro para comprar um livro, por exemplo, achas que (Fui interrompida pela entrevistada)

Entrevistado: Isso é falta de informação. Isso foi falta de informação e talvez falta de divulgação por parte da universidade e por parte da biblioteca porque eu cheguei a aceder livro online, eles chegaram a disponibilizar algumas das obras que tinham online.

Entrevistador: Ok.

Entrevistador: E acho que foi uma coisa boa que eles fizeram, por acaso. Agora o facto de a biblioteca estar fechada acho que teve um impacto maior, por exemplo, em pessoas que não têm condições em casa para estudar e que utilizam muito a biblioteca para estudar. Pessoal dos Açores, da Madeira que acabou por ficar cá, eu tive uma amiga minha que é dos Açores e na primeira, no primeiro confinamento era suposto ser só 15 dias, ela não foi a casa o confinamento todo e ficou cá, e como ela havia mais pessoal assim e a universidade nestes casos não deu o apoio necessário. A cantina não existiu, a biblioteca não existia, a universidade estava praticamente fechada e mesmo esses esses estudantes foram deixados, os que estavam na residência até iam tendo algum apoio os que não estão não tinham apoio nenhum acho que aí, acho que aí, se notou muito as dificuldades sim. Acho que foi mais por aí do que o acesso aos livros, o acesso aos livros não notei tanto, porque lá está, eu cheguei a aceder a um ou dois livros no site da biblioteca.

Entrevistador: No caso dessa tua amiga, achas que faltou o apoio da universidade e faltou apoio, por exemplo da associação académica?

Entrevistado: Claramente

Entrevistador: Achas que não teve uma base de apoio?

Entrevistador: Sim, ela estava sozinha.

Entrevistador: Achas que a universidade e as associações que nos representam não delinearam estratégias para o aluno que ficou na universidade, que ficou a viver a viver perto da universidade, que não vivia nas residências, porque sabemos que as residências são insuficientes para tantos alunos a falta de residências na universidade é um (fui interrompida pela entrevistada).

Entrevistado: É um facto

Entrevistador: São dados que comprovam que a falta de vagas nas residências e mesmo fora é complicado. Não falando dos alunos que estavam na residência porque se calhar é uma realidade que tu não conheces, mas falando desse caso concreto que se calhar estava num quarto que tinha alugado (fui interrompida pela entrevistada).

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Ela ficou sem apoio?

Entrevistado: Sim. Completamente.

Entrevistador: Agora passando para a saúde mental. Sentes que a saúde mental dos alunos universitários foi afetada pelos confinamentos e a falta de convivência com os colegas de curso?

Entrevistado: Foi afetada e não foi tida em conta, claramente. Ninguém se lembrou dessa parte.

Entrevistador: Achas que a saúde mental ainda é desvalorizada mesmo depois da pandemia?

Entrevistado: Acho. Não acho, aliás tenho a certeza que é. Completamente eu sei porque eu tenho conversas, e tenho tido muitos amigos que ultimamente me dizem que, não sei se é por andar em psicologia, e falando comigo e desabafo sobre essa parte desde a pandemia tem tido, muitos ataques de pânico, ansiedade e eu digo-lhes claramente andas com ansiedade, procura um profissional e a maior parte do que me responde é “eu não quero ir ao psicólogo”, “eu não sou maluco”, “eu não preciso de ir ao psicólogo”.

Entrevistador: Existe o tabu?

Entrevistado: Existe. Está mais desconstruído, fala-se mais continua lá ainda não foi completamente, a maior parte da população ainda não aceitou que pode ajudar.

Entrevistador: Existe um preconceito quando se fala de saúde mental?

Entrevistado: Muito. Um preconceito muito grande quando se fala de saúde mental. Existe uma situação que é, a universidade devia ser a primeira promover a sua mental e faz exatamente o contrário. Nós vemos e eu por mim falo que a minha escola é uma escola que devia promover a saúde mental antes de qualquer outra escola porque é a escola psicologia,

nós temos, eu cheguei a ter 7 testes em 5 dias 6 testes em 5 dias todos seguidos isto não é bom para a saúde mental de ninguém, eles têm noção disso, já falamos sobre isso, estou farta de bater na mesma tecla eu e os meus colegas todos e ninguém faz nada, a universidade sabe que isso acontece e deixa acontecer. Toda a gente sabe que a pandemia foi difícil para todos, mas a universidade devia ter dado apoio e não deu e não está a dar. Eu, por exemplo, hoje tentei marcar uma consulta de psicologia para mim e eu estava a ser seguida na APSI e posso continuar a ser lá por comecei a ser antes de os alunos psicologia não poderem continuar a ser atendentes na APSI, as minhas consultas por ser estudantes eram 20 EUR, passaram para 30 EUR neste momento, eu tenho que pagar 30 EUR por consulta, isto é inconcebível e mesmo que eu vá ao centro médico pago 20 EUR por consulto, no centro médico da universidade isto não faz, isto não é promover a saúde mental e existem universidades e escolas em que estas consultas de psicologia são gratuitas para os estudantes e é o que faz sentido.

Entrevistador: Existindo esse tabu e existindo a necessidade de tentar combater o preconceito que existe sobre a saúde mental em Portugal e focando-nos nos estudantes universitários, quais é que achas que são as medidas necessárias para tentar combater esse preconceito?

Entrevistado: Pois. (pausa) Isso é mais complexo, mas sim falarmos sobre isso, falar mais sobre os problemas uma pessoa que está com problemas falar sobre isso, não sei bem. Mas eu não sinto tanto esse preconceito em pessoal universitário, eu sinto muito mais esse preconceito em pessoal mais adulto que já trabalha do que em pessoal universitário, eu sinto que o pessoal universitário que não vai ao psicólogo é pelo que eu estava a dizer, é porque uma consulta de psicologia custa os olhos da cara porque é verdade.

Entrevistador: Então, deixa-me tentar perceber achas que, por exemplo, promover-se a contratação de psicólogos para o Sistema Nacional de Saúde é fundamental? Uma vez que tu referes que um jovem universidade não vai ao psicólogo porque uma consulta é cara?

Entrevistado: Sim. Sem dúvida. O serviço nacional de saúde, para as escolas, para as universidades. As universidades precisam de mais psicólogos e as universidades precisam de psicólogos, psicólogos que façam consultas de graça, porque as universidades são sítios em que nós vemos depressão, ansiedade, tudo junto e cada vez mais agravado pela maneira como nós somos avaliados, pela maneira como os professores dão as aulas, tudo isso também pode

ser melhorado e talvez não, talvez muitas muitos dos problemas se resolvam não com consultas de psicologia, mas com uma mudança não num ensino, mas na forma como se avalia como como se direcionou ensino. Eu tenho uma opinião muito forte sobre o ensino em Portugal e a minha opinião é que o ensino em Portugal é muito virado para vamos ensinar para avaliar a seguir, vamos ensinar para os testes e eu sinto que hoje em dia estou no terceiro ano de psicologia daqui a 2 anos eu vou ser psicóloga e eu não sei metade do que eu acho que devia saber, eu não tenho experiência, eu nunca, eu nunca estive em contato com uma psicóloga a dar uma consulta na minha universidade, durante o meu curso todo, eu por acaso tive porque tive a sorte de ir tendo lá um contato com psicólogos e com psicólogas na minha escola que me deixava de estar em contato, mas numa universidade em que isso é possível fazer com consentimento com com supervisão, com cabeça, tronco e membros, uma coisa poderia ser feita, sei lá, no segundo ano uma pessoa ter contato eu estou neste momento no terceiro ano segundo semestre eu daqui 2-3 semanas vou ter que escolher o meu mestrado, eu por acaso sempre soube o que queria, mas tenho colegas meus que neste momento estou no de estão ali, caíram ali de para quedas, não fazem ideia o que é que vamos escolher, porque nunca tiveram contato, nunca falaram com ninguém, nunca lhes foi dito nada, até este momento o nosso curso estava virado para a investigação é uma coisa, isto acontece aconteceu-nos a nós em psicologia, acontece em todos os cursos, se calhar também te aconteceu no teu curso. É muita a teoria, evitar a teoria toda, toda, toda, toda, e provavelmente metade do que nós vamos aprendendo nós não vamos usar com tivemos a trabalhar, e talvez outras, outras competências que nós íamos precisar para quando fossemos trabalhar não são, não são trabalhadas durante, durante esse período, e sei lá, eu, uma competência que eu vejo muito que é necessário que é necessário em psicologia que é a empatia, eu olho para os meus colegas não tem empatia. É temos todos aquela maçã vamos todos competirem uns contra uns com os outros em vez de cooperarmos para um dia mais tarde, porque um dia mais tarde nós vamos ter de ter de trabalhar todos uns com os outros, é a realidade eu vou ter um ter um paciente que não posso atender por uma questão ética eu vou ter que passar a outro, convém eu conhecer outro psicólogo e ter uma relação com ele e não esta relação de competição. Eu acho que é uma coisa, lá está, outra coisa que falámos no outro dia na outra aula, uma coisa que está muito na no ensino português e esto está desde o primeiro ciclo, desde o primeiro ciclo que as pessoas vão dizendo “tens de trabalhar para ir para medicina”, “tens que ter uma média para poder escolher o teu curso” o importante não

são as notas, ou melhor podiam ser se as notas refletissem de facto aquilo que nós somos e aquilo que nós sabemos, mas na realidade as notas não refletem o que nós somos nem o que nós sabemos as notas refletem aquilo que nós decoramos ponto.

Entrevistador: Agora passando um bocadinho para parte da socialização. A socialização com os teus colegas sofreu alterações durante os confinamentos? Como é que conversavam?

Entrevistado: Olha, sofreu algumas alterações, no entanto eu acho que nós conseguimos arranjar assim uma solução mais prática, íamos falando sempre muito por Messenger, mas claro que eu tinha, tinha alguns grupos de amigos que íamos fazendo videochamadas e jogando, os jogos todos que apareceram nos confinamentos que toda a gente jogava em grupo, ia fazendo isso, no entanto, sinto aquela socialização do sair de uma aula e falar com a turma toda ou ir falar com este, ir falar com aquele, ou estar numa aula e mesmo na aula partilhar ideias e assim, isso não acontecia e mesmo nas aulas nem toda a gente falava e há, e outra coisa que acontecia era, mas por exemplo, estamos aqui as 2 com câmara ligada, mas tinha aulas em que estávamos 30 pessoas e havia 3 câmaras ligadas, a da professora, a minha e de outros colega meu. Não se via caras, não víamos caras, não víamos ninguém, víamos 2 pessoas numa aula inteira. Isso afetou-me muito, eu acho que afetou-me a mim, não sei se afetou os meus colegas, provavelmente os que não ligavam a câmara não lhes afetou, mas a mim causava-me pronto, não sei, assim uma comichãozinha.

Entrevistador: E no regresso à normalidade sobre alterações?

Entrevistado: Eu acho que no regresso da normalidade, no início estávamos todos assim um bocado ainda, o que é que se passa e ainda estávamos, o regresso ainda foi, ainda fui muito precoce, foi, ainda estávamos no meio de uma pandemia, ainda era muito difícil socializar e tudo, pá ia junto e assim, socializava mais, mas acho que depois acabou por ser muito soft até.

Entrevistador: Achas que quando voltaste à normalidade com o tempo voltou a conseguir se? (interrompida pelo entrevistado).

Entrevistado: Sim. Sim.

Entrevistador: Ok. Acabou a entrevista, não tenho mais questões. Eu agradeço imenso a colaboração, muito obrigada.

Entrevistado: De nada.

Entrevistador: Não sei se surgiu alguma dúvida, se tens alguma questão?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Então muito obrigada.